

Série *Pós-Graduação* 11



CONHECIMENTO EM CONSTRUÇÃO

percepções na área educacional

Organizadora
Francisca Costa
Eliel Unglaub
Vandeni Kunz

UNASPRESS



Centro Universitário Adventista de São Paulo
Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

**Administração da Entidade
Mantenedora (IAE)**

Diretor Presidente: Domingos José de Souza
Diretor Administrativo: Elnio Alvares de Freitas
Diretor Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães

Administração Geral do Unasp

Chanceler: Euler Pereira Bahia
Reitor: Martin Kuhn
Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Pró-Reitora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Pró-Reitor Administrativo: Elnio Alvares de Freitas
Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves

Campus Engenheiro Coelho

Diretor Geral: José Paulo Martini
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro S. Costa
Diretor de Graduação: Afonso Ligório Cardoso

Campus São Paulo

Diretor Geral: Douglas Jeferson Menslin
Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Maristela Martins
Diretor de Graduação: Ison Tercio Caetano

Campus Virtual

Diretor Geral: Valcenir do Vale Costa
Gerente Acadêmica: Andressa Jackeline Oliveira M. e Paiva

Faculdade de Teologia

Diretor: Reinaldo Wescestau Siqueira
Coordenador de Pós-Graduação: Ozeas Caldas Moura
Coordenador de Graduação: Vanderlei Dorneles

**Faculdade Adventista
de Hortolândia**

Diretor: Martin Kuhn
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Diretora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Diretor Administrativo: Elnio Alvares de Freitas
Diretor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves

Campus Hortolândia

Diretor Geral: Lélio Maximino Lellis
Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Eli Andrade Rocha Prates
Diretora de Graduação: Suzete Maia

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Editor: Rodrigo Follis

Editor Associado: Felipe Carmo

Conselho Editorial: José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Reinaldo Siqueira, Rodrigo Follis, Betania Lopes, Wilson Paroschi

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

Série *Pós-Graduação* 11



CONHECIMENTO EM CONSTRUÇÃO

percepções na área educacional

Organizadora
Francisca Costa
Eliel Unglaub
Vandeni Kunz

1ª Edição 2017

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 — Unasp
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000
(19) 3858-9055

www.unaspstore.com.br

www.unaspstore.com.br

Conhecimento em construção: percepções na
area educacional

1ª edição — 2017
e-book

Editoração: Rodrigo Follis, Felipe Carmo
Revisão: Leonardo Gulbert, Ricardo Santana
Normatização: Giulia Pradela, Vinicius Aguiar
Programação visual: Fábio Roberto

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Docência universitária em foco: a docência universitária nas multiáreas / Francisca Costa, Eliel Unglaub, Vandeni Kunz (org.). – 1. ed. – Engenheiro Coelho, SP : Unasp - Imprensa Universitária Adventista 2017. PDF

ISBN: 978-85-8463-078-3

1. Aconselhamento 2. Psicologia - Aspectos sociais

14-03589

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Aconselhamento: Teoria : Sociologia 302.2
2. Psicologia: Sociologia 302.2

041230

Editora associada:

 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Todos os direitos reservados para a Unasp - Imprensa Universitária Adventista.
Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia autorização escrita da editora*,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Sumário

9 Introdução

21 Muito além de dar aulas

Andressa Dalprá
ElieU Unglaub
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

33 O papel do currículo
na educação musical

Beatriz Magalhães Soares Silva
ElieU Unglaub
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

45 Desafio ao docente universitário:
como unir a teoria à prática

Caroline Câmara Piassa
ElieU Unglaub
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

59 Desafio ao Docente Universitário:
como unir a teoria à prática

Caroline Câmara Piassa
ElieU Unglaub
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

73 Educação a distância : história, conceito e processo de ensino na educação superior

Maristela Cristina Corrêa

Eliel Unglaub

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

89 Tecnologia e recursos pedagógicos: a praxe docente

Luciano Pereira Baia

Eliel Unglaub

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

105 As tecnologias da informação e comunicação: desafios para o professor universitário

Nataly Martins Castro Gomes

Eliel Unglaub

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

125 Brasil a grande seara para a EAD

Edvaldo de Melo Santhágatta

Eliel Unglaub

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

139 EAD: maior possibilidade para o docente despertar no aluno a busca do conhecimento

Anelize Baliani Barbosa Bueno

Eliel Unglaub

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

153 Os desafios e qualidade do ensino à distância

Oscar Nascimento Júnior

Eliel Unglaub

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

- 165 Desafios e tendências da educação no ensino superior no contexto da sociedade do conhecimento
Ester Kazumi Takaishi de Melo
Eliel Unglaub
Vandeni Clarice Kunz
- 177 Universitário eu? O papel do professor e do aluno: as habilidades necessárias para o ensino superior
Noemi Mota de Jesus
Eliel Unglaub
Francisca Pinheiro da Silveira Costa
- 189 Por uma avaliação dialógico-emancipatória: bakhtin e freire
Diego Pinto de Sousa
Eliel Unglaub
Francisca Pinheiro da Silveira Costa
- 207 O processo de aprendizagem na avaliação contínua e formativa
Laís Martins Carvalho
Andressa J. O. M. Paiva
Francisca Pinheiro da Silveira Costa
- 219 O processo de comunicação na gestão de projetos do terceiro setor
Eliel Unglaub
Denison Lehr Unglaub

Introdução

Este livro é resultado de um esforço coletivo de professores e alunos. É o resultado da participação direta de alunos que realizaram cursos de Pós-Graduação do UNASP, sob a responsabilidade da Doutora Francisca Costa, coordenadora de Pós-graduação do Unasp - Campus Engenheiro Coelho. As pesquisas apresentadas nesta obra retratam o interesse do aluno em determinado assunto, baseado nas linhas de pesquisa oferecidas por cada curso. O objetivo principal foi dar ao aluno a chance de fazer uma pesquisa que o envolvesse enquanto ele estudava em sala de aula. Na verdade, a pesquisa é um pré-requisito importante para o aluno produzir conhecimento, ampliar horizontes acadêmicos e preparar-se adequadamente para o mercado de trabalho.

O conhecimento multiplica-se rapidamente e a sociedade do conhecimento passou a ser uma realidade cada vez mais presente no dia a dia dos alunos, notadamente os alunos de pós-graduação que já estão, muitos deles inseridos no mercado de trabalho. Produzir conhecimento é uma necessidade e também pode ser prazeroso para o aluno, ao poder desfrutar

da alegria da descoberta, do sentido de realização pelo trabalho bem feito e pela satisfação que advém do senso do dever cumprido. O conceito de produção do conhecimento evoca a ideia de busca e pesquisa de temas que ofereçam a oportunidade de verdadeiramente construir algo novo, ou pelo menos ampliar conhecimentos já previamente conhecidos.

Os alunos do curso de Docência Universitária desenvolveram pesquisas em diversas áreas do conhecimento, sempre com o intuito de buscar, descobrir e construir o conhecimento, com seriedade e qualidade.

A seguir, apresentamos uma rápida ideia dos temas e assuntos pesquisados:

O processo de comunicação na gestão de projetos do terceiro setor

10

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as peculiaridades do processo de comunicação na gestão de projetos do terceiro setor. O terceiro setor diferencia-se do primeiro, que é representado pelo governo e do segundo representado pela iniciativa privado, ao passo que não faz parte do governo, mas suas atividades são eminentemente de caráter público. A gestão de projetos tem que ver com um esforço temporário em prol de um resultado específico. Dentro dos dois primeiros setores é muito comum a gestão de projetos, no entanto, no terceiro setor há algumas características que distinguem a gestão de projetos comum da gestão de projetos sociais. O processo da comunicação é um dos mais importantes em toda a gestão de projetos, sem uma boa comunicação

todo o andamento deste fica comprometido. No terceiro setor, o processo de comunicação é ainda mais importante.

O papel do currículo na Educação Musical

A presente pesquisa tem como objetivo principal realizar uma análise crítica acerca da questão do currículo na Educação Musical brasileira. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico nos periódicos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a partir do ano 2000. Esse material bibliográfico permitiu verificar o quanto essa temática é presente/ausente nas reflexões dos profissionais da área, além de compreender as diferentes formas de conexões entre Currículo e Educação Musical elaboradas. Foi necessário recorrer ainda aos estudos sobre Currículo, sobretudo para compreender as contribuições das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas para pensar o currículo musical. Na busca de um melhor aprimoramento no nosso planejamento pedagógico, para que nossos profissionais de música consigam consolidar um aprimoramento do nosso planejamento nas escolas particulares como privadas.

11

Por uma avaliação dialógico-emancipatória: Bakhtin e Freire

Como dimensão presente em todas as manifestações e esferas de atividade humana, a avaliação sempre exerceu papel relevante. No labor

educativo a avaliação vivencia tempos de crises de identidade e de aplicação, uma vez que não atende à complexidade do tempo presente. As carências e dificuldades que engendram o processo de avaliação na educação universitária atualmente — justificam, postulam e fazem emergir a inquietação (e objetivo) deste artigo, a saber: seria possível forjar uma esteira teórico-prática, a fim de subsidiar uma Avaliação emancipatória? A reflexão é estabelecida a partir do diálogo e confluência — introdutórios e propositivos — de elementos teóricos de dois pensadores: o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e o cientista da educação Paulo Freire. A afluência entre esses autores pode promover um olhar crítico sobre o fenômeno da avaliação em terreno universitário, um olhar dialógico-emancipatório, especificamente.

Brasil a grande seara para a EAD

Este artigo trata da grande oportunidade para os docentes do ensino superior em um país como o Brasil, com dimensões continentais, cheio de necessidades, sendo talvez a de maior prioridade a educação. Apesar de a educação a distância ser vista por muitos como fraca e até desacreditada, pode servir como um grande desafio de se implantar um ensino de qualidade e de fácil acesso, desde os lugares mais densamente habitados até os mais distantes vilarejos e rincões deste país, alcançando pessoas das mais diferenciadas classes econômicas e sociais. A educação a distância pode levar a muitos, esperança, oportunidade, crescimento e satisfação, e, o professor pode ser esse grande agente transformador em localidades desconhecidas e esquecidas, levando conhecimento e

libertação. O Brasil é uma grande seara para a educação e os profissionais da docência têm um papel fundamental nesse campo fértil e potencialmente produtivo. O campo é imenso e os trabalhadores ainda são poucos.

Desafios e tendências da educação no ensino superior no contexto da sociedade do conhecimento

Tem por objetivo identificar os desafios e tendências da Educação no Ensino Superior, em consideração às grandes mudanças culturais, tecnológicas, políticas e sociais ocorridas na sociedade nos últimos anos. Avanços tecnológicos combinados às demandas do mercado pressionam a figura da Universidade, de modo que seu papel e função precisam ser repensados, assim como os métodos utilizados dentro das salas de aulas pelos docentes. Mudanças curriculares estão em processo, visando atender melhor às necessidades dos estudantes que estão sendo formados. Muito mais abertos, os sistemas atuais buscam a transversalidade e a interdisciplinaridade e, desta forma, propiciam uma formação mais completa aos estudantes, contribuindo para a formação e criação de conhecimento.

13

O processo de aprendizagem na avaliação contínua e formativa

O presente artigo pretende averiguar como ocorre e quais são os processos da aprendizagem quando se é utilizada a avaliação formativa,

que objetiva um conhecimento pautado no indivíduo, no qual, por meio de avaliações diagnósticas, almeja compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem. Pesquisas bibliográficas sobre avaliação foram realizadas para inferir se as instituições educacionais estão utilizando a avaliação formativa ou permanecem no tradicionalismo das avaliações classificatórias. O intento é conhecer o papel das instituições, professores e estudantes no que se refere ao aprendizado e a relevância dessa avaliação no desenvolvimento holístico do ser humano, que envolve o cognitivo, afetivo e psicomotor. As instituições governamentais, por meio de leis e parâmetros curriculares, constataram o valor da avaliação formativa para o processo de aprendizagem, no entanto, é notável resistência por parte de professores e instituições educacionais que estão arraigadas ao tradicionalismo.

14

Tecnologia e recursos pedagógicos: a práxis docente

A tecnologia tem entrado abundantemente em nosso convívio a ponto de imaginarmos uma vida muito difícil sem à mesma, porém na escola a velocidade que a tecnologia tem entrado não é a mesma. Percebe-se a estrutura dos estabelecimentos de ensino e o corpo docente atrasado em relação à expectativa do corpo discente. Em alguns casos, a causa raiz está ligada à escola por não investir nesta direção, em outros casos é o docente, ou por falta de conhecimento em tecnologia, ou por receio de perder o controle do ensino. O docente pode, independentemente do incentivo da escola, avançar em direção

ao ensino com o uso de tecnologia moderna atendendo o anseio do corpo discente. Este artigo, portanto, vem ao encontro desta vertente atuando em prol do profissional do ensino, proporcionando noções das práxis no uso da tecnologia atual de forma iniciante, simples e, em muitos exemplos citados, sem custo.

Os desafios e qualidade do ensino à distância

Com o avanço e a melhoria da tecnologia e dos meios de comunicação, principalmente da internet e redes *online* de interação, tal instrumento tem sido utilizado, como meio, para transmitir o conhecimento e o saber para os alunos, não de modo presencial, mas pelo ensino a distância. E este método de ensino, tem gerado dúvidas e receios, entre alunos e docentes, quanto à didática e sua eficácia na qualidade do ensino, bem como o não aprendizado por ausência do professor na forma física e presencial.

15

Universitário eu? O papel do professor e do aluno: as habilidades necessárias para o ensino superior

Este trabalho pontua o papel do professor e do aluno com relação ao ensino-aprendizagem no ensino superior. Trata-se de uma reflexão sobre as habilidades adquiridas durante o ensino médio da escola pública e como estas auxiliam os alunos durante o curso universitário.

Portanto, fica aqui o convite ao querido leitor para conhecer aquilo que foi pesquisado pelos alunos do Unasp. Com certeza, servirá de inspiração para a busca sempre contínua de novos horizontes do saber e a descoberta de novos saberes construídos.

Muito Além de Dar Aulas

A profissão professor pode ir muito além de dar aulas. Porém, depende da escolha do docente. Ser um mestre no sentido pleno da palavra, que em sua sala de aulas o real aprendizado acontece, que influencia e transforma vidas, ou ser um ineficaz transmissor de conteúdo, muitas vezes lembrado por sua incompetência ou falta de carisma. Não se cogita que a importância do conhecimento científico é fundamental e o ponto de partida para se entrar na área da docência, mas não faz de um profissional um docente. O interesse genuíno por seus educandos, pelo aprendizado dos mesmos e o estudo da didática é que farão a diferença.

16

EAD: maior possibilidade para o docente despertar no aluno a busca do conhecimento

A necessidade de uma qualificação profissional e a falta de tempo das pessoas tornou-se uma característica muito comum nos tempos atuais. Levar o ensino até o interessado fez da EAD uma modalidade alternativa que a cada ano ganha milhares de alunos no mundo. Mas

o docente está preparado para o uso das novas tecnologias? O docente sabe da influência e importância que têm como mediador para despertar o interesse no aluno a buscar o conhecimento? Sabe como essa modalidade de ensino quando bem desenvolvida pode ajudar o aluno ser autônomo, pesquisador e construtor do conhecimento? Esse trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, e têm como objetivo mostrar para o docente o aumento de alunos matriculados na EAD, a necessidade da qualificação profissional do docente na EAD, e a maior possibilidade que têm para incentivar o aluno a buscado conhecimento.

Desafio ao docente universitário: como unir a teoria à prática

17

São inúmeros os desafios que permeiam a trajetória do docente universitário, desde a sua formação, até chegar à sala de aulas para lecionar. Um dos problemas que ele enfrenta (talvez o mais importante e preocupante, em se tratando de ensino-aprendizagem) é não conseguir aplicar o que estudou durante anos. Partindo do pressuposto de que professores do ensino superior devem não somente internalizar o conteúdo aprendido, mas também aplicar esse conteúdo de forma proveitosa a seus alunos (afinal, não adianta possuir um alto nível de conhecimento e não saber aplicá-lo na prática), o artigo apresentará essa problemática, e trará possíveis meios de se melhorar, em aspectos práticos, a teoria aplicada. A partir das pesquisas realizadas em caráter exploratório descritivo e como fonte de dados, pesquisas

bibliográficas sobre o assunto, notar-se-á o evidente despreparo do profissional em relação ao conteúdo estudado e a aplicação deste, e também a urgência de mudanças no esquema de instrução docente, para que o professor possa colocar em prática o que aprendeu, de forma produtiva e eficaz.

As tecnologias da informação e comunicação: desafios para o professor universitário

18 O presente trabalho insere-se no contexto de constantes transformações advindas de uma sociedade globalizada, pressupondo sua influência nas instituições de Educação Superior. Apresenta o cenário atual, influenciado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que adentram o âmbito educacional e exigem mudanças no currículo, práticas pedagógicas e desenvolvimento de habilidades e competências no processo de ensino. Tem como perspectiva a discussão dos desafios que o professor universitário encontra em sua prática durante a utilização das TICs na sala de aula, como inovação educacional coerente com as novas demandas sociais nas quais os alunos estão inclusos. Com base numa pesquisa do tipo levantamento bibliográfico, buscou-se apresentar os principais aspectos referentes à relação das TICs com a aprendizagem mediada pelo docente e expor quais fatores interferem na aquisição de metodologias com uso da tecnologia em sala de aula.

Convido você, leitor a acompanhar capítulo por capítulo os resultados dessas pesquisas como uma contribuição e também como

uma oportunidade de construção do conhecimento feita com dedicação e seriedade pelos nossos alunos e convidados.

Eliel Unglaub

Muito além de dar aulas

Andressa Dalprá¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: A profissão professor pode ir muito além de dar aulas. Porém, depende da escolha do docente. Ser um mestre no sentido pleno da palavra, que em sua sala de aulas o real aprendizado acontece, que influencia e transforma vidas, ou ser um ineficaz transmissor de conteúdo, muitas vezes lembrado por sua incompetência ou falta de carisma. Não se cogita que a importância do conhecimento científico é

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.dalpra@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

fundamental e o ponto de partida para se entrar na área da docência, mas não faz de um profissional um docente. O interesse genuíno por seus educandos, pelo aprendizado dos mesmos e o estudo da didática é que farão a diferença.

Palavras-chave: Professor; Aulas; Aprendizado; Didática.

Abstract: The profession of a professor may go way beyond teaching classes. However, it depends on the choice of the professional. He or she may be a Master in the full sense of the word, able to make the real learning happen in his or her classes and influence lives or an ineffective transmitter of content, often remembered as incompetent or for the lack of charisma. There is no question that the scientific knowledge is critical and the starting point to enter the teaching field, but knowledge by itself does not make the scientist a professor. The genuine interest for the students, their learning and the research on teaching methodologies will make the difference.

Keywords: Professor; Classes; Learning; Teaching; Methodologies.

Introdução

Como em qualquer área, na docência também se pode escolher ser um profissional medíocre ou ir além de sua mera obrigação, sendo uma fonte de inspiração a seus alunos e, realmente, ensiná-los algo. A

profissão professor é um tanto ingrata, pois fazer apenas sua obrigação não é suficiente. Para fazer seus alunos realmente aprenderem, ele precisa ir muito além de dar aulas.

Existem aqueles que querem sempre dar o seu melhor, fazendo a diferença na vida de seus alunos, e têm por gosto de ver o real aprendizado ocorrendo em sua sala de aula. Almejam por uma história diferente da tão popularmente ocorrida nos corredores de nossas universidades, das aulas mal ministradas, do aprendizado não ocorrido, das avaliações aterrorizantes e dos professores que assombram a vida e os sonhos dos estudantes. Percebemos, então, que o professor tem em suas mãos a escolha de ser um mestre carismático, ou até um destruidor de almas.

A questão é: os professores estão interessados em ir além? Infelizmente o que tenho visto, pela minha experiência como estudante, em algumas universidades por onde tenho passado, por conversar com colegas graduandos de diversos cursos e pela literatura, é que a maioria mal se interessa em dar uma aula entendível, ou alguns nem isso: os docentes são mencionados como desinteressados no aprendizado do aluno, ou não sabem transmitir o conhecimento que têm. Sendo assim, gostaria de alertar os colegas para essa realidade tão presente e ajudar a mudar essa perspectiva, através dessa pesquisa e da visão que tenho como docente e aluna ao mesmo tempo.

Não acho impossível mudarmos esse quadro, muito menos difícil. Sei que nenhum professor é incapaz de ensinar verdadeiramente seus pupilos, se assim o quiser, mas somente se abrir sua mente para o quanto está perdendo em ser tão raso em seu trabalho, trabalho esse que pode ter uma abrangência tão grande na vida do docente.

A mudança pode ocorrer através de uma decisão de ter mais interesse por aqueles que almejem aprender e buscar mais conhecimento didático, pois muitos não receberam em sua formação acadêmica instrução didática aprofundada, que deveria receber quase tanta importância quanto o conhecimento científico.

“É gosto pervertido satisfazer-se com a mediocridade quando o ótimo está ao nosso alcance” Isaac D’Israeli.

Desenvolvimento

24 Ao longo de minha trajetória de educação, especialmente em universidades por onde tenho passado, em conversas com colegas graduandos de diversos cursos e pela literatura, algo me chama muito a atenção: a diferença dos professores. Acredito que não somente eu, mas todos percebem o mesmo.

Quem nunca teve um professor inspirador, que a palavra “professor” nem cabia a ele, sendo pequena demais. Mestre ou mentor, acredito se encaixar melhor para esta classe (aquele que realmente se interessa em fazer seus alunos aprenderem). Suas aulas têm um algo a mais, em quem é notável o desejo pelo aprendizado do aluno, bem como o próprio aluno também deseja aprender. Observador e atento à necessidade dos discentes, sabe ouvir com paciência e humildade uma mente imatura, avaliar sua crítica ou sugestão, ser humilde e aberto às mudanças, pois muitas vezes o aprendiz pode ensinar e surpreender seu mestre.

Esse professor foi alguém que não só nos fez entender a matéria que estava explicando, mas nos motivou para algo maior, que tocou nossa alma de alguma forma, deixando a marca positiva e que até hoje somos influenciados por ela. Aquele que passou do raso grau de transmissor de conteúdos e se tornou um influenciador. Que nos mostrou alguma nuance da vida ainda não notada, trazendo um crescimento significativo, inspiração e vontade de seguir os passos, pois admiramos suas atitudes. Alguém que nos traz o desejo de nos tornarmos iguais, pois sua influência nos faz querer progredir, nos ajudando a achar a direção de nosso caminho. Aquele do qual falamos para amigos e familiares e que, após muitos anos, não nos esqueçemos, pois foi alguém que mudou em partes o curso de nossa vida, e esse jamais esquecemos.

Há também aquele professor cujas aulas são monótonas, pois não conseguimos entender o que ele está explicando, e é notória sua falta de interesse em fazer o aluno aprender. Qualquer aluno, por mais relapso que seja, consegue perceber um professor desinteressado, que está ali meramente para dar sua aula e ir embora. Às vezes até tem vontade que os alunos entendam a matéria, porém lhe falta didática para alcançar o aprendizado deles.

Muitos professores não têm interesse pelos educandos. Quase sempre são profissionais cheios de títulos, com capacidade científica perceptível até mesmo por seus aprendizes, porém sem interesse verdadeiro por parte deles, pela maestria da profissão. Alguém cujas avaliações trazem pavor, e até trauma em alguns alunos, destituído de humildade para ouvir uma crítica ou sugestão de alguém que está

abaixo de si que, por vezes, usa de grosseria e até descaso com seus aprendizes; não tem consideração, paciência e empatia, dificultando mais ainda o aprendizado do acadêmico.

Essa profissão vai muito além de transmitir conhecimento. Quando isso é deixado de lado, o aprendiz percebe e essa lacuna prejudica o aprendizado e até o bom andamento da aula.

A respeito da aprendizagem deficiente, segundo Steiner (2005, p. 31),

A rotina pedagógica, um estilo instrução cínico — quer seja o cinismo consciente ou não — são perniciosos. Destroem a esperança pelas raízes. O mau ensino é, quase literalmente, assassino e, metaforicamente, um pecado. Ele diminui o aluno, reduz a insanidade abjeta e o assunto apresentado.

26

Me sensibiliza a ideia de uma profissão ter a oportunidade de tocar uma vida a ponto de transformá-la. O poder de influência do mestre interessado é incomensurável. Não consigo me conformar com o fato de um profissional ter tamanho poder nas mãos e se contentar em apenas dar aulas, muitas vezes incompreendidas. Isso é conformar-se com a mediocridade quando o ótimo está ao nosso alcance. Nossos alunos chegam até nós sedentos, necessitados, com uma mente jovem e aberta ao aprendizado e às influências que escolhermos colocar neles.

Mestres verdadeiros, incendiários das almas nascentes de seus alunos, são muito raros, mais do que artistas virtuosos ou sábios. Na verdade, a maioria daqueles a quem confiamos nossos filhos desde a escola secundária, aqueles em quem procuramos orientação

e exemplo na universidade, são, em maior ou menor intensidade, gentis coveiros (STEINER, 2005).

A eficácia no ensino superior é grandemente atribuída ao professor que através da bagagem que carrega, do seu caráter, conduta e comportamento, influencia grandemente a vida dos estudantes, e além de ser um transmissor de informações pode ser mentor, líder, instrutor, educador, modelo de professor e profissional, diagnosticador de necessidades, facilitador de aprendizagem, assessor do estudante, *coach*, agente de socialização, motivador, conselheiro entre várias outras funções de grande atuação na vida dos alunos (GIL, 2009).

Sendo assim, pode escolher ser um profissional atento e dedicado, para que essa atuação seja benéfica, tanto na vida acadêmica, como profissional e social. Porém, está além de sua decisão o influenciar ou não e, caso não se importe com este importante papel que desempenha na vida de seus acadêmicos, poderá em sua maioria fazê-lo negativamente.

Muitos professores não se atentam ou não se importam com esse poder que têm sobre a vida de seus alunos. Mas, aqueles que não apenas se atentam, como se dedicam em sua inevitável função de influenciadores, são considerados muito além de educadores: mestres. Podem se beneficiar do prazer de verem um pouco de si no acadêmico e futuro profissional, ajudá-lo a ser um cidadão de bem, alguém que possa contribuir para uma sociedade melhor, também a desenvolver todo seu potencial, que em grande parte poderia ficar escondido sem que nem mesmo o próprio soubesse que o tinha. Segundo Steiner (2005 p. 222), “Não há trabalho mais privilegiado. Despertar em

outro ser humano poderes e sonhos que vão além dos seus próprios; induzir em outros o amor por aquilo que se ama”.

Há uma grande necessidade de muitos docentes universitários acordarem para essa realidade inevitável, pois alguns ainda acreditam que transmitir o saber é suficiente, porém essa é uma ideia ultrapassada: colocar a aprendizagem na prática como objetivo central da formação dos alunos significa iniciar pela alteração da pergunta que fazemos regularmente quando vamos preparar nossas aulas — o que devo ensinar a meus alunos? Por outra mais coerente, o que meus alunos precisam aprender para se tornarem cidadãos profissionais competentes numa sociedade contemporânea? Se fizermos essa experiência em nosso trabalho docente, veremos as implicações e as modificações que resultarão de imediato, em nossas práticas pedagógicas (MASETTO, 1998, p.12).

28

Assim como eu acredito que há muitos docentes interessados em serem mestres inspiradores e há também aqueles que não são, a humildade pode fazê-los perceberem que precisam de mudança. Eu quero ser excelente no que faço, e sei que há um grande caminho a percorrer, pois a competência não é um estado e sim um processo. Mas, se houver interesse, a perspectiva de serem raros os professores universitários que se interessam pelo aprendizado do aluno podem mudar.

O primeiro passo é entendermos que nossos alunos não são iguais e, por isso, não aprendem da mesma forma. Precisamos saber que ensinar não é o mesmo que aprender. Por isso, se o aluno não aprender, todo esforço feito para ensiná-lo estará perdido (BORDENAVE, 1995).

A aprendizagem dos alunos é diferente em cada ser humano e também mudando de um curso para outro. E isso é tão lógico, pois

sabemos que cada pessoa é diferente uma da outra, não somos robôs, portanto, não há a possibilidade de o aprendizado ser igual, assim como a diversificação das pessoas existe precisa existir na maneira de ensinar.

Há aqueles que aprendem com base na visualização, outros na cinestesia. Há ainda os auditivos. Sabemos que existem diferentes tipos de inteligência, segundo a teoria das inteligências múltiplas, desenvolvida em 1980, por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Harvard, liderada pelo psicólogo americano Howard Gardner. A teoria afirma que uma criança que aprende a multiplicar números facilmente não é necessariamente mais inteligente do que outra que tenha habilidades mais fortes em outro tipo de inteligência. A criança que leva mais tempo para dominar uma multiplicação simples, pode aprender melhor a multiplicar através de uma abordagem diferente. Cada uma possui uma diferente maneira de assimilar conteúdo (CUNHA, 1996).

Um exemplo incrível, de alguém que escolheu sair do comum para o extraordinário, foi Knute Rockne, que jogou no time da universidade de Notre Dame, com sua famosa vitória de 1913 sobre a U.S. Military Academy. Por conta dessa vitória, em 1914, Rockne passou a assistente de treinador e, quatro anos depois, já era o treinador titular e diretor de esportes. Nos 13 anos que se seguiram, foi estabelecido um recorde inédito: 105 vitórias, contra apenas 12 derrotas e 5 empates.

Por mais extraordinário que tenha sido seu generalato no campo, a verdadeira glória de Knute está na geração de técnicos que criou, feito esse sem paralelo em qualquer outro esporte (ou empreendimento pedagógico). Ele foi, acima de tudo, um professor de professores, um Mestre cujos discípulos, por sua vez, disseminariam e aperfeiçoariam suas doutrinas.

Quando Rockne morreu, em um acidente de avião em Kansas, em março de 1931, mais de duzentos atletas que haviam jogado sob sua orientação tinham abraçado a profissão de treinador. Noventa deles trabalhavam em universidades, sendo que quase 40 eram titulares. Ter jogado sob as ordens de Rockne, era praticamente garantia de emprego ao se formar. Doze treinadores seniores haviam jogado no time de 1919 e 11 vieram do time de 1922. Eles espalharam por todo o país as ideias e técnicas de Rockne.

O mestre insistia em dizer que seus métodos não tinham segredo algum. Eles consistiam apenas em detalhes coreográficos e disciplina na execução de algumas jogadas básicas. Uma precisão que dava aos atletas uma confiança imbatível. Knute Rockne considerava seus discípulos uma família. Mantinha-se sempre em contato com eles, dava-lhes conselhos pessoais e profissionais, enviava-lhes presentes de casamento e sempre perguntava pelas esposas e filhos.

30

De alguma forma, Knute Rockne foi capaz de dar o exemplo, de transmitir o senso comum da vitória tecnicamente aperfeiçoado. Não houve um Píndaro para imortalizar sua proeza carismática, porém, mais de cem mil pessoas viajaram para South Bend a fim de acompanhar seu enterro (STEINER, 2005).

Considerações finais

Diante de tudo aqui descrito, podemos concluir que o professor universitário, muito além de adquirir conhecimentos científicos, precisa adquirir conhecimentos didáticos. Deve entender como os

alunos aprendem, pois não adianta tentar ensinar do mesmo jeito para todos, porque a maioria não irá assimilar.

O conhecimento científico é sim necessário, pois ninguém consegue ensinar algo que não sabe. Porém, tão necessário quanto este é conhecimento didático. Saber ensinar para diferentes mentes é tão necessário quanto saber o que se ensina. Não é difícil buscar esse tipo de conhecimento, porque existe muita literatura, cursos de pós-graduação, entre outros para auxiliar o docente nesse sentido, especialmente para aqueles que não tiveram esse tipo de conhecimento em sua graduação (normalmente nos cursos bacharelados), o que se precisa é apenas o profissional se dar conta dessa necessidade e aceitar aprimorar-se nesse sentido.

Isso fará toda a diferença em suas aulas, não só para os alunos, mas para o professor também. Como diria Woodrow Wilson, “uso não só a inteligência que tenho, mas toda que puder tomar emprestado”, nenhum de nós tem a obrigação de saber tudo, mas todos temos a obrigação de correr atrás do que nos falta. E, obviamente, precisamos decidir fazer diferença na vida de nossos pupilos, aceitarmos a maestria de nossa profissão e sermos aqueles mestres inspiradores e transformadores de almas que podemos ser.

Talvez esteja sendo muito audaciosa com esse escrito, mas meu objetivo é inspirar colegas, assim como eu fui inspirada a fazer diferente, a querer excelência no exercício de minha profissão.

Podemos ser mestres para nossos discentes. Temos em mãos o privilégio de poder tocar almas, então, como podemos nos contentar em apenas dar aulas? Temos, a cada semestre, histórias de vida diferentes e magníficas à nossa frente e vamos ignorar como meros alunos, ou vamos conhecer, tocar, marcar essas vidas de maneira positiva e eterna? Essas

mentes chegam até nós imaturas, sim, mas abertas, sedentas de conhecimento e inspiração, como massinhas de modelar, e podemos dar à elas a forma que quisermos. Podemos ser agentes de transformação, deixando um legado, e qual legado é maior do que a marca na alma de uma pessoa?

Há uma escolha pessoal a se fazer: ser medíocre ou sublime. E, se até então, não éramos sublimes, podemos começar essa caminhada agora, aceitando o privilégio magnífico que nos foi concedido junto à essa ilustre profissão. Eu escolho a excelência. Olhar para traz após muitos anos lecionando e ver tantas vidas mudadas, influenciadas, com uma marca minha, que tomaram um rumo melhor, que fizeram escolhas acertadas por minha entrada na vida delas. E você?

Referências

- BORDENAVE, D. J.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CUNHA, M. I.; LEITE, D. C. **Decisões pedagógicas e estruturas de poder na universidade**. Campinas: Papirus, 1996.
- GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.
- MASETTO, M. T. **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998.
- STEINER, G. **Lições dos mestres**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

O papel do currículo na educação musical

Beatriz Magalhães Soares Silva¹

Eiel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma análise crítica acerca da questão do currículo na Educação Musical brasileira. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico nos periódicos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Licenciada em Educação Artística-Música. E-mail: bia.silvaunai@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

partir do ano 2000. Esse material bibliográfico permitiu verificar o quanto essa temática é presente/ausente nas reflexões dos profissionais da área, além de compreender as diferentes formas de conexões entre Currículo e Educação Musical elaboradas. Foi necessário recorrer ainda aos estudos sobre Currículo, sobretudo para compreender as contribuições das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas para pensar o currículo musical. Na busca de um melhor aprimoramento no nosso planejamento pedagógico, para que nossos profissionais de música consigam consolidar um aprimoramento do nosso planejamento nas escolas particulares como privadas.

Palavras-chave: Educação Musical; Currículo; Música na escola.

34

Abstract: This article aims to perform a critical analysis about the curriculum issue in Brazilian Music Education. Thus, a literature review in journals of the Association of Music Education (ABEM) was done, from the year 2000. This bibliography has shown how this theme is present / absent in the reflections of professionals, as well as understand the different forms of connections between curriculum and elaborate musical education. It was also necessary to resort to studies curriculum, especially to understand the contributions of traditional theories, critical and post- critical to think the music curriculum. In search of a better improvement in our educational planning, so that our music professionals able to consolidate an enhancement of our planning in private schools and private.

Keywords: Music Education ; curriculum; Music at school.

Introdução

Muito se tem discutido, recentemente, acerca do papel do currículo no ensino regular, e diante disso, este texto tem como objetivo que a Educação Musical deva fazer parte de um currículo que vise o desenvolvimento integral do aluno.

Diante dos momentos em que nos deparamos na Educação Musical Brasileira, é relevante salientarmos um dos pontos importantes para o nosso ensino regular o fato do papel do currículo podendo ser definido como programa de atividades planejadas e ordenadas metodologicamente sendo este tal uma forma do saber e também de um conhecimento sistemático do processo pedagógico de ensino e aprendizagem. E a grande indagação fica: qual currículo deve ser assumido? Quais conteúdos musicais devem ser trabalhados com os alunos da educação básica?

Diante de tais demandas dentro do nosso conteúdo educacional, percebemos um enorme universo a ser conquistado, fazendo como atribuição a Teoria do Currículo como componente de nossa formação como indivíduos, da nossa própria identidade, de quem somos, da nossa cosmovisão de mundo, enfim de valores e princípios que temos e adquirimos por intermédio do acesso ao saber elaborado.

O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma análise crítica acerca da questão do currículo na Educação Musical brasileira. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico nos periódicos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a partir do ano 2000. Esse material bibliográfico permitiu verificar o quanto essa temática é

presente/ausente nas reflexões dos profissionais da área, além de compreender as diferentes formas de conexões entre Currículo e Educação Musical elaboradas. Foi necessário recorrer ainda aos estudos sobre Currículo, sobretudo para compreender as contribuições das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas para pensar o currículo musical. Na busca de um melhor aprimoramento no nosso planejamento pedagógico, para que nossos profissionais de música consigam consolidar um aprimoramento do nosso planejamento nas escolas particulares como privadas.

Desenvolvimento

36

Diante da análise, serão destacadas a seguir temáticas dos autores com relação ao campo de estudo do currículo musical. Segundo Saviani (2010, p. 04), “a educação musical deverá ter um lugar próprio no currículo escolar”.

O currículo musical ressalta seus significados sociais. Nas citações a seguir, veremos a junção dos autores abordando o assunto:

Silva (2002, p. 55) acrescenta enfaticamente que:

O currículo envolve a construção de significados e valores culturais. O currículo não está simplesmente envolvido com a transmissão de “fatos” e conhecimentos “objetivos”. O currículo é um local onde, ativamente, se produzem e se criam significados sociais. Esses significados, entretanto, não são simplesmente significados que se situam no nível da consciência pessoal ou individual. Eles são estritamente ligados a relações sociais de poder e desigualdade.

Como nos mostra Saviani (2010, p. 5) “são as necessidades sociais que irão determinar o conteúdo, isto é, o currículo da educação escolar em todos os seus níveis e modalidades”. Sobre isso, o papel do currículo afeta em todos os âmbitos das diretrizes das escolas seja particular ou público. A essência de uma construção do conhecimento centrado no aluno, tornando coparticipantes desse processo, quebrando assim tal educação fragmentada, mas voltada como uma educação como um todo.

A superação e não a ruptura do conteúdo educacional musical como mediação perante principalmente para nossos educadores musicais que estarão passando intervenções significativas, é imprescindível os primeiros passos para que essa formação seja concretizada, partindo do pressuposto do que está sendo discutido para que as avaliações, formas e metodologias que só podem antever por meio de um planejamento pedagógico (KLEBER, 2003).

37

a escola, como espaço de construção e reconstrução do conhecimento, pode [re]surgir como possibilidade de realizar um ensino de música que esteja ao alcance de todos. A ousadia ficaria por conta de tentativas de democratizar o acesso à arte, de se projetar nesta tarefa de renovação, reconstrução e, mais ainda, de apoiar as atividades pedagógicas musicais, considerando-as qualitativamente significativas (LOUREIRO apud ÁLVARES 2005, p. 59).

Diante das demandas pelas diretrizes curriculares musicais, ha um grande passo para a realização para as teorias críticas.

o entendimento sobre essa forma de compreender o conhecimento curricular se relaciona a uma abordagem teórica e prática de base crítica, capaz de subsidiar as discussões sobre que diretrizes e quais currículos a área de música deseja realizar no âmbito dos seus cursos (RIBEIRO, 2003, p. 40).

O conteúdo educacional do currículo como forma de um projeto educacional planejado e organização didático-pedagógica se adém de múltiplas ópticas para o campo pedagógico, por meio de um âmbito de desenvolvimento cultural, ideológico e histórico (Ribeiro 2003). Conforme Kleber (2003), isso reflete a elaboração de formas coerentes por parte dos educadores críticos em busca da confirmação de uma identidade universal em nossas salas de aulas.

38

reflete uma significativa mudança de paradigma no campo de estudo e reconhece a conexão do currículo com relações de poder, com as formas de divisão da sociedade, com o processo seletivo do conhecimento e com as desigualdades sociais (KLEBER, 2003, p. 58).

Durante anos, o processo de aprendizagem musical tem passado por transformações, diante das teorias pós-críticas percebemos vis caminhos na história das disciplinas escolares, como podemos perceber na cosmovisão masculina. “O currículo oficial valoriza a separação entre sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição” (SILVA, 2002, p. 94).

Partindo da teoria pós-crítica da cosmovisão masculina como percebemos na situação acima, adiante no contexto educacional da

história a seguir vemos as análises feministas mais atuais que vem sendo ressaltada nesse encadeamento a pedagogia feminista no decorrer das teorias do currículo multiculturalista, focando assim, no contexto de gênero das relações, apesar de não se focar na questão do currículo, mas voltando-se na questão da ‘pedagogia’, para os termos de ‘gênero’. Diante do conceito gênero foi criado para ser enfatizado de que essas identidades masculinas e feministas foram culturalmente construídas tanto socialmente como historicamente (SILVA, 2002).

De acordo com Ribeiro (2003, p. 40) ressalta que:

destaca-se o currículo como um projeto educacional planejado, podendo ser desenvolvido a partir de uma seleção da cultura e das experiências das quais se deseja que as novas gerações participem. A elaboração de diretrizes, como parte desse processo, relaciona-se a elementos da ideologia, da cultura e das políticas educacionais de uma dada sociedade em um específico momento da história. Abordam a importância de os currículos serem processos construídos coletivamente. Vinculam a elaboração curricular aos conhecimentos produzidos nas sociedades e, finalmente, levam em consideração a existência de diferentes classes, valores e interesses, podendo os currículos ser reflexos de determinados propósitos e experiências.

39

O pós-modernismo apresenta uma variedade de interesses abrangendo as diversidades dos campos intelectuais, políticos, estéticos, epistemológicos e sociais, e se diferencia das vertentes do Modernismo.

O idealismo moderno que trouxe em seu sistema o sonho da sociedade perfeita emancipada e liberta é colocado em juízo pelo

pós-modernismo; o qual analisa a sociedade como totalitária e burocrata em sua organização, produzindo opressão, exploração, infelicidade e sofrimento. O pós-modernismo rejeita distinções entre baixa e média cultura; privilegia a imitação, incorporação, inclusões nele se dissolvem culturas, estilos e modos de vida diferentes; a identidade pós-moderna é descentrada, múltipla e fragmentada.

Nesse contexto de afirmações, existe uma incompatibilidade entre o currículo existente e o pós-modernismo. O currículo que temos hoje foi instituído pela ideologia moderna centrado no realismo, objetivismo, conhecimento científico.

O currículo existente não é o único problema para a perspectiva pós-moderna, mas a própria teoria crítica do currículo trazendo consigo as bases fundacionais do sujeito crítico que pode se tornar livre do sistema dominante; também o conceito de liberdade não coincide com a perspectiva pós-modernista que considera os sujeitos diferentes em sua ideologia e conceitos de liberdade. Já o pós-estruturalismo configura-se como continuidade e transformação em relação ao estruturalismo. Como os campos de significação, o conhecimento e o currículo são caracterizados também pelas indeterminações e pela conexão com relações de poder.

Assim, um currículo pós-estruturalista rejeita a sistematização; enfatiza a indeterminação e a incerteza em relação à questão do conhecimento. Todo significado (conhecimento) é cultural e socialmente construído; sendo assim, o importante é examinar as relações de poder envolvidas na produção de significado (conhecimento).

A diminuição das fronteiras entre o conhecimento acadêmico escolar e, do outro lado, o conhecimento cotidiano e conhecimento

da cultura da massa é uma das consequências da “virada culturalista”. Segundo a ótica dos estudos culturais todo conhecimento se constitui como um sistema de significação cultural e todo conhecimento está vinculado à relação de poder.

Ao mesmo tempo em que a cultura em geral é vista como forma de pedagogia, a pedagogia é vista como cultura. Essa perspectiva da teoria curricular afirma que as instituições e instâncias culturais possuem um currículo. Esse currículo não é explícito e nem oculto, mas tem a função de transmitir conhecimento.

Do ponto de vista pedagógico-cultural, é visto como fonte de informação e entretenimento que influencia o comportamento das pessoas. A pedagogia cultural está presente na vida de todos e não deve ser ignorada por qualquer teoria contemporânea.

Essa teoria vê tanto a indústria cultural quanto o currículo escolar como artefatos culturais (relação de poder), por isso, essa crítica curricular se torna uma crítica cultural.

41

Considerações finais

Diante dessas considerações, queremos concluir nosso estudo sobressair novamente à importância de se compreender os conteúdos educacionais partindo como ressalva o contexto da educação musical brasileira, focando em nossa análise as diretrizes curriculares, a pedagogia, a história das disciplinas escolares e o currículo musical no processo de aprendizagem implementando tais conexões como sendo

promissores em nosso processo de desenvolvimento e melhoramento da nossa continuidade em nossas disciplinas curriculares. Segundo Saviani (2013, p. 2), “um currículo é, portanto, uma escola funcionando, isto é, uma escola desempenhando a função que lhe é própria”. Silva (2002, p. 15) complementa que “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”.

Quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade (SILVA, 2002, p. 15).

42

Acha se agora a necessidade de reconsiderar admissões tidas como de se admitir que para que essas mudanças ocorram é essencialmente importante, partir de crescimentos avaliativos por meio de nosso planejamento pedagógico, para que nossos profissionais de música possam diante de tais desafios enfrentados conseguirem consolidar um grande aprimoramento do nosso planejamento para nossas escolas particulares como privadas.

Referências

ÁLVARES, S. A. A educação musical curricular nas escolas regulares do Brasil: a dicotomia entre o direito e o fato: **Revista da ABEM**, v. 12, p. 57-64, 2005.

KLEBER, M. Qual currículo? Pensando espaços e possibilidades. **Revista da ABEM**, v. 8, p. 57-62, 2003.

RIBEIRO, S. S. Considerações sobre diretrizes, currículos e a construção do projeto pedagógico para a área de música. **Revista da ABEM**, v. 8, p. 39-45, 2003.

SAVIANI, D. Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 124, p. 743-760, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/1ysYjPt>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Desafio ao docente universitário: como unir a teoria à prática

Caroline Câmara Piassa¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: São inúmeros os desafios que permeiam a trajetória do docente universitário, desde a sua formação, até chegar à sala de aulas para lecionar. Um dos problemas que ele enfrenta (talvez o mais importante e preocupante, se tratando de ensino-aprendizagem), é não

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Letras — Licenciatura Plena (Português e Literaturas da Língua Portuguesa e Língua Inglesa). E-mail: caroltmm10@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

conseguir aplicar o que estudou durante anos. Partindo do pressuposto de que, professores do Ensino Superior devem, não somente internalizar o conteúdo aprendido, mas também aplicar esse conteúdo de forma proveitosa a seus alunos (afinal, não adianta possuir um alto nível de conhecimento e não saber aplicá-lo na prática), o artigo apresentará essa problemática, e trará possíveis meios de se melhorar, em aspectos práticos, a teoria aplicada. A partir das pesquisas realizadas em caráter exploratório descritivo e como fonte de dados, pesquisas bibliográficas sobre o assunto, notar-se-á o evidente despreparo do profissional em relação ao conteúdo estudado e a aplicação deste, e também a urgência de mudanças no esquema de instrução docente, para que o professor possa colocar em prática o que aprendeu, de forma produtiva e eficaz.

46

Palavras-chave: Aprendizado; Exposição de conteúdo; Desafio; Docente universitário; Prática; Teoria.

Abstract: There are numerous challenges that pervade the trajectory of the university lecturer, since its formation, until you get to the classroom to teach. One of the problems he faces (perhaps the most important and worrying in the case of teaching and learning) is not able to apply what they studied for years. On the assumption that higher education teachers should not only internalize the learned content, but also apply this content profitably to their students (after all, no point having a high level of knowledge and do not know how to apply it in practice) Article present this problem, and will bring possible means of improving, in practical ways, the theory applied. From

research in descriptive exploratory and as a source of data, bibliographic research on the subject, notice shall be the obvious unpreparedness of the professional regarding the studied content and the application of, and the urgency of changes in scheme teacher education, so that the teacher can put into practice what you have learned, productively and effectively.

Keywords: Learning; Content exposure; Challenge; University lecturer; Practice; Theory.

Introdução

A construção do saber não é uma tarefa fácil. Demanda sacrifício, especialmente para o educador, já que, este está totalmente vinculado ao ensino e deve possuir a instrução necessária para cumprir fielmente o seu papel mediante os desafios que a educação lhe traz. Mas, não será somente o nível acadêmico do professor que determinará seu sucesso como tal.

Frequentemente, julga-se um professor pelo seu grau de conhecimento em determinada área, porém, é importante lembrar que nem sempre aquele que tiver mais títulos, mais estudo ou mais experiência, será o melhor docente.

A falta de qualificação de muitos educadores, no sentido de não saberem expor seu conhecimento, é evidenciada em sua própria graduação e, ao lecionar, já nas séries iniciais, quando as crianças

reclamam em casa, a seus pais e/ou responsáveis, que não conseguiram compreender a matéria que o professor explicou em sala. E o problema não acaba, mas piora ao longo das etapas escolares: a criança que cresce em meio a essa deficiência educacional, torna-se um adulto desinteressado em assuntos que dizem respeito ao ensino-aprendizagem, baseando-se na caricatura do professor quase que como inimigo do saber (e do aluno), quando o pensamento deveria ser contrário.

Isso ocorre (além do fato de que o sistema educacional é marcadamente deficitário) porque muitos professores não param para se auto avaliarem e não tentam mudar essa situação. Ficam estáveis, como se não enxergassem o que está acontecendo (muitas vezes, não enxergam mesmo, e não é por culpa deles, isoladamente). Não conseguem passar adiante o que aprenderam enquanto estudantes. Mas, com as dificuldades gritantes do século 21 no que diz respeito à educação, a mudança torna-se indispensável para o docente que almeja alcançar o sucesso.

48

A Teoria Como Base e a Verdadeira Prática

O professor, por vezes, é tido como principal vilão, especialmente quando não consegue exercer eficazmente seu papel. Seu segundo nome é educação e comumente, são realizadas pesquisas a seu respeito, como é descrito na pesquisa de Oliveira (2013):

nessa relação de determinação e concomitância (a aula), o professor, como um dos agentes centrais do processo escolar, tem sido alvo da preocupação de um

grupo significativo de pesquisadores no que tange, especialmente, a sua formação e a sua prática. (OLIVEIRA, 2013, p. 22).

Em decorrência da prática errônea de alguns mestres, mesmo que inconscientemente, ambos são prejudicados: o aluno e o próprio professor. Para que isso não continue acontecendo, segundo Oliveira, é preciso refletir sobre a importância da formação dos próprios formadores de professores e de como esses formadores estão expondo o conteúdo aos futuros docentes, pois eles os copiarão. Serão seu reflexo, quando também lecionarem.

Isso ocorre também pelo fato de que todos, quando ensinam algo a alguém, mesmo com muito estudo, muita prática e muita experiência, acabam por deixar sua própria marca nesse ensino, o que não é ruim, apenas pessoal e natural, mas que não deve deixar de ser observado. Um profissional da educação que ensina outro profissional da educação precisa expor seu conceito, mas deve mostrar a quem ele está ensinando o caminho para que o outro também expresse a sua própria opinião, de maneira que não seja influenciado pela ideia do outro, que pode ter preconceitos intrínsecos ou quaisquer outras marcas deixadas por outros acadêmicos também.

Além disso, os próprios futuros professores possuem expectativas quanto à sua profissão. Não é ruim esperar que sua carreira seja promissora, que tenha uma boa remuneração, ou ainda, que venha a obter um conhecimento além do esperado, dos professores ditos “normais”, querendo ser e fazer melhor do que esses. Porém, isso pode tornar-se um problema, se esse pensamento não for bem administrado na mente dos aspirantes a educadores.

Segundo Oliveira, esse é o senso comum entre esses estudantes: quererem ser melhores, no entanto, não fazerem nada além do necessário para serem melhores. Se os futuros professores traçarem metas inicialmente fáceis, pequenas, e se comprometerem a alcançá-las, mesmo que aos poucos, abrindo novos caminhos para realizarem feitos maiores, serão muito mais recompensados e serão melhores professores do que imaginariam ser.

Outro fator (não menos importante) que deve ser pensado quando se fala em educação, é o trabalho que muitos estudantes realizam em horários contrários às aulas nas universidades. Grande parte dos alunos não tem condições financeiras de pagar um curso superior integralmente ou mesmo parcialmente, por isso, trabalham muito e duro em outras áreas, que não sejam as suas, para conseguirem o tão sonhado diploma. Com o trabalho, não conseguem realizar eficientemente (com raras exceções) as tarefas acadêmicas a eles atribuídas, tornando seu próprio aprendizado deficitário.

Os estudantes de universidades públicas também trabalham (muitos deles), e também têm dificuldades quanto a deveres e estágios do seu curso. O que precisa haver é uma melhor conscientização desses alunos, logo na fase inicial dos seus estudos como futuro professor, para que ele entenda, desde o princípio, que não será uma tarefa fácil, mas que também não será impossível, se realizada com afinco e também com prazer, afinal, quem deseja ser professor, precisa amar o que fizer, amar sua futura profissão, antes mesmo de iniciá-la:

Trabalhando em cursos de licenciatura de todas as áreas do conhecimento, em instituições públicas e privadas, na condição de professora contratada em ca-

ráter temporário e como professora efetiva, nos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás havia e há certo desconforto, ao perceber a forma como os estudantes se envolvem com o processo de formação inicial nos cursos de licenciatura e a percepção de que parte significativa daquilo que lhes era mediado nas aulas da graduação não tomava corpo na prática docente na escola básica (OLIVEIRA, 2013, p.134).

Diante dessas constatações, vale lembrar que, para que um professor seja bom no que faz, precisa de dedicação e tempo de qualidade envolvendo trabalhos da faculdade e estágios, para a teoria e a prática se juntarem e para que ele compreenda mais e melhor o que é ser um verdadeiro educador (na teoria e na prática). Um professor não pode entrar em uma sala de aulas para lecionar, se nem ao menos teve alguma experiência prévia. Ele precisa de experiências anteriores, para poder exercer um trabalho de qualidade.

Pode-se dizer que, futuramente, o mesmo estudante que não tinha dinheiro para pagar seu curso superior e/ou que trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo para estudar, fazer seus trabalhos acadêmicos e seus estágios, é o mesmo professor desinteressado e desanimado de hoje. Cortesão descreve como:

porque tem necessidade de descansar [...] frequentemente não está, entre os alunos, interagindo com eles, com alegria, com afecto, durante os recreios. Aliás até pode estar lá presente e só conseguir prolongar a relação homogeneizada que tem habitualmente na sala de aula. Assim sendo, na sua atividade docente pode esforçar-se, e às vezes até pode transmitir a alguns os conheci-

mentos curricularmente considerados como importantes, mas não terá grande possibilidade de estabelecer uma relação autêntica e de comunicar realmente com todos, em grande parte por não ter conseguido acender ao conhecimento da diversidade presente nos seus alunos (CORTESÃO, p. 2)⁴.

Isso tudo também deve ser considerado pelos formadores de professores, que devem dar o devido apoio aos estudantes, mostrando-lhes os caminhos para o sucesso por meio do empenho, sendo mediadores do ensino. É importante ressaltar que um bom professor teve também um bom professor.

52 Aproveitando o assunto anterior, é possível puxar um ganho e discorrer a respeito do interesse do estudante a professor. Para Oliveira, é evidente que o bom professor é aquele se interessa pelo aluno e pelo conteúdo, que busca conhecer, saber, entender, que se interessa por tudo o que diz respeito à sua futura profissão, e o mau professor é aquele que não se interessa, não valoriza o próprio trabalho, não valoriza o aluno, não se preocupa com ele, não respeita, não sendo assim um educador adequado para a sua função, mas que, infelizmente, é o perfil de muitos atuais professores.

Para Cortesão, seria mais fácil o professor ser bom, Ele teria menos trabalho se gostasse dos seus alunos e se interessasse por eles e por seu aprendizado. Isso porque o aluno ignorado ou agredido, verbalmente, que seja, corresponde em igual escala ao que recebeu e sempre corresponderá negativamente se o professor não mudar suas atitudes para com ele:

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2rcXjkT>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

conhecer os alunos seria mais fácil se, em vez de reprimidos, de domesticados, de homogeneizados, estivessem activos nas aulas, usufruindo de um espaço (simbólico) maior para manifestar os seus gostos, as suas iniciativas, os seus interesses, possibilidade essa que, habitualmente, só podem gozar em momentos não ligados a actividades curriculares (CORTESÃO, p. 2)⁵.

Sabe-se também, que uma sala de aulas é heterogênea, sendo, portanto, necessário um olhar mais apurado por parte do professor para com seus alunos. O professor precisa conhecê-los em sua essência, precisa entender que ninguém é igual e que cada um possui suas necessidades peculiares. Isso tudo deve ser ensinado, principalmente pelo formador de professores ao futuro professor, para que ele trabalhe um dia com a segurança de saber que entende tal fato, respeita e considera importante, e fará o possível para ajudar a seus alunos no que for preciso, sempre, sem exceções.

O que está acontecendo é que, com a falta de profissionais da educação no mercado de trabalho, devido aos muitos “poréns” da profissão (como em todas as outras profissões) e devido ao fato de muitos profissionais (não preparados adequadamente) não saberem lidar com eles, muitas universidades abriram suas portas para a educação, mas banalizando-a. Não avaliam seus futuros professores corretamente, não ensinam seus futuros professores corretamente e não se preocupam com eles. Vale lembrar que não são todas as instituições acadêmicas que não prezam por seus profissionais

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2rcXjkT>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

e por seus futuros profissionais, mas isso realmente existe e é um problema grave e de proporção.

Partindo para a questão de que o professor não pode ficar somente na teoria sem ter praticado, nem partir logo para a prática, sem ter estudado a teoria antes. O professor Doutor Marcos T. Masetto apresenta em seu artigo ideias claras a respeito. Mostra, inicialmente, que:

nós professores universitários consumimos grande parte do tempo de nossas atividades em sala de aula e, ao menos, teoricamente estamos sempre a nos interrogar como poderiam ser melhor aproveitadas estas aulas pelos nossos alunos (MASETTO, p. 1)⁶.

54 Por conta disso, por vezes os professores tentam lecionar somente pensando sem agir, e isso vem também dos seus formadores. Há uma cultura de ensino superficial nas universidades, por isso os professores atuais pensam do mesmo modo. Porém, é preciso unir teoria e prática, para que seu trabalho seja realizado de forma eficaz. Para Masetto, o professor precisa deixar sua zona de conforto e agir, pois, ele é o mestre:

o sujeito do processo é o professor, uma vez que ele ocupa o centro das atividades e das diferentes ações: é ele quem transmite, quem comunica, quem orienta, quem instrui, quem mostra, quem dá a última palavra, quem avalia, quem dá a nota (MASETTO, p. 2)⁷.

.....
⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6Ayt>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6Ayt>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

O ensino precisa de mudanças, e se o professor não agir para mudar, essas mudanças nunca acontecerão. Os formadores de professores também e principalmente precisam abrir a mente para o novo e precisam mudar sua forma de ensinar os futuros educadores. A mudança deve ser profunda e no cerne do problema. Antes de “consertar” os professores, é preciso “consertar” as instituições e os formadores, para que a prática docente esteja sempre presente, mas de forma eficaz, pois é extremamente necessária.

Por outro lado, a ação sem antes possuir uma base teórica, não vale muito. É perda de tempo um professor querer “ensinar” sem nunca ter estudado para isso, sem nunca ter lido nada a respeito, sem nunca ter sido ensinado também. Masetto diz que:

Ao nos preocuparmos com a docência, não podemos nos esquecer que por detrás do modo de lecionar existe um paradigma que precisa ser explicitado, analisado, discutido, afim de que a partir dele possamos pensar em fazer alterações significativas em nossas aulas (MASETTO, p.1)⁸.

55

E, a mudança no sistema educacional também precisa ser pensada, teorizada, para depois se aplicar a mudança prática. Nenhuma mudança surge do nada. Tudo precisa de um plano, um projeto, para depois tornar-se real, do contrário não dá certo, não surte o efeito esperado. O que é feito sem planejamento e estudo não tem propriedade e torna-se descredito.

Com todos os fatores em série descritos aqui, que, sabe-se bem, são contrários à educação de qualidade, é possível constatar que, para que haja uma melhora significativa no ensino, faz-se necessário um

.....
⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6Ayit>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

maior empenho por parte de todos, especialmente dos formadores de professores e dos professores, pois esses são os principais instrumentos da educação. Por isso, a teoria, o fato de conhecer, é fundamental para que o professor tenha sucesso ao lecionar, e a prática, que virá em seguida, não será menos importante, sendo também imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Assim sendo, o professor precisa estudar, aprimorar-se no que for preciso, se interessar pela mudança e aplicar tudo o que aprendeu, esforçando-se para melhorar por si mesmo, e para ver a melhora maior acontecer no sistema. O educador que realmente amar sua profissão, se doará por ela e sentirá o desejo intrínseco de mudar pela educação, para ver dias melhores para ela. Somente um educador com paixão saberá compreender verdadeiramente o que precisa ser modificado e terá vontade de mudar. Mudando, melhorará o sistema educacional e levará os outros a mudarem também, vendo seu exemplo.

56

Considerações Finais

Finalmente, para concluir, foi possível perceber, diante de todos os pensamentos e diante de todas as ideias aqui apresentadas, que jamais deve haver separação entre a teoria e prática, porque as duas andam sempre unidas. Em tudo o que o docente for fazer, ele precisa ter em mente que deve fazer, primeiro pensando, teorizando, depois expondo e, por fim, agindo, mas um princípio deve levar ao outro: a teoria necessita ser praticada.

E mais: os formadores de professores precisam também de uma boa formação, e para que tenham uma boa formação é necessário haver uma quebra de paradigmas em todo o sistema educacional, não somente em um indivíduo, mas em todos. A instituição é um corpo cheio de membros e nenhum deles poderá atuar de maneira eficaz, se algum estiver com problemas. Todos esses problemas precisam ser resolvidos primeiro. Ainda, se um professor almeja sucesso, uma carreira promissora e reconhecimento (que não virá de uma hora para a outra), ele precisa amar o que faz, amar sua profissão, amar a seus alunos, dedicar-se a eles, ser e estar presente, interessar-se por eles e por seus gostos e suas necessidades, abrir-lhes portas, para caminharem rumo a um futuro maravilhoso, fruto de um ensino eficaz.

Encerrando, o professor deve utilizar suas ferramentas para mudar a educação com o que estiver ao seu alcance, e saber que todas essas mudanças levam tempo, mas que, mesmo que demorem, precisam acontecer, cedo ou tarde. Acontecendo, serão plenas e completas, e o ensino será melhor, sem dúvidas.

57

Referências

OLIVEIRA, C. A. V. **O que os estudantes universitários pensam sobre seus professores?** Um estudo sobre os professores dos cursos de licenciatura do Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás. 2013. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Desafio ao Docente Universitário: como unir a teoria à prática

Caroline Câmara Piassa¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: São inúmeros os desafios que permeiam a trajetória do docente universitário, desde a sua formação, até chegar à sala de aulas para lecionar. Um dos problemas que ele enfrenta (talvez o mais importante e preocupante, se tratando de ensino-aprendizagem), é não

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Letras — Licenciatura Plena (Português e Literaturas da Língua Portuguesa e Língua Inglesa). E-mail: caroltmm10@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

conseguir aplicar o que estudou durante anos. Partindo do pressuposto de que, professores do Ensino Superior devem, não somente internalizar o conteúdo aprendido, mas também aplicar esse conteúdo de forma proveitosa a seus alunos (afinal, não adianta possuir um alto nível de conhecimento e não saber aplicá-lo na prática), o artigo apresentará essa problemática, e trará possíveis meios de se melhorar, em aspectos práticos, a teoria aplicada. A partir das pesquisas realizadas em caráter exploratório descritivo e como fonte de dados, pesquisas bibliográficas sobre o assunto, notar-se-á o evidente despreparo do profissional em relação ao conteúdo estudado e a aplicação deste, e também a urgência de mudanças no esquema de instrução docente, para que o professor possa colocar em prática o que aprendeu, de forma produtiva e eficaz.

60

Palavras-chave: Aprendizado; Exposição de conteúdo; Desafio; Docente universitário; Prática; Teoria.

Abstract: There are numerous challenges that pervade the trajectory of the university lecturer, since its formation, until you get to the classroom to teach. One of the problems he faces (perhaps the most important and worrying in the case of teaching and learning) is not able to apply what they studied for years. On the assumption that higher education teachers should not only internalize the learned content, but also apply this content profitably to their students (after all, no point having a high level of knowledge and do not know how to apply it in practice) Article present this problem, and will bring possible means of improving, in practical ways, the theory applied. From

research in descriptive exploratory and as a source of data, bibliographic research on the subject, notice shall be the obvious unpreparedness of the professional regarding the studied content and the application of, and the urgency of changes in scheme teacher education, so that the teacher can put into practice what you have learned, productively and effectively.

Keywords: Learning; Content exposure; Challenge; University lecturer; Practice; Theory.

Introdução

A construção do saber não é uma tarefa fácil. Demanda sacrifício, especialmente para o educador, já que, este está totalmente vinculado ao ensino e deve possuir a instrução necessária para cumprir fielmente o seu papel mediante os desafios que a educação lhe traz. Mas, não será somente o nível acadêmico do professor que determinará seu sucesso como tal.

Frequentemente, julga-se um professor pelo seu grau de conhecimento em determinada área, porém, é importante lembrar que nem sempre aquele que tiver mais títulos, mais estudo ou mais experiência, será o melhor docente.

A falta de qualificação de muitos educadores, no sentido de não saberem expor seu conhecimento, é evidenciada em sua própria graduação e, ao lecionar, já nas séries iniciais, quando as crianças

reclamam em casa, a seus pais e/ou responsáveis, que não conseguiram compreender a matéria que o professor explicou em sala. E o problema não acaba, mas piora ao longo das etapas escolares: a criança que cresce em meio a essa deficiência educacional, torna-se um adulto desinteressado em assuntos que dizem respeito ao ensino-aprendizagem, baseando-se na caricatura do professor quase que como inimigo do saber (e do aluno), quando o pensamento deveria ser contrário.

Isso ocorre (além do fato de que o sistema educacional é marcadamente deficitário) porque muitos professores não param para se auto avaliarem e não tentam mudar essa situação. Ficam estáveis, como se não enxergassem o que está acontecendo (muitas vezes, não enxergam mesmo, e não é por culpa deles, isoladamente). Não conseguem passar adiante o que aprenderam enquanto estudantes. Mas, com as dificuldades gritantes do século 21 no que diz respeito à educação, a mudança torna-se indispensável para o docente que almeja alcançar o sucesso.

62

A teoria como base e a verdadeira prática

O professor, por vezes, é tido como principal vilão, especialmente quando não consegue exercer eficazmente seu papel. Seu segundo nome é educação e comumente, são realizadas pesquisas a seu respeito, como é descrito na pesquisa de Oliveira (2013):

nessa relação de determinação e concomitância (a aula), o professor, como um dos agentes centrais do processo escolar, tem sido alvo da preocupação de um

grupo significativo de pesquisadores no que tange, especialmente, a sua formação e a sua prática. (OLIVEIRA, 2013, p. 22).

Em decorrência da prática errônea de alguns mestres, mesmo que inconscientemente, ambos são prejudicados: o aluno e o próprio professor. Para que isso não continue acontecendo, segundo Oliveira, é preciso refletir sobre a importância da formação dos próprios formadores de professores e de como esses formadores estão expondo o conteúdo aos futuros docentes, pois eles os copiarão. Serão seu reflexo, quando também lecionarem.

Isso ocorre também pelo fato de que todos, quando ensinam algo a alguém, mesmo com muito estudo, muita prática e muita experiência, acabam por deixar sua própria marca nesse ensino, o que não é ruim, apenas pessoal e natural, mas que não deve deixar de ser observado. Um profissional da educação que ensina outro profissional da educação precisa expor seu conceito, mas deve mostrar a quem ele está ensinando o caminho para que o outro também expresse a sua própria opinião, de maneira que não seja influenciado pela ideia do outro, que pode ter preconceitos intrínsecos ou quaisquer outras marcas deixadas por outros acadêmicos também.

Além disso, os próprios futuros professores possuem expectativas quanto à sua profissão. Não é ruim esperar que sua carreira seja promissora, que tenha uma boa remuneração, ou ainda, que venha a obter um conhecimento além do esperado, dos professores ditos “normais”, querendo ser e fazer melhor do que esses. Porém, isso pode tornar-se um problema, se esse pensamento não for bem administrado na mente dos aspirantes a educadores.

Segundo Oliveira, esse é o senso comum entre esses estudantes: quererem ser melhores, no entanto, não fazerem nada além do necessário para serem melhores. Se os futuros professores traçarem metas inicialmente fáceis, pequenas, e se comprometerem a alcançá-las, mesmo que aos poucos, abrindo novos caminhos para realizarem feitos maiores, serão muito mais recompensados e serão melhores professores do que imaginariam ser.

Outro fator (não menos importante) que deve ser pensado quando se fala em educação, é o trabalho que muitos estudantes realizam em horários contrários às aulas nas universidades. Grande parte dos alunos não tem condições financeiras de pagar um curso superior integralmente ou mesmo parcialmente, por isso, trabalham muito e duro em outras áreas, que não sejam as suas, para conseguirem o tão sonhado diploma. Com o trabalho, não conseguem realizar eficientemente (com raras exceções) as tarefas acadêmicas a eles atribuídas, tornando seu próprio aprendizado deficitário.

Os estudantes de universidades públicas também trabalham (muitos deles), e também têm dificuldades quanto a deveres e estágios do seu curso. O que precisa haver é uma melhor conscientização desses alunos, logo na fase inicial dos seus estudos como futuro professor, para que ele entenda, desde o princípio, que não será uma tarefa fácil, mas que também não será impossível, se realizada com afinco e também com prazer, afinal, quem deseja ser professor, precisa amar o que fizer, amar sua futura profissão, antes mesmo de iniciá-la:

Trabalhando em cursos de licenciatura de todas as áreas do conhecimento, em instituições públicas e privadas, na condição de professora contratada em ca-

ráter temporário e como professora efetiva, nos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás havia e há certo desconforto, ao perceber a forma como os estudantes se envolvem com o processo de formação inicial nos cursos de licenciatura e a percepção de que parte significativa daquilo que lhes era mediado nas aulas da graduação não tomava corpo na prática docente na escola básica (OLIVEIRA, 2013, p.134).

Diante dessas constatações, vale lembrar que, para que um professor seja bom no que faz, precisa de dedicação e tempo de qualidade envolvendo trabalhos da faculdade e estágios, para a teoria e a prática se juntarem e para que ele compreenda mais e melhor o que é ser um verdadeiro educador (na teoria e na prática). Um professor não pode entrar em uma sala de aulas para lecionar, se nem ao menos teve alguma experiência prévia. Ele precisa de experiências anteriores, para poder exercer um trabalho de qualidade.

Pode-se dizer que, futuramente, o mesmo estudante que não tinha dinheiro para pagar seu curso superior e/ou que trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo para estudar, fazer seus trabalhos acadêmicos e seus estágios, é o mesmo professor desinteressado e desanimado de hoje. Cortesão descreve como:

porque tem necessidade de descansar [...] frequentemente não está, entre os alunos, interagindo com eles, com alegria, com afecto, durante os recreios. Aliás até pode estar lá presente e só conseguir prolongar a relação homogeneizada que tem habitualmente na sala de aula. Assim sendo, na sua atividade docente pode esforçar-se, e às vezes até pode transmitir a alguns os conheci-

mentos curricularmente considerados como importantes, mas não terá grande possibilidade de estabelecer uma relação autêntica e de comunicar realmente com todos, em grande parte por não ter conseguido acender ao conhecimento da diversidade presente nos seus alunos (CORTESÃO, p. 2)⁴.

Isso tudo também deve ser considerado pelos formadores de professores, que devem dar o devido apoio aos estudantes, mostrando-lhes os caminhos para o sucesso por meio do empenho, sendo mediadores do ensino. É importante ressaltar que um bom professor teve também um bom professor.

66 Aproveitando o assunto anterior, é possível puxar um ganho e discorrer a respeito do interesse do estudante a professor. Para Oliveira, é evidente que o bom professor é aquele se interessa pelo aluno e pelo conteúdo, que busca conhecer, saber, entender, que se interessa por tudo o que diz respeito à sua futura profissão, e o mau professor é aquele que não se interessa, não valoriza o próprio trabalho, não valoriza o aluno, não se preocupa com ele, não respeita, não sendo assim um educador adequado para a sua função, mas que, infelizmente, é o perfil de muitos atuais professores.

Para Cortesão, seria mais fácil o professor ser bom, Ele teria menos trabalho se gostasse dos seus alunos e se interessasse por eles e por seu aprendizado. Isso porque o aluno ignorado ou agredido, verbalmente, que seja, corresponde em igual escala ao que recebeu e sempre corresponderá negativamente se o professor não mudar suas atitudes para com ele:

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2rcXjkT>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

conhecer os alunos seria mais fácil se, em vez de reprimidos, de domesticados, de homogeneizados, estivessem activos nas aulas, usufruindo de um espaço (simbólico) maior para manifestar os seus gostos, as suas iniciativas, os seus interesses, possibilidade essa que, habitualmente, só podem gozar em momentos não ligados a actividades curriculares (CORTESÃO, p. 2)⁵.

Sabe-se também, que uma sala de aulas é heterogênea, sendo, portanto, necessário um olhar mais apurado por parte do professor para com seus alunos. O professor precisa conhecê-los em sua essência, precisa entender que ninguém é igual e que cada um possui suas necessidades peculiares. Isso tudo deve ser ensinado, principalmente pelo formador de professores ao futuro professor, para que ele trabalhe um dia com a segurança de saber que entende tal fato, respeita e considera importante, e fará o possível para ajudar a seus alunos no que for preciso, sempre, sem exceções.

O que está acontecendo é que, com a falta de profissionais da educação no mercado de trabalho, devido aos muitos “poréns” da profissão (como em todas as outras profissões) e devido ao fato de muitos profissionais (não preparados adequadamente) não saberem lidar com eles, muitas universidades abriram suas portas para a educação, mas banalizando-a. Não avaliam seus futuros professores corretamente, não ensinam seus futuros professores corretamente e não se preocupam com eles. Vale lembrar que não são todas as instituições acadêmicas que não prezam por seus profissionais

67

.....
⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2rcXjkT>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

e por seus futuros profissionais, mas isso realmente existe e é um problema grave e de proporção.

Partindo para a questão de que o professor não pode ficar somente na teoria sem ter praticado, nem partir logo para a prática, sem ter estudado a teoria antes. O professor Doutor Marcos T. Masetto apresenta em seu artigo ideias claras a respeito. Mostra, inicialmente, que:

nós professores universitários consumimos grande parte do tempo de nossas atividades em sala de aula e, ao menos, teoricamente estamos sempre a nos interrogar como poderiam ser melhor aproveitadas estas aulas pelos nossos alunos (MASETTO, p. 1)⁶.

68

Por conta disso, por vezes os professores tentam lecionar somente pensando sem agir, e isso vem também dos seus formadores. Há uma cultura de ensino superficial nas universidades, por isso os professores atuais pensam do mesmo modo. Porém, é preciso unir teoria e prática, para que seu trabalho seja realizado de forma eficaz. Para Masetto, o professor precisa deixar sua zona de conforto e agir, pois, ele é o mestre:

o sujeito do processo é o professor, uma vez que ele ocupa o centro das atividades e das diferentes ações: é ele quem transmite, quem comunica, quem orienta, quem instrui, quem mostra, quem dá a última palavra, quem avalia, quem dá a nota (MASETTO, p. 2)⁷.

.....
⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6Ayt>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6Ayt>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

O ensino precisa de mudanças, e se o professor não agir para mudar, essas mudanças nunca acontecerão. Os formadores de professores também e principalmente precisam abrir a mente para o novo e precisam mudar sua forma de ensinar os futuros educadores. A mudança deve ser profunda e no cerne do problema. Antes de “consertar” os professores, é preciso “consertar” as instituições e os formadores, para que a prática docente esteja sempre presente, mas de forma eficaz, pois é extremamente necessária.

Por outro lado, a ação sem antes possuir uma base teórica, não vale muito. É perda de tempo um professor querer “ensinar” sem nunca ter estudado para isso, sem nunca ter lido nada a respeito, sem nunca ter sido ensinado também. Masetto diz que:

Ao nos preocuparmos com a docência, não podemos nos esquecer que por detrás do modo de lecionar existe um paradigma que precisa ser explicitado, analisado, discutido, afim de que a partir dele possamos pensar em fazer alterações significativas em nossas aulas (MASETTO, p.1)⁸.

69

E, a mudança no sistema educacional também precisa ser pensada, teorizada, para depois se aplicar a mudança prática. Nenhuma mudança surge do nada. Tudo precisa de um plano, um projeto, para depois tornar-se real, do contrário não dá certo, não surte o efeito esperado. O que é feito sem planejamento e estudo não tem propriedade e torna-se descreditado.

⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6Ayt>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

Com todos os fatores em série descritos aqui, que, sabe-se bem, são contrários à educação de qualidade, é possível constatar que, para que haja uma melhora significativa no ensino, faz-se necessário um maior empenho por parte de todos, especialmente dos formadores de professores e dos professores, pois esses são os principais instrumentos da educação. Por isso, a teoria, o fato de conhecer, é fundamental para que o professor tenha sucesso ao lecionar, e a prática, que virá em seguida, não será menos importante, sendo também imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

70

Assim sendo, o professor precisa estudar, aprimorar-se no que for preciso, se interessar pela mudança e aplicar tudo o que aprendeu, esforçando-se para melhorar por si mesmo, e para ver a melhora maior acontecer no sistema. O educador que realmente amar sua profissão, se doará por ela e sentirá o desejo intrínseco de mudar pela educação, para ver dias melhores para ela. Somente um educador com paixão saberá compreender verdadeiramente o que precisa ser modificado e terá vontade de mudar. Mudando, melhorará o sistema educacional e levará os outros a mudarem também, vendo seu exemplo.

Considerações Finais

Finalmente, para concluir, foi possível perceber, diante de todos os pensamentos e diante de todas as ideias aqui apresentadas, que jamais deve haver separação entre a teoria e prática, porque as duas andam sempre unidas. Em tudo o que o docente for fazer, ele precisa ter em mente que deve

fazer, primeiro pensando, teorizando, depois expondo e, por fim, agindo, mas um princípio deve levar ao outro: a teoria necessita ser praticada.

E mais: os formadores de professores precisam também de uma boa formação, e ara que tenham uma boa formação é necessário haver uma quebra de paradigmas em todo o sistema educacional, não somente em um indivíduo, mas em todos. A instituição é um corpo cheio de membros e nenhum deles poderá atuar de maneira eficaz, se algum estiver com problemas. Todos esses problemas precisam ser resolvidos primeiro. Ainda, se um professor almeja sucesso, uma carreira promissora e reconhecimento (que não virá de uma hora para a outra), ele precisa amar o que faz, amar sua profissão, amar a seus alunos, dedicar-se a eles, ser e estar presente, interessar-se por eles e por seus gostos e suas necessidades, abrir-lhes portas, para caminharem rumo a um futuro maravilhoso, fruto de um ensino eficaz.

Encerrando, o professor deve utilizar suas ferramentas para mudar a educação com o que estiver ao seu alcance, e saber que todas essas mudanças levam tempo, mas que, mesmo que demorem, precisam acontecer, cedo ou tarde. Acontecendo, serão plenas e completas, e o ensino será melhor, sem dúvidas.

71

Referências

OLIVEIRA, C. A. V. **O que os estudantes universitários pensam sobre seus professores?** Um estudo sobre os professores dos cursos de licenciatura do Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás. 2013. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Educação a distância: história, conceito e processo de ensino na educação superior

Maristela Cristina Corrêa¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Os avanços tecnológicos promoveram mudanças nas formas de comunicação e interação entre as pessoas e consequentemente fortaleceu e expandiu o surgimento da EAD.

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua portuguesa e Língua inglesa. E-mail: na_tallygomes@hotmail.com

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

Sendo uma modalidade democratizada, possibilitou o acesso de pessoas ao curso de nível superior de lugares e espaços diversificados. Assim, este trabalho tem por objetivo esclarecer como se dá o processo de ensino e aprendizagem em Educação a Distância na educação superior ao expor a definição conceitual do termo e seu percurso histórico no Brasil. Assim como as relações educacionais estabelecidas com o ensino superior e os métodos de aprendizagem e dispositivos tecnológicos utilizados pelos campos virtuais na interação professor-aluno.

Palavras-chave: EAD; Educação Superior; Ensino; Aprendizagem.

Abstract: Technological advances have promoted changes in the communication manners and in the interaction among people. Consequently, they strengthened and expanded the emerging of Distance Education (*EAD*, in Portuguese). Yet, *EAD* is a democratizing modality, technological advances made possible the access of people from various places to university education. Thus, the aim of this research was to clarify how the teaching and learning processes happen in Distance Education, specifically in higher education in terms of defining its concept and historical course in Brazil. In addition, this study explained the educational relations established with university education and its learning methods and technological tools used in virtual fields in regard of the interaction between student and teacher.

Keywords: Distance Education, Higher Education, Teaching, Learning.

Introdução

Vive-se numa época de inovações tecnológicas, onde as informações são veiculadas rapidamente e atualizadas a todo instante. A era da informação surge com a globalização e diminuição do espaço geográfico o qual possibilita que indivíduos se relacionem através da conexão virtual e digital em tempo real e velozmente. Os novos dispositivos tecnológicos proporcionam a acessibilidade à educação por meio das novas plataformas virtuais de aprendizagem e disponibilizam vários cursos e formas de aprendizagem. Nesse contexto considera-se que o homem é um indivíduo que possui com estratégia básica aprender a aprender, saber criar, inovar e construir seu próprio conhecimento.

Por isso, este artigo apresenta o panorama geral sobre a Educação a Distância no Brasil e sua conceituação para, em seguida, focar na estrutura dessa modalidade na Educação Superior e explanar sobre os métodos de aprendizagem utilizados nos ambientes virtuais por professores e alunos e como se dá esta relação. Para isto, se propõe uma pesquisa do tipo bibliográfica para relatar os fatores mencionados acima e tendo como finalidade descrever os componentes de um sistema de ensino complexo salientando os mecanismos de funcionamento utilizados nessa modalidade.

Perspectiva histórica e conceitual da Educação a Distância

Barbosa (2015) ainda salienta que em 2004 estima-se que meio milhão de pessoas tenham envolvimento com a EAD, outros dados apontam que R\$ 10 milhões foram movimentados em 2000 pelo mercado corporativo da EAD; em 2001 saltou para 45 milhões. Porém, conforme Aluani (2015) observa-se neste trabalho uma visão institucionalizada da EAD, onde considera-se um processo educacional com infraestrutura e interação de ensino-aprendizagem intencionais determinadas por organização e tecnologias apropriadas para que ocorram.

Segundo Alves (2011), as modalidades educacionais podem ser presenciais e à distância. A primeira caracteriza-se por realizar-se num local específico e fixo (sala de aula) com encontro de professores e alunos. Por sua vez, no ensino à distância professores e alunos estão separados pelo tempo e espaço e comunicam-se intensamente pela tecnologia com momentos presenciais ou não.

Conforme Silva (2015) o conceito da EAD carrega ideologia que norteia a concepção das metodologias adotadas nas práticas pedagógicas durante o processo de ensino aprendizagem durante o seu percurso histórico. Segundo o Decreto nº 2.494 (1998) EAD é uma forma de ensino que através da mediação e organização de recurso didáticos propiciam a autoaprendizagem por meio de informações distintas veiculadas por vários meios de comunicação. Ainda conforme o art. 1º do Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2007), EAD conceitua-se como:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Para Mota e Segundo⁴, as atividades são realizadas através de meios tecnológicos que possibilitam a comunicação de professores e alunos em tempo real em diversos lugares. Como alternativa pedagógica pode substituir a educação presencial e gera preconceitos por parte dos docentes. Barbosa (2015) assinala que alguns termos são utilizados por relacionar-se com a EAD como “universidade aberta” ou “ensino aberto”.

Assim, de acordo com Avena (2011) Educação a Distância e ensino a distância são conceitos que tratam de aspectos relacionados a aprendizagem e incluem a protagonização do processo de construção do conhecimento pelos próprios alunos. Enquanto ensino, para autora, é definido como instrução, transmissão e treinamento, educação refere-se a uma prática educativa que considere o aprender pensar, criar, inovar e a participação ativa do aluno num processo de humanização.

77

Panorama histórico da Educação à Distância no Brasil

Os primeiros dados conhecidos sobre experiências em Educação a Distância são do século 20, enquanto as primeiras experiências

⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2rTDn2v>> Acesso em: 10 set. 2016.

ficaram sem registro. Dentre os fatos conhecidos, alguns marcaram a história da EAD, como o primeiro anúncio de curso profissionalizante por correspondência no Jornal do Brasil em 1904; cursos de línguas oferecidos pelo rádio brasileiro em 1923 e instalação da Rádio-Escola Municipal no Rio em 1934 com acesso a esquemas de aulas; Surgimento do Instituto Monitor em 1939, onde oferecia-se cursos profissionalizantes por correspondência; Em 1941 surge o Instituto Universal Brasileiro; A nova Universidade do Ar surge em 1947 e oferecia cursos radiofônicos; Os cursos das antigas 5ª à 8ª séries são transmitidos pelo Instituto Padre Reus e na TV Ceará em 1974 (ALVES, 2011).

78

Entre 1970 e 2005 são criados vários programas e cursos veiculados por jornais, rádio, TV aberta. Há criação de universidades abertas com cursos de nível superior e educação continuada para professores. No ano de 1996 é criada a SEED ou Secretaria de Educação a Distância pelo Ministério da Educação e a modalidade da EAD surge oficialmente no Brasil através da LDB nº 9.394/96. Porém, a SEED é extinta em 2011 e a movimentação de instituições de Educação Superior para adoção da Educação à Distância com uso de novas tecnologias de informação e comunicação deu-se na década de 1990 (ALVES, 2011).

Sobre Educação a Distância e adoção de recursos tecnológicos, Vergara (2007, p.3) declara que:

No Brasil há menos de uma década estão sendo utilizados recursos tecnológicos que possibilitam o ambiente da sala de aula presencial em ambientes virtuais e, nisto, o país tem se diferenciado até de países ditos desenvolvidos. Muitas universidades americanas e europeias, por exemplo, partem do pressuposto

de que o aluno é autodidata, disciplinado; logo, cabe-lhe utilizar os recursos da EAD e, assim, construir praticamente sozinho seu saber. Em uma cultura relacional com a brasileira, esse pressuposto cria sérios obstáculos à EAD e, por conta disso, vários programas no Brasil têm enfatizado o relacionamento.

Os respaldos legais para Educação a Distância no Brasil foram obtidos através da Lei de diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) e regulamentada pelos decretos 2.494 e 2561/98 e revogados pelo Decreto 5.622/2005 que estabelecia uma política de qualidade para modalidade, credenciamento institucional, supervisão e padrões de qualidade de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2007). Belloni (2008) nota que a Educação a Distância se torna componente regular dos sistemas de ensino ao atender as demandas e importância no ensino pós-secundário, ou ensino superior regular.

Silva (2015) declara que a primeira geração da EAD — período de 1904 a 1970 — registra o Brasil como um dos países cuja modalidade mais se desenvolveu. A partir da década de 1970 a Educação a Distância estagnou e prosperou a partir das transformações tecnológicas no final do milênio. A segunda geração, segundo a autora, corresponde a um período de veiculação da informação pela televisão. Em 1990 as emissoras eram obrigadas a disponibilizar horários para transmissão de programas educacionais, contudo, a não obrigatoriedade acarretou em horários desprivilegiados para os potenciais alunos.

A terceira geração da EAD é caracterizada pela disponibilização do conhecimento por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs). Os computadores tornaram-se mais

acessíveis à população através das décadas e inerente a internet difunde e auxilia a Educação a Distância. Além disso, nesse período, três organizações influenciaram a institucionalização da EAD contribuindo para mapeamento teórico e metodológico dessa modalidade no Brasil: Associação Brasileira de Telê educação, Instituto de Pesquisa e Administração da Educação e Associação Brasileira de Educação a Distância (SILVA, 2015).

De acordo com Aluani (2015) ao comparar o desenvolvimento da EAD no Brasil e Estados Unidos percebe-se distinções históricas, pois a utilização de tecnologias no Brasil não aconteceu tardiamente, porém, seu reconhecimento como parte do processo educacional demorou em efetivar-se. Conforme Vergara (2007) as vantagens que a EAD encontra nos países ditos desenvolvidos contemplam o investimento maciço em ciência e tecnologia através da interação de mecanismo que otimizam a interação professor/aluno e propiciam mais qualidade ao processo de ensino. No Brasil ainda há desconfiança e falta de credibilidade dessa modalidade para o público, cuja justificativa explica-se pela tradição de cursos presenciais e dúvidas quanto a qualidade.

Nesse contexto, destaca-se um novo desafio: domínio dos dispositivos tecnológicos como o computador e a internet, considerando de antemão que o aprendiz necessita de uma preparação qualificada para utilizar a ferramenta tecnológica e usufruí-la na construção do conhecimento. As novas demandas da sociedade atual e do futuro requerem um perfil das gerações que entram nas escolas com competências múltiplas capacidade de adaptar-se e aprender em situações

novas por meio da autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade, aprender por si próprio e trabalhar de modo cooperativo (ALUANI, 2015; BELLONI, 2008).

Educação a Distância : processo de aprendizagem na Educação Superior

Para Barboza (2008) imaginar o mundo globalizado sem a utilização intensa das tecnologias da informação e comunicação torna-se um ponto de dificuldade, já que está ligada a realidade dos indivíduos. “A mesma dificuldade é encontrada quando se pensa a educação contemporânea, pois a utilização e acesso às TICs devem ser dominadas pelo docente.

Conforme Belloni (2008) há uma tendência forte de uma EAD centrada no estudante e apropriada às novas exigências do mercado, que por sua vez, consideram características como multicompetência e multiqualificação inerentes a sociedade contemporânea. A natureza intrínseca a EAD pode contribuir para formação inicial e continuada destinada a estudantes autônomos. Conforme o autor:

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular este processo (BELLONI, 2008, p. 39-40).

Quanto ao trabalho do professor na EAD, Silva (2015) observa que devesse considerar variáveis como função e característica do professor como coletiva; o papel do professor como mediador e motivador do processo de aprendizagem; a comunicação; material didático; fragmentação do trabalho e relação do espaço/tempo das aulas. A autora salienta que todo trabalho leva ao uso das TICs no âmbito educacional e exigem do professor exigências quanto ao seu conhecimento, novas formas de atuação para seu fazer pedagógico.

Quanto ao aluno, as possibilidades da EAD abrangem tornar compatível ao aluno efetuar as exigências do seu curso conforme seu tempo, ritmo e local desejado, disciplina e autonomia responsável, pois o discente necessita monitorar a si próprio. Não há um modelo único de EAD, apesar das distinções na linguagem, recursos educacionais e tecnológicos, as necessidades do aluno devem direcionar e definir a melhor tecnologia e metodologia a ser utilizada, assim como momentos presenciais e obrigatórios como o estágio e trabalhos de conclusão de curso (VERGARA, 2007; ver BRASIL, 2007). Quanto a isso ainda se afirma:

Apesar da possibilidade de diferentes modos de organização, um ponto deve ser comum a todos aqueles que desenvolvem projetos nessa modalidade: é a compreensão de *educação* como fundamento primeiro, antes de pensar no modo de organização: *a distância* (BRASIL, 2007, p. 7).

Sendo a LEAD uma nova forma de ensinar, trata-se, portanto, de uma parceira no desenvolvimento econômico dos países, pois

possibilita que grande parte da população tenha acesso ao ensino de nível Superior. Cabe então a professores e alunos a organização do tempo antes de realizar as atividades a fim de efetivar a aprendizagem. Sobre Educação a Distância ainda se concebe como formação mais rápida ou à democratização do ensino superior. Pode-se perceber sua contribuição para disseminação do ensino no interior do Brasil, que por sua vez atingem locais onde para jovens e adultos as instituições de Educação Superior presenciais concentram-se em cidades grandes e médias (ver MOTA; SEGUNDO, 2016; CRUZ, 2015).

Sobre as TDICs na Educação Superior, Barbosa (2015) enfatiza que orientadas para profissionalização tem como função desenvolver um estudante com capacidades e potencialidades para o campo científico. Os recursos tecnológicos utilizados na EAD possuem característica didática de transformar o pensamento do futuro profissional em um novo contexto. Sendo o objeto de estudo o ensino com tecnologias a inserção das TDICs na ação docente representa um desafio, precisa ser refletido, discutido e selecionados conforme a intencionalidade educativa, pois os recursos apenas como estruturantes de todo processo didático não efetivam o processo de ensino e aprendizagem.

Barboza (2008) declara que essa preocupação com o crescimento do estudante ligadas ao ambiente de aprendizagem virtual (AVA) devem ser possibilitadas a interação entre o aprendiz e o objeto de estudo, o qual deve ser integrado a realidade do sujeito. “Em ambientes de ensino a distância em que não se tem contato face a face é mais difícil perceber como o estudante reage diante dos enunciados a ele endereçados” (BARBOZA, 2009, p. 9).

Para Preti (2009) esta modalidade de ensino subentende que nem todos estão adequados a ela devido a exigências comportamentais como motivação, maturidade, autodisciplina. A EAD apresenta um conjunto de métodos, técnicas e recursos disponíveis a população estudantil para aquisição de conhecimento e qualificação. Ela permeia variadas formas de ensino e aprendizagem com ausência de um professor para supervisionar a realização das atividades e necessita de um projeto político pedagógico para nortear seu processo de ensino e metodologias, mais do que apenas seu conjunto de instrumentos tecnológicos.

Considerações finais

84

Nota-se que os avanços tecnológicos que foram inseridos no sistema educacional propiciaram o surgimento de uma nova modalidade de ensino: A Educação a Distância. Inicialmente, os primeiros registros indicam sua adoção não oficial através de cursos oferecidos por correspondência, rádios e televisão, a criação de universidades abertas onde o sistema de ensino caracteriza-se pelo local e espaço distinto entre professor e aluno marcaram a inserção dos dispositivos tecnológicos no fazer educacional.

A velocidade e atualização das tecnologias digitais da informação e comunicação fomentaram a democratização tecnológica da população que antes pouco ou nenhum acesso tinha a computadores e internet. A acessibilidade garantiu que sistemas de ensino EAD

pudessem alcançar estudantes que residem no interior e distantes das oportunidades de Educação Superior.

Percebe-se que a Educação a Distância possui um sistema organizado de ensino e práticas pedagógicas fundamentadas em bases curriculares determinadas pelos docentes e gestores das instituições. A metodologia utilizada pelas organizações que oferecem os cursos de nível superior considera um perfil de aprendiz cuja motivação, disciplina e capacidade de aprender por si próprio sejam características essenciais para qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, observa-se que os docentes que ministram os vídeos aulas e produzem os materiais para estudo, precisam estar atualizados e conscientes do uso da tecnologia e da forma de ensino a que se destina.

Referências

ALUANI, T. **Atividade de tutoria na Educação a Distância** : um estudo de caso em curso de formação continuada de professores de biologia. Dissertação (Mestrado em Ciências e Biologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2rgUjUG>>. Acesso em: 10 set. 2016.

ALVES, L. Educação a Distância : conceitos e história no Brasil e no mundo. **ABED**, v. 10, p. 83-91, 2011. Disponível em: < <http://bit.ly/1vjjSRy> > Acesso em: 10 set. 2016.

AVENA, M. J. **Aprender a pesquisar**: desafios da construção de um saber informacional na Educação a Distância . Dissertação (Mestrado em Educação).

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2qgiW3q>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BARBOSA, B. P. **Educação a Distância** : a articulação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e os estruturantes didáticos. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2rzUKcp>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BARBOZA, L. C. O diálogo professor — aluno em interações mediadas pela internet: contribuições para a gênese de um processo de tutoria dialógico. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2qVVUvO>>. Acesso em: 10 de set. 2016.

86

BELLONI, M. L. **Educação a Distância** . Campinas: Autores Associados, 2008.

BRASIL. **Decreto 5.622, de 19/12/2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/2qVN0k6>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 2494, de 10 de fevereiro de 1998**. Regulamenta o art.80 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, e dá outras providências. Disponível em: <<http://bit.ly/2rA7D6i>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL. **Referenciais de qualidade para educação superior à distância**. Brasília: MEC/ SEED, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2rTMnox>>. Acesso em: 10 set. 2016.

CRUZ, A. G. **Educação superior à distância: paradoxos presentes na formação de professores.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2qVFhCI>>. Acesso em: 10 set. 2016.

PRETI, O. **Educação à distância: fundamentos e políticas.** Cuiabá: EDUFMT, 2009.

SILVA, G. E. **Trabalho docente no ensino superior a distância: estado do conhecimento.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Uberaba, Uberaba, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2rzR8He>>. Acesso em: 10 set. 2016.

VERGARA, S. C. Estreitando relacionamentos na Educação a Distância . **Cad. EBAPE. BR**, v. 5, p. 01-08, jan. 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2rh1TOY>>. Acesso em: 10 set. 2016.

Tecnologia e recursos pedagógicos: a praxe docente

Luciano Pereira Baia¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: A tecnologia tem entrado abundantemente em nosso convívio a ponto de imaginarmos uma vida muito difícil sem à mesma, porém na escola a velocidade que a tecnologia tem entrado não é a mesma. Percebe-se a estrutura dos estabelecimentos de ensino e o

.....
¹ Pós-Graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: lucianopereirabaia@gmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

corpo docente atrasado em relação à expectativa do corpo discente. Em alguns casos a causa raiz está ligada à escola por não investir nesta direção, em outros casos é o docente, ou por falta de conhecimento em tecnologia, ou por receio de perder o controle do ensino. O docente pode, independentemente do incentivo da escola, avançar em direção ao ensino com o uso de tecnologia moderna atendendo o anseio do corpo discente. Este artigo, portanto, vem ao encontro dessa vertente atuando em prol do profissional do ensino, proporcionando noções das práticas no uso da tecnologia atual de forma iniciante, simples e, em muitos exemplos citados, sem custo.

Palavras-chave: Tecnologia; Sala de Aula; Professor; Aplicativos.

90

Abstract: Technology has entered abundantly in our lives so imagine how it is too difficult the life without it, the speed that technology has invaded in the school is not the same. We can realize that the school resources and the teacher are late comparing with students expectative. Some cases due no commitment previewed, another cases due teachers haven't technology knowledge, or for apprehension of have no control. Regardless of the school's encouragement, the teacher can move toward the technological learning meeting the desire of the students. This article came acting on behalf of teachers providing practical ideas in the use of current, advanced, simple and no expensive technology how many examples that will be showed in this article.

Keywords: Technology; Classroom; Teacher; Applications.

Introdução

Nos dias de hoje, as tecnologias têm entrado abundantemente em nosso convívio aumentando nosso conhecimento e nosso bem-estar. Acostumamo-nos rapidamente com os confortos advindos das mesmas, como por exemplo: forno micro-ondas, telefonia celular, ar condicionado, viagens de avião, redes sociais da web, entre outros e imaginamos ser quase impossível viver sem essas tecnologias.

Na área acadêmica já nos dizia Buarque (1994) que os participantes da universidade do futuro buscarão formas ainda mais modernas de ensino, ampliarão a rede universitária até os lugares mais distantes e sem a prisão de uma única velha lógica, portanto está na hora da tecnologia entrar de forma mais consistente na educação rompendo as grades da velha prisão.

De acordo com Cysneiros (1999), Thomas Edison, inventor do telégrafo, do gramofone e da lâmpada elétrica afirmava em 1922 que “o filme está destinado a revolucionar nosso sistema educacional e em poucos anos suplantará em muito, senão inteiramente, o uso de livros didáticos”. E continua contando que na mesma época um poema de uma professora, ilustrava bem o sentimento do docente preocupado com as maravilhas de novas tecnologias adentrando na educação:

O Senhor Edison nos diz
Que o rádio superará o professor.
Já se pode aprender línguas pela Victrola
E o filme dará movimento

Àquilo que o rádio não conseguir.
Professores passarão
Como passaram carros de bombeiro a cavalo
E damas de cabelos longos.
Talvez eles sejam mostrados em museus
E educação será um pressionar de botões.
Oxalá haja lugar para mim no painel de controle.
(CYSNEIROS,1999, p. 13)

Mas a verdade é que podemos dizer que a tecnologia tem invadido velozmente nossa casa, gradualmente, nosso trabalho.

92 E o que vemos ainda hoje no Brasil, aponta para um problema: partes dos participantes já estão buscando esta inovação, principalmente o corpo discente, porém o corpo docente está dividido quanto ao rumo a ser tomado. Talvez motivado pelo receio da mudança, pela preocupação em perder as rédeas do conhecimento e, quem sabe, até mesmo pelo medo da falta de espaço para professores no futuro próximo ou, por outro lado, pela dificuldade em decidir qual meio tecnológico é o ideal, qual vai alcançar as expectativas de ensino ou qual meio o corpo discente vai se interessar. A verdade é que a tecnologia avança rapidamente indicando que a resistência à sua introdução na educação terá seu fim.

O caminho para que os recursos sejam mais acessíveis, para atender às expectativas do aprendizado apesar da diversidade de características entre os alunos e para abrir a escola para o mundo é o uso das tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula (BARBA; CAPELLA, 2012).

Diante da multiplicação da ciência nesta época em que vivemos, temos vários possíveis caminhos e/ou ferramentas que podem ser usados na educação e temos as escolas juntamente com o corpo discente preocupados, desorientados ou até mesmo perdidos em meio às tantas tecnologias. Portanto, o objetivo geral deste artigo, baseado em algumas tecnologias e/ou alguns objetos digitais, é lançar algumas ideias de como usá-los para ajudar educadores interessados a se mobilizarem para o caminho inevitável da tecnologia na sala de aula e que através da mesma os professores possam motivar os alunos que, através dos métodos tradicionais, se posiciona cada vez mais longe do aprendizado.

Ao explicar alguns recursos tecnológicos, é possível que este artigo apresente o recurso que se enquadra perfeitamente com a necessidade de algum professor com sua disciplina específica. Servirá também para dar a linha de raciocínio que outros professores usarão para utilizar uma infinidade de outros recursos tecnológicos não citados neste artigo.

Para alcançar estes objetivos foram revisados alguns livros mais antigos para servir de base ao assunto, e alguns livros mais atuais, porém, por ser um assunto que evolui rapidamente a cada ano que se passa, foram consultadas muitas publicações de sites, blogs entre outros.

Desenvolvimento

Não podemos chamar de tecnologia na educação o uso pontual de um laboratório de informática durante algumas aulas durante o curso. O uso tecnológico está associado ao acesso contínuo de alunos,

professores e comunidade escolar, incorporado ao ensino e à grade curricular. As instituições de ensino e seu corpo docente devem, portanto, se prepararem e iniciarem a introdução da tecnologia na sala de aula, mas as mesmas devem fazer isto de forma consistente e que realmente colaborem com a educação.

Algumas universidades têm investido no uso de tecnologia de ponta para o ensino enquanto outras nem com projetores de vídeo trabalham. É importante ressaltar que o uso da tecnologia no ensino é importante, mas não alcança, por si só, o objetivo principal que é a aprendizagem. O ensino é um desafio maior que enfrentamos em todas as épocas (MORAN et al., 2000)

De acordo com Kenski (2007), no mundo inteiro já existem centenas de universidades e colégios que possuem seus espaços de estudos em ambientes virtuais tridimensionais. Isto não se refere às salas preparadas para educação às distâncias, mas se referem à espaços para uso presencial das mais novas tecnologias digitais, para se aprender mais e melhor. Como exemplo, Kenski (2007) cita que acessa o mundo virtual da universidade que ela cursa de casa, pela internet, escolhendo uma identidade virtual (avatar) e sua respectiva figura com o qual pode caminhar pela avenida principal, subir escadas, ouvir sons de pássaros, entrar no laboratório e encontrar o seu grupo de trabalho e pesquisa na universidade virtual.

Temos um outro exemplo na Minerva University, que promove aulas on-line onde suas turmas são de alunos que estão espalhados pelo mundo e onde é explorada a oportunidade de conhecimento das diversas culturas dos diferentes países dos alunos. Seu objetivo é formar cidadãos

globalmente conscientes. Eles têm um programa de quatro anos para estudantes ganharem duas graduações (JOHNSON et al., 2016, p. 21).

Mas por outro lado, em universidades com menos incentivos e/ou estrutura para tecnologia, onde o corpo docente pode usufruir de tecnologia já disponível aos alunos, como aplicativos em *tablets*, smartphones, redes sociais da internet, programas gratuitos entre outros, dos quais neste artigo estarei explicando e dando ideias de como usar como: Google Espaços, leitores de Código DMC, Whatsapp, Youtube, *Pinterest*, *Twitter*, *Downcast*, *Google Earth*, *Google Maps*, *Secondlife*, *Skype*, *AT&T Conference System*, *Jogos empresariais*, *Google Docs*, *Google Groups*, *Prezi*, *Khan Academy*, *Microsoft Outlook*, *CaptureNotes 2*, *Evernote* etc.

Antes de entrar no detalhe de algumas tecnologias, é interessante falar que os recursos tecnológicos existentes podem ser divididos, de acordo com o site do Porvir.org (2016), nos grupos abaixo.

- ◆ Objetos digitais de aprendizagem: onde podemos incluir tablets, jogos, animações, simuladores, vídeo aula, smartphones;
- ◆ Plataformas: onde encontramos ambientes online, ferramentas de gestão, ambientes virtuais, ferramentas de experimentação, comunicação e trabalho;
- ◆ Infraestrutura: Conectividade, Rede Interna, Equipamentos (hardwares).
- ◆ Prática: Sistematização do uso dos recursos citados acima de modo consistente e eficiente para o aprendizado.

Estaremos focando em aplicativos de computador, *tablets*, smartphones como também apresentando ideias de prática, isto é, entrando um pouco mais no mundo destes objetos digitais e seu uso.

Como perspectiva de futuro Johnson et al. (2016) aponta três fases futuras onde se apresenta as fases de avanço da tecnologia no ensino no Brasil. Para um horizonte de um ano é esperado que os dispositivos pessoais tenham uma entrada forte na sala de aula, onde principalmente os alunos do ensino superior não se convencerão em se limitarem aos equipamentos oferecidos pela escola e os professores ao invés de proibirem o uso, deverão incentivar o aproveitamento da megabiblioteca que carregam nos bolsos.

Nesta mesma trajetória serão cada vez mais utilizadas ferramentas de análise da *web*, que permitirão adaptar o ensino aos diferentes perfis de alunos, assim o patamar de qualidade de cursos online e aplicativos serão elevados (JOHNSON et al., 2016, p. 16-20).

Num horizonte de dois a três anos será a vez da realidade virtual e aumentada ganhar grande espaço no ensino. Hoje pouco mais restrita à grandes empresas, por se cara, a mesma vem sendo popularizada por meio de alguns aplicativos. Novos, mais acessíveis e modernos dispositivos de realidade virtual prometem tornar essa tecnologia acessível.

Neste mesmo horizonte estarão em alta os Laboratórios de Fabricação que são oficinas voltadas para o desenvolvimento e produção de protótipos. Estas oficinas estarão equipadas com impressoras 3D, kits de hardware, diversas ferramentas e materiais, que atuarão no desenvolvimento de atividades de aprendizagem ativa (JOHNSON et al., 2016, p. 12-15).

Em quatro a cinco anos, o que estará em voga será a computação afetiva e a robótica. Os algoritmos de aplicativos permitirão interpretar emoções e comportamentos permitindo maior interação entre homem e máquina. Para a educação a distância e a educação híbrida serão muitos os benefícios possíveis, uma vez que a emoção é parte fundamental no processo de aprendizagem. A humanidade terá uma interação muito maior com máquinas com comportamento autônomo (JOHNSON et al., 2016, p. 8-11).

Porém, em escolas que não investem grandemente em recursos tecnológicos, o que podemos fazer para obter a atenção do aluno e prepará-lo para uma sociedade mais tecnológica? Podemos fazer uso da tecnologia da biblioteca, da *lan house* ou até mesmo da existente na casa do próprio aluno. Com internet e acesso à vídeos online, por exemplo, podemos fazer uso da moderna e em ascensão “escola invertida”, onde o aluno aprende o conteúdo fora da sala de aula e durante às aulas pode tirar dúvidas ou colocar em prática o que aprendeu através de exercícios, debates etc.

Agora, nos detenhamos no que podemos usar, em objetos digitais que hoje em dia já estão na mão dos alunos como por exemplo o *tablet*, o *smatphone* e o computador. Seguem ideias de aplicativos que podemos usar em uma sala onde alunos tenham acesso ao *smartphone*, ou computador e acesso à internet.

Google espaços: Novo aplicativo do *Google* é voltado para o usuário poder trocar *links*, fotos e conteúdos em geral com amigos e colegas em grupos. O professor pode usar como ferramenta obrigatória para grupos fazerem trabalhos, apresentações ou até mesmo artigos,

onde o professor consegue avaliar não apenas o aluno que apresenta bem uma palestra como também aquele que pesquisa bem, que encontra informações relevantes, que participa da preparação.

Leitores de Código DMC: Existem diversos aplicativos para smartphones e tablets que permitem o usuário escanear um código chamado de DMC (*Data Matrix Code*) que pode conter textos, links para sites etc. onde o educador pode, ao invés de escrever e o aluno copiar, ganhar tempo apenas disponibilizando o código que pode ser lido através de smartphone ou tablet que contenha câmera e o aplicativo instalado.

Whatsapp: Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones, muito popular, que além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF. Pode ser criado um grupo da disciplina dada onde o professor pode compartilhar imagens, textos, links e vídeos. Os alunos podem interagir.

Youtube: É um aplicativo onde são disponibilizados vídeos livres para consulta online. Pode ser utilizado para aulas virtuais, como fez um jovem matemático Salman Khan corretor financeiro, formado em engenharia, decidiu ajudar a prima de dez anos que tinha dificuldade em matemática e gravou alguns vídeos, os quais viraram febre na internet e já passaram de duzentas e vinte milhões de exibições (SUÁREZ, 2013).

Pinterest: Semelhante ao Google Espaços. Dentro de qualquer assunto você pode, de maneira colaborativa com a sala, reunir imagens e outras fontes para os conteúdos da sala.

Twitter: Rede social onde a turma pode seguir postagens de mentores, especialistas e profissionais de sucesso em determinados assuntos e posteriormente o aprendizado pode ser compartilhado em aula.

Downcast: Ambiente onde pode ser armazenado e acessado *Podcasts* que são gravações, periódicas ou pontuais. Pode ser utilizado para pesquisas, para aprofundar os conhecimentos debatidos em sala de aula ou para estimular nos alunos a pesquisar por conteúdos diferenciados.

Google Earth e Google Maps: Podem ser usados para ilustração em aulas de geografia ou história, mostrando a localização de lugares onde algum fato importante ocorreu, inclusive com visualização 3D. Ou pode ser usado para apresentar áreas e explicar sobre topografia e vegetação predominante. Na maioria dos endereços consultados, já se pode visualizar o local através de fotos.

Secondlife: O *Second Life* é um ambiente virtual e tridimensional que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano. Dependendo do tipo de uso, pode ser encarado como um jogo, um mero simulador, um comércio virtual ou uma rede social. Pode ser usado para aulas também. O professor com seu avatar pode encontrar os avatares de alunos para uma aula diferenciada.

Skype: Através do *Skype*, podem ser feitas conferências em grupo, inclusive por vídeo. Em uma versão paga, principalmente as empresas multinacionais, tem usado o *Skype* para conferências com visualização da tela do apresentador existindo ainda a possibilidade de permissão aos ouvintes de controlar a apresentação. Pode ser usado por um grupo de trabalho, por exemplo, ou por aluno e orientador de trabalho de graduação, artigo e outros. O participante que não está com computador, pode participar da conferência apenas por telefone.

AT&T Conference System: Sistema de conferência online semelhante ao *Skype* com a visualização da tela do apresentador, com a

opção que os participantes de qualquer lugar do mundo que não estiverem com um computador conectado à internet, podem participar pelo áudio da conferência apenas por telefone ligando para um número gratuito, no caso do Brasil “0800”.

Real Time Business Game: Jogo de Empresas online e em tempo real pago baseado que simula a realidade financeira e contábil das empresas. Pode servir de projeto para o semestre em disciplinas de administração.

Company Manager: Jogo empresarial onde o usuário deve administrar uma empresa comprando matéria prima, contratando empregados, gerente etc., também pode servir de projeto para o semestre em disciplinas de administração.

Politron Internet: Jogo de Empresas com versão demo gratuita que permite aos participantes, gerenciarem a operação de uma fábrica, tomando decisões ao longo de uma série de períodos simulados. Pode servir de projeto para o semestre em disciplinas de administração, logística e engenharia.

Simulair: Jogo Simulador de gestão de negócios pago que pode ser usado como uma ferramenta que proporciona aos alunos a prática da gestão de um negócio. Pode ser usado com equipes de 3 a 5 com a missão de administrar uma das empresas simuladas. As empresas competem entre si durante um período que pode variar de algumas horas a meses. O tempo vai depender da dinâmica e da didática adotada.

Google Docs: Pode ser usado para salvar documentos online onde qualquer um participante do grupo pode acessar. Pode ser usado para armazenar artigos, aulas e outros conteúdos complementares e de revisão.

Google Groups: Pode ser criada uma conta de e-mail de um grupo, onde as mensagens são trocadas sem risco de esquecer de um participante. Pode ser armazenado documentos para o grupo acessar como *Google Docs*.

Prezi: Ferramenta de apresentação como o PowerPoint, porém com uma sistemática de apresentações midiáticas dinâmicas e de qualidade inovadora. Com uma apresentação mais dinâmica é obtido um índice maior de atenção, conseqüentemente maior aprendizagem.

Khan Academy: Pode ser acessado para praticar matemática e outros conceitos de economia com os gênios. Serve para exercitar a prática de cálculos complexos. Serve também de preparo para olimpíadas de matemática.

Microsoft Outlook: Pode ser usado para montar o calendário de atividades da turma e ser compartilhado em formato de reuniões. Também pode ser usado para salvar lembretes, mandar e-mails e ainda salvar os contatos.

CaptureNotes 2: Pode ser usado para fazer anotações e gravar o áudio de aulas ou discussões em grupo. O conteúdo pode ser consultado em aulas em formato de debates, ou por um grupo para formatar apresentações.

Evernote: Como o *CaptureNotes*, pode ser usado para fazer anotações e gravar o áudio de aulas ou discussões em grupo que além disso, você também pode criar um portfólio digital.

Na visão de Pais (2008) algumas tecnologias colaboram mais diretamente com a melhoria das condições da aprendizagem dependendo da relação entre o usuário e os aplicativos ou softwares utilizados proporcionalmente de acordo com a interatividade do usuário.

Ainda existem muitos aplicativos que, com um pouco de criatividade pode ser aproveitado no ensino de diversas matérias.

Considerações finais

De acordo com Kenski (2003) a formação dos professores deve incluir conhecimento sobre uso das novas tecnologias de informação em diversas formas para o ensino.

Estas são apenas algumas ideias para iniciantes, que através das mesmas podem tornar suas aulas mais motivadoras e proveitosas. Conforme os anos vão passando, vão surgindo muitos aplicativos, portanto é interessante que o leitor deste artigo, que tem interesse em iniciar o uso destas tecnologias em sala de aula, faça uma pesquisa de novos aplicativos que possam ser usados. Isto permitirá a transformação dos alunos de modo mais eficiente como também a mudança do próprio docente pois, como diz Kenski (2007, p. 21):

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos ou produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, redefiniu a produção, comercialização e estocagem de produtos e deu origem a inúmeras outras descobertas.

Para a adoção consistente do uso da tecnologia em sala de aula proponho os seguintes 5 passos:

- ◆ Entender os recursos tecnológicos citados neste artigo ou, até mesmo, outros que possam ser incorporados ao programa da sua disciplina de acordo com as características da mesma;
- ◆ Impulsionar os alunos a buscarem informações na internet orientando-os como analisar a confiabilidade da informação;
- ◆ Indicar bibliografias e sites úteis para que desenvolvam com qualidade o trabalho;
- ◆ Promover a discussão em grupo comparando as informações encontradas;
- ◆ Incentivar a produção de trabalhos escolares com o uso de diferentes recursos tecnológicos.

103

O docente pode, portanto, independentemente do incentivo da escola, praticar o ensino com o uso de tecnologia moderna atendendo o anseio do corpo discente e proporcionando melhor eficiência no aprendizado.

Referências

BARBA, C.; CAPELLA, S. **Computadores em sala de aula: métodos e usos**. São Paulo: Penso, 2012.

BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

CYSNEIROS, P. G. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? **Revista Informática Educativa**, v. 12, n. 1, p. 11-24. Bogotá: Lidie, 1999.

JOHNSON, L.; ADAMS, S. B.; CUMMINS, M.; ESTRADA, V.; FREEMAN, A.; HALL, C. **NMC Horizon Report: 2016 Higher Education Edition**. Austin: The New Media Consortium, 2016.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e o ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

104

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da educação**. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus Editora, 2000.

PAIS, L. C. **Educação escolar e as tecnologias da Informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SUÁREZ, A. S. **Ensino que transforma: princípios para o magistério de sucesso**. Artur Nogueira: Editora Paradigma, 2013.

As tecnologias da informação e comunicação: desafios para o professor universitário

Nataly Martins Castro Gomes¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: O presente trabalho insere-se no contexto de constantes transformações advindas de uma sociedade globalizada, pressupondo sua influência nas instituições de Educação Superior. Apresenta o cenário atual,

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. E-mail: na_tallygomes@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

influenciado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que adentram o âmbito educacional e exigem mudanças no currículo, práticas pedagógicas e desenvolvimento de habilidades e competências no processo de ensino. Tem como perspectiva a discussão dos desafios que o professor universitário encontra em sua prática durante a utilização das TICs na sala de aula como inovação educacional coerente com as novas demandas sociais nas quais os alunos estão inclusos. Com base numa pesquisa do tipo levantamento bibliográfico, buscou-se apresentar os principais aspectos referentes à relação das TICs com a aprendizagem mediada pelo docente e expor quais fatores interferem na aquisição de metodologias com uso da tecnologia em sala de aula.

Palavras-chave: Globalização; Tecnologias; Educação Superior; Docente.

106

Abstract: This research is inserted in the context of transformations originated from a globalized society, in which influences university education. Also, it presents the actual scenario influenced by information and communication technologies (ICT), which permeates the educational system and demands changes in the curriculum, pedagogical practices, the development of skills, and competence in the teaching process. Moreover, this study has the perspective of discussing the challenges faced by university professors when using ICT as learning tools inside the classroom, since it is an innovation in coherence with the new social demands found in the educational environment. This research was based on a bibliographical survey, in which the main aspects of ICT as learning tools and the standard teaching used

by professors were analyzed. In addition, it was analyzed the factors that interfere in the acquisition of methodologies with the usage of ICT in the classroom.

Keywords: Globalization; Technologies; University Education; Professor.

Introdução

O século XX é marcado pelo dinamismo e transformações propiciando uma era de interdependência global, caracterizada pela internacionalização da economia e avanços tecnológicos. Este último, presente no cotidiano dos indivíduos de forma desigual, ainda possibilita que os fenômenos sociais, econômicos e culturais não ocorram isoladamente e as informações sejam disseminadas rapidamente e de fácil acesso para os que utilizam instrumentos ou equipamentos tecnológicos.

Por isso, o presente estudo tem por objetivo explicar sobre a inserção das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica do docente universitário com base nas demandas sociais impostas pela globalização, sobre as quais observa-se a necessidade de uma mudança curricular e metodológica que considere o desenvolvimento de habilidades e competências nos alunos que convivem numa ambiente em constantes transformações econômicas, sociais, culturais e tecnológica característica da era da informação.

Para compreensão dos objetivos propostos, este artigo esclarece brevemente as consequências advindas da globalização e as alterações

na educação superior por meio das novas tecnologias. Assim, enfatiza-se uma formação adequada e atualizada do professor da educação superior, que a partir de novas práticas promoverá a relação entre a realidade social e pessoal dos discentes com o conteúdo aprendido.

Ainda se apresenta que a utilização dos recursos tecnológicos deve estar clara e seu uso precisa ser adequado e coerente com o processo de ensino/aprendizagem para qualificar a ação do professor. Considera-se que a velocidade das inovações tecnológicas e a necessidade de atualização podem intimidar o docente e promover resistência quanto o emprego de novos métodos de ensino coesos com o perfil dos alunos inseridos numa sociedade imediatista, consumista e competitiva.

Educação superior: globalização, tecnologia e o docente

Ao tratar de educação superior devem-se ponderar as transformações decorrentes da globalização e o impacto exercido sobre a sociedade e democracia. O cenário aponta para uma complexa interação entre as instituições de ensino e a sociedade nos quais devem ser repassados os conhecimentos fragmentados e multiplicados que fazem parte das características atuais da globalização, cuja visão de educação tornaram-se distintas (SOBRINHO, 2005). Para Queiroz (2001), a consolidação da sociedade do conhecimento, parte das pressões no *status quo* da vida atual sofrida pela informatização e transformações nos valores, cultura e crenças pessoais. A palavra

globalização, conforme Moreira e Kramer (2007, p. 1039) “caracteriza-se por polissemia e por se mostrar cada vez mais opaca à medida que é empregada para explicar uma multiplicidade de experiências”. Por sua vez, Neves et al. (2007, p. 126) define-a como:

[...] dado real, irreversível, caracterizando-se pela internacionalização e interdependência das economias nacionais no âmbito planetário. A globalização não é um processo consensual entre os estudiosos, mas um intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, de um lado, e grupos sociais e Estados interesses subalternos, por outro.

Moreira e Kramer (2007) assinalam que os diversos sentidos da globalização desencadearam mudanças no cenário educacional seja pelas instituições transnacionais, processos econômicos, difusão do discurso neoliberal e surgimento das TICs. Porém, o modo de estruturar a educação escolar e o desenvolvimento do trabalho docente é reflexo, em grande parte, da influência da revolução científico tecnológica na sociedade e nas salas de aulas. Para as autoras, o uso das tecnologias da comunicação e informação na escola apresenta-se como desafio para professores e gestores, pois o surgimento de novas tecnologias provém da globalização, as quais socializam os saberes e padronizam significados à vida, à sociedade e ao mundo.

Para Queiroz (2001), a educação superior é uma instituição social com a finalidade de formar uma elite intelectual em prol da sociedade que serve. Por isso, a instituição social caracteriza-se pela estabilidade e durabilidade de sua missão estruturada por meio dos

valores da sociedade a qual está inserida. A educação Superior nesse caso integra um sistema para qualificação profissional, desenvolvimento político, econômico, social e cultural. O gradativo interesse da sociedade pela educação superior tem aumentado e é parte da história da educação brasileira. De acordo com Sobrinho (2005, p. 165): “cabe a universidade — e esta é uma bandeira histórica, essencial e indescartável — elaborar uma compreensão ampla e fundamentada relativamente às finalidades e transformações da sociedade”. Por isso, a concepção de formação do professor deve ser examinada e tratar como o uso dos recursos tecnológicos podem contribuir para discussão da cultura e ensino de qualidade através da utilização criteriosa e apropriadas das TICs (MOREIRA; KRAMER, 2007).

Tecnologias da informação e educação

De acordo com Brito (livro *google*) a presença da tecnologia constitui um argumento para comprovar sua necessidade na escola e na formação do cidadão competente na interação humana e aos valores éticos. A transmissão do conhecimento e a difusão da cultura ocorrem por meio da educação a qual aliada a tecnologia corrobora para construção do conhecimento. A tecnologia da informação e comunicação requer novos hábitos e novas formas de transmissão do conhecimento. As TICs têm modificado as gerações e disseminado conhecimento, assim, a democratização do acesso à informação reforça a necessidade de qualificação do sujeito no

menor tempo possível. Soma-se a isso o fato de considerar muitos conceitos e metodologias ultrapassados os quais precisam ser revisitos e substituídos por inovações educacionais condizentes com os jovens adultos digitais (DUDZIAK, 2010).

Os recursos tecnológicos de comunicação e informação não podem ser ignorados, embora presentes na vida dos cidadãos mesmo que de forma desigual, o espaço geográfico está repleto das conexões de redes que ligam diversos lugares do mundo. As utilizações maciças das TICs propiciam novos desafios por delinear novas rotinas e relacionamentos. Todos os dias os recursos, conhecimento e habilidades são inseridos para que os indivíduos se mobilizem e possam adequar-se às inovações. Assim, os avanços da informática têm provocado novas formas de organização social e uma revolução política e econômica, cuja flexibilidade tecnológica permite a seleção de territórios e economias com valor pautado na renovação do conhecimento. (AMEM; NUNES, 2006; DUDZIAK, 2010; NEVES et al., 2007).

Conforme Neves et al. (2007, p. 127), sobre a busca constante do conhecimento como meio de inserção:

tornou-se um elemento fundamental de inserção nesse mundo globalizado e condição para que se possa assumir um papel de protagonista ativo e não de mero espectador. Neste contexto, ocorre, portanto, uma enorme revalorização do conhecimento como fonte de orientação do progresso da sociedade. É fundamental, por isso mesmo, a administração racional do conhecimento, sua geração, difusão e aplicação. A educação volta ao centro das preocupações das políticas públicas e dos projetos privados.

Para Nery (2016) as transformações pelas quais a sociedade passou definida como era da informação, são marcadas por um novo paradigma: o paradigma tecnológico informacional. Esse modelo criou condições e suporte para organização de novas práticas e novas formas de espaços. Conforme Amem e Nunes (2006) o avanço das TICs podem propiciar possibilidades de disseminar informações e facilitar o acesso dos indivíduos a ela, desde que se desenvolvam habilidades e competências para apropriação dos conhecimentos derivados das informações. “É interessante registrar que são três os elementos básicos e mínimos da noção de informação: tradução possível em sinais, codificação possível desses sinais em dados e transmissibilidade dos mesmos” (AMEM; NUNES, 2006, 172).

112

Para Rocha (2009) o desenvolvimento acelerado da tecnologia e da ciência, inerentes às modificações nas relações pessoais e sociais, e o uso indiscriminado da tecnologia influencia no consumo e demonstra o despreparo dos usuários na análise criteriosa do que consumir. Na formação dos profissionais da educação superior, é imprescindível que se discuta sobre tais fatores e apresentem-se os elementos para mediação da tecnologia nas salas das instituições de ensino superior. Por isso, Amem e Nunes (2006) salienta que a multiplicidade de informações denota o surgimento de um novo cenário educacional e de aprendizagem. O currículo precisa superar as fronteiras da disciplina, e no contexto da educação superior, adaptar-se às novas demandas e assumir papel de destaque nesse processo através da apropriação de conhecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais.

O impacto das tecnologias na vida cotidiana do homem modificou a educação na medida em que o uso das TICs, do ensino

semipresencial, por exemplo, intensificou-se. Há coexistência de conteúdos eletrônicos e analógicos, repositórios digitais com serviços de informação de qualidade. Tal fator determina o desafio de atualização pedagógica, didática, infraestrutura pedagógica, midiática e informacional das instituições de ensino (DUDZIAK, 2010).

Para Kenski (2007) a educação é um mecanismo poderoso na articulação nas relações que envolvam poder, conhecimentos e tecnologias. O autor explica que, semelhante a uma criança educada num ambiente familiar com valores os quais determinam sua identidade social, a escola estabelece relações com o conhecimento e tecnologia mediada pelos professores aos alunos. Nesse contexto, Amem e Nunes (2006) ressalta que países desenvolvidos investem nas TIC para manter hegemonia, enquanto aqueles em desenvolvimento utilizam-na para reduzir a disparidade que os separa do mundo desenvolvido. Porém, continua sendo objetivo alcançar força de trabalho com capacidade de interação com as ferramentas informacionais e desenvolver a educação para coerência social.

As inovações tecnológicas passam por transformações contínuas como operação e instrumentos; inovações e modernização. No âmbito educacional isso ocorre por meio da aquisição de equipamentos e preparação dos profissionais para melhor qualidade de ensino e novas formas de organizar o trabalho pedagógico. Com mudanças constantes há necessidade de atualização na esfera social e escolar, já que, a internet é utilizada como ferramenta de mediação e planejamento de situações de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, deve-se refletir sobre a tecnologia como uma infinidade de coisas que o homem criou em todas as épocas, as quais podem ser equipamentos ou não, digitais ou

não, mas frutos de planejamento e inteligência que se incorporam ao cotidiano (PARZIANELLO; MAMAM, 2010; KENSKI, 2007).

As exigências provenientes das tecnologias da informação e comunicação esbarram na carência da formação de professores, pois a expansão das universidades, acumulação de conhecimentos, mudanças sociais não foram acompanhadas por uma prática pedagógica adequada de maneira qualitativa e quantitativa. Sobre este prisma as instituições de ensino necessitam redefinir seus fundamentos, procedimentos e princípios em consonância com as Diretrizes Curriculares definidas pelo Conselho Nacional da Educação, as quais promovem um currículo aberto, flexível, integrativo, sistêmico que possa desenvolver potencialidades que permitam a modernização dos projetos pedagógicos e dos cursos (SOBRINHO, 2005; AMEM; NUNES, 2006).

114

Para Ricarte e Carvalho (2011), as tecnologias ganham notoriedade na sociedade de consumo. Sua predominância no âmbito escolar ainda enfrenta resistência de alguns profissionais da educação que possuem aversão ao novo e continuam com práticas didáticas ultrapassadas caracterizadas pela memorização e descrição de conceitos que não possuem significado com a vida prática dos alunos.

O trabalho docente e o uso das tecnologias da informação e comunicação

Para Lima (2013), as transformações ocorridas por meio da globalização propiciaram a velocidade da disseminação do conhecimento.

As novas tecnologias inerentes a essas mudanças promovem a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem, de maneira que a escola precise adequar-se à era da informação através de recursos e atividades que aproximem os alunos e professores do ato de aprender, associando, como afirma Mantoan (2003, p. 53):

a existência dos computadores na escola à ideia de co-criação do conhecimento, interdisciplinaridade, aprendizagem colaborativa, ampliação de comunicação e expressão entre aprendizes e professores, vivências intra e interescolares, que implicam a multiplicidade de pontos de vista e o intercâmbio de ideias diante de um mesmo tema ou a resolução de problemas pela troca de soluções possíveis e escolhas compartilhadas.

Contudo, conforme Amem e Nunes (2006) e Lima (2013) os professores, em busca da aprendizagem dos alunos, priorizam os conteúdos em detrimento do estabelecimento de vínculo com a realidade social por meio da associação da teoria e prática (fato observado nos recém-graduados). Tal aspecto deve considerar a instituição de ensino como local de construção do conhecimento e socialização, com intuito de atenuar as desigualdades sociais e auxiliar no desenvolvimento cognitivo através da mediação e orientação do professor interagindo com as tecnologias presentes na vida dos cidadãos.

Por ser produto histórico da atividade humana a educação superior modifica-se por ações concretas do homem. Nesse sentido torna-se relevante conhecer a atuação dos professores e quais os obstáculos que permeiam a aquisição de uma nova práxis pedagógica. Assim, a prática

sem um conhecimento organizado dissocia-se das informações recebidas e dificulta a integração do conhecimento e habilidades. Para isso, pressupõe-se um projeto pedagógico, interdisciplinaridade e uso das TICs a fim de envolver professores e alunos de forma criativa e flexível diante das novas demandas sociais.

Conforme Dudziak (2010) algumas competências são requeridas diante do novo ambiente midiático e informacional, como: 1) experimentação: busca de resolução de problemas através de ambientes compartilhados; 2) performance: improvisar e descobrir por meio da adoção de identidades alternativas; 3) simulação: interpretar e construir modelos dos processos do mundo real; 4) apropriação: remixar e atribuir significado aos conteúdos de mídia; 5) multitarefa: lidar com várias atividades em ambientes diferentes etc. De acordo com Zuin (2010) o Documento- Referência do CONAE aponta para a importância do domínio das TIC pelos professores tanto para formação inicial quanto para continuada à ampliação do capital cultural e elaboração/difusão do conhecimento atreladas ao uso das tecnologias.

Moreira e Kramer (2007) estabelecem que a presença das TIC no ensino contribua para superação de limites das velhas tecnologias caso sejam vistas, pelos professores, como solução de problemas pedagógicos ou questões sociais. O conhecimento apropriado possibilita um bom desempenho ao aluno e meios para transcender seu universo cultural através de experiências que possam formar sujeitos autônomos, críticos e criativos, capazes de compreender a realidade e as transformações ocorridas pelas ações humanas. “De fato, a autonomia, criatividade e autoconfiança nunca puderam ser desenvolvidas por meio

de práticas pedagógicas que associavam a memorização de conteúdos fragmentados e alheios aos interesses dos alunos” (ZUIN, 2010, p. 970).

Para Soares (2009, p. 95) entre os principais desafios enfrentados pelo professor universitário, destacam-se:

A revolução dos meios de comunicação e informação, que possibilita o acesso aos conhecimentos de forma ágil e dinâmica pela internet, coloca em cheque o papel de porta-voz inquestionável do saber assumido pelo professor universitário e os métodos tradicionais de ensino; a resistência, por parte dos estudantes, à reflexão, ao aprofundamento, ao resgate da história para compreensão e crítica dos fenômenos atuais, reforçada pela sociedade de consumo, competitiva, imediatista, na qual tudo é rapidamente descartável, só o que é novo tem valor; a ausência de competências básicas por parte de um grande contingente de estudantes, a exemplo da leitura e interpretação de textos, indispensáveis para a sua formação em nível superior e a inexistência de medidas institucionais capazes de contribuir para superação das carências desses estudantes, que em grande arte vem de escolas públicas.

117

Diante disso, Assunção (2013) assinala que as transformações ocorridas na universidade demandam atenção a formação do professor para superação das dificuldades que se levantam com os novos desafios. Estes solicitam novas formas de entender o conhecimento e posicionam a necessidade da abertura de diálogo com várias fontes de conhecimento e pesquisa pelo professor, que deixa de tornar-se o único detentor do saber. Para Moreira e Kramer (2007) é imperativo refletir sobre a influência que as tecnologias são incorporadas pela escola, na formação dos professores e na introdução das TIC na sala

de aula. Essa incorporação deve ser realizada a partir de uma análise minuciosa das vantagens e limites para as práticas educacionais.

Conforme Parzianello e Mamam (2010) a utilização dos instrumentos tecnológicos exigem empenho, pois seu uso em sala de aula proporciona o desenvolvimento da aprendizagem como um todo. O professor precisa dominar as ferramentas tecnológicas que serão empregadas de forma que incorpore a linguagem virtual da internet integrando-a a pesquisa, e como elemento de contextualização entre ensino e culturas. Quando bem utilizadas, as TIC podem oferecer subsídio para nova postura docente, levando em consideração a necessidade de que o docente se aproprie das tecnologias e compreenda o processo dinâmico entre o homem e as máquinas. Conforme Brito (2008, p. 29) a educação precisa de professores que acreditam em si, defendendo seus valores e que tenham convicção de suas ideias para que se torne aberto às mudanças, novos paradigmas, aceitando a diversidade comunicada por uma sociedade tecnológica. Para a autora o foco não deve ser os malefícios e benefícios das ferramentas tecnológicas, mas, como utilizá-las no processo de ensino-aprendizagem.

118

Enricone (2008, p. 21) afirma que o docente é promotor da cultura: “um intérprete de sua disciplina, é um mediador entre o conteúdo que ensina e o seu e o horizonte de compreensão do seu aluno, entre seu conhecimento especializado e um sujeito em formação”. Assim, para Kenski (2007) as tecnologias estão presentes em todo o processo pedagógico como o planejamento das disciplinas, elaboração da proposta curricular e certificação de alunos. A tecnologia pode mudar a organização do ensino e quando bem utilizadas alteram o comportamento dos professores e alunos levando ao aprofundamento da aprendizagem. Fernandes e Grillo (p. 268, 2001) enfatizam que:

A mediação pedagógica coloca como exigência a mudança do sentido da educação. Na sociedade tecnológica, a construção do conhecimento passa pelo acesso à informação, mas esse acesso deve ser pedagógico, possibilitando a ponte entre o saber, a prática social e o aluno. A ele, deve ser possibilitado estabelecer relações cada vez mais amplas com diferentes saberes, levando-o a construir a sua própria rede de significações.

Os dispositivos tecnológicos geram mudanças na metodologia de ensino e na maneira de aprender, já que a educação é um processo que transforma o sujeito, e não deve estar vinculada necessariamente à interação professor-aluno, mas no assessoramento para construção do conhecimento por parte dele. Nesse processo, é imprescindível que o aluno possa fazer troca de conhecimento com a mediação da tecnologia, mas que seja proporcionado a ele clareza para discernir que pode-se realizar atividades educacionais de maneira séria e crítica. Assim, as TICs podem facilitar o processo de aprendizagem com apoio da interdisciplinaridade, através da promoção de vantagens aos métodos tradicionais de ensino (BUSARELLO et al., 2015; ROCHA, 2009; AMEM; NUNES, 2006)

119

Considerações finais

Conforme exposto neste trabalho, observa-se que as transformações econômicas, sociais e tecnológicas ocorridas no mundo provocaram mudanças no âmbito educacional, especialmente na educação superior. As novas perspectivas educacionais advindas com os

dispositivos tecnológicos exigem demandas que cernem a adequação do currículo e elaboração de projetos pedagógicos que considerem as desigualdades de acesso dos discentes às TICs e sua conexão com a realidade que está inserida.

O planejamento curricular e implementação dos projetos e das inovações na metodologia de ensino, assim como a utilização das novas tecnologias permitem que o estudante tenha a possibilidade de desenvolver potencialidades a fim de construir o conhecimento por meio da intervenção que o docente realiza no espaço de interação. Por isso, nota-se que a tecnologia aplicada na educação surge com intuito de melhorar a qualidade do ambiente educacional e com objetivo de facilitar o processo de ensino e aprendizagem. O docente universitário através do planejamento torna-se o mediador que propõe métodos e técnicas que possibilitem ambientes de aprendizagem.

120

Para além de substituir o professor, o uso das TICs deve contribuir para prática docente e por meio delas formar cidadãos capacitados para compreensão de teorias que norteiam o paradigma da tecnologia. Ao utilizá-los de maneira adequada, o professor pode oferecer auxílio pedagógico e informações atualizadas tanto para ele mesmo como para seus alunos e facilitar a aprendizagem. Nesse sentido, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e passa a assumir uma postura de dinamizador e coordenador do processo de ensino-aprendizagem, estimulando e motivando o aluno na investigação, articulando, desse modo, o sujeito com o objeto a ser aprendido.

Referências

AMEM, B. M. V.; NUNES, L. C. Tecnologias de informação e comunicação: contribuições para o processo interdisciplinar no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, n. 3, p. 171-180, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2p6DBpw>> Acesso em: 19. Set. 2016.

ASSUNÇÃO, C. G. **Possibilidades e limites do programa de aperfeiçoamento de ensino para a formação pedagógica do professor universitário**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2nF9SU8>> Acesso em: 15. Set. 2016.

BRITO, G. S. **Educação e novas tecnologias: um repensar**. Curitiba: Ibpex, 2008.

BUSARELLO, R. I.; BIEGING, P.; ULBRICHT, V. R. **Sobre educação e tecnologia: conceitos e aprendizagem**. São Paulo: Pimenta cultural, 2015.

DUDZIAK, E. A. Competência informacional e midiática no ensino superior: desafios e propostas para o Brasil. **Prisma**, n. 13, p. 1-19, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2nFaWb8>> Acesso em: 19. Set. 2016.

ENRICONE, D. (Org). **A docência na educação superior: sete olhares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FERNANDES, C. B.; GRILLO, M. (orgs). **Educação superior: travessias e atravessamentos**. Canoas: ULBRA, 2001.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

LIMA, M. F. Formação dos professores para inserção das mídias em sala de aula: uma proposta de ação, reflexão e transformação. **HOLOS**, v. 3, p. 100-110, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2ozuf4I>> Acesso em: 15. Set. 2016.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MOREIRA, A. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/1ysYjPt>> Acesso em: 19 set. 2016.

122

NERY, M. A. **O uso das tecnologias digitais da internet na Educação Superior: representações docentes- entre o formal e o informal, as marcas da presença do possível**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2p6tvEX>>. Acesso em: 15 set. 2016.

NEVES, C. B.; RAZIER, L.; FACHINETTO, R. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. **Sociologias**, n. 19, p. 124-157, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2jCmMN5>>. Acesso em: 19 set. 2016.

PARZIANELLO, J. K.; MAMAN, D. Tecnologias na sala de aula: o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem. SIMPÓSIO NACIONAL DE

EDUCAÇÃO, II. **Anais de Congresso**. Cascavel, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2ptXR0M>> Acesso em: 15 set. 2016.

QUEIROZ, E. G.; COLOSSI, N.; CONSENTINO, A. Mudanças no contexto do ensino superior no Brasil: uma tendência ao ensino colaborativo. **Revista FAE**, v. 4, n. 1, p. 49-58, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2nEQvef>>. Acesso em: 19 set. 2016.

RICARTE, D. B.; CARVALHO, A. C. As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectivado do ensino de Geografia. In: SOUZA, R. P.; MOITA, F. M. C.; CARVALHO, A. G. (Orgs). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/1xiSU9f>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

ROCHA, C. A. **Mediações tecnológicas na educação superior**. Curitiba: IBPEX, 2009.

SOARES, S. R. Pedagogia Universitária: Campo de prática, formação e pesquisa na contemporaneidade. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.) **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/1SITIEL>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

SOBRINHO, J. D. Educação superior, globalização e democratização: qual universidade? **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p. 164-173, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2pqpZBN>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

ZUIN, A. S. O Plano Nacional de Educação e as tecnologias da informação e comunicação. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 112, p. 961-980, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2oteBY4>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

Brasil a grande seara para a EAD

Edvaldo de Melo Santhágatta¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Este artigo trata da grande oportunidade para os docentes do ensino superior em um país como o Brasil, com dimensões continentais, cheio de necessidades, sendo talvez a de maior prioridade a educação. Apesar de a Educação a Distância ser vista por muitos como fraca e até desacreditada, pode servir como um grande desafio de se implantar um ensino de qualidade e de fácil acesso, desde os lugares mais densamente

.....
¹ Pós-Graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: edpadilha@ig.com.br.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

habitados até os mais distantes vilarejos e rincões deste país, alcançando pessoas das mais diferenciadas classes econômicas e sociais. A Educação a Distância pode levar a muitos esperança, oportunidade, crescimento e satisfação, e o professor pode ser esse grande agente transformador em localidades desconhecidas e esquecidas, levando conhecimento e libertação. O Brasil é uma grande seara para a educação e os profissionais da docência têm um papel fundamental nesse campo fértil e potencialmente produtivo. O campo é imenso e os trabalhadores ainda são poucos.

Palavras-chave: Oportunidade; Necessidades; Desafio; Professor; Seara.

Abstract: This article deals with the great opportunity for teachers in higher education in a country like Brazil, with continental dimensions, full of needs, with perhaps the highest priority to education. Although the distance to be seen by many as weak and even discredited, can serve as a challenge to implement quality education and easy access from the most densely populated places to the farthest villages and corners of this country, reaching people from different socioeconomic levels. Distance education can LEAD to many, hope, opportunity, growth and satisfaction, and the teacher may be this great transforming agent in unknown and forgotten places, bringing knowledge and liberation. Brazil is a great harvest for education and teaching professionals have a key role in this fertile and potentially productive field. The field is immense, and workers are still few.

Keyword: Opportunity; Needs; Challenge; Teacher; Harvest.

Introdução

Este artigo levanta a hipótese para o profissional da educação de um vasto território a ser desbravado, tanto pelo professor como pelas instituições de ensino superior. No Brasil ainda há muito a ser feito nessa área, vejo a educação nesse país como um negócio da China para os docentes e para as empresas que queiram investir nesse campo, há muito a ser feito, são mais de 5.500 municípios no país e todos eles com carências na educação, e principalmente a nível superior.

A Educação a Distância levará para essas cidades: progresso, esperança, riquezas e atrairá mais desenvolvimento e crescimento para esses lugares. Existem centros regionais em todas as regiões desse país que ainda necessitam de diversos cursos e mão de obra especializada para atender suas necessidades, é verdade que as regiões sul e sudeste contam com uma estrutura educacional muito privilegiada, quando comparada às regiões centro-oeste, norte e nordeste do Brasil, mas mesmo no centro-sul do país ainda há o que ser feito. Temos observado o nosso país travado em muitas áreas justamente pela falta de profissionais preparados, a demanda por qualificação profissional tem levado o Brasil a recrutar trabalhadores no exterior.

Há uma necessidade e uma demanda crescente por qualificação em um país que precisa decolar e atender metas e objetivos e esse pode ser o grande momento e a oportunidade de ouro para os docentes e as instituições de ensino superior, que não se deixe esse trem passar, pois o tempo é a única coisa que não conseguimos recuperar.

Este artigo está baseado em pesquisas bibliográficas, retiradas de livros, revistas científicas, artigos científicos, tabelas e gráficos da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) e sites de jornais e revistas disponíveis na internet.

Há a desconfiança de que possa ser um nicho de mercado para alguns grupos de grandes investidores que visam apenas o lucro que esse segmento lhes possa proporcionar, sem de fato se preocuparem com a qualidade do ensino que irão oferecer. É verdade, há esse risco, mas mesmo em grupos de investidores, há aqueles que se preocupam com sua imagem, pois têm uma marca a zelar, nesse caso a preocupação maior deles, seria quanto ao valor se sua marca. Marca é patrimônio.

Exemplos de que grupos privados sérios têm interesse por esse mercado são citados em uma matéria do Estadão de 30 de julho de 2013⁴ que diz que algumas das mais importantes universidades de ponta como Stanford e Columbia, estão apostando no ensino à distância, e têm oferecido cursos ao redor do mundo que já atraíram mais de 160 mil pessoas.

Vivemos em uma aldeia global onde as distâncias foram diminuídas pelo avanço da tecnologia. O acesso a informação está apenas a um clique de mouse que como mágica, descortina todo um mundo diante das telas dos computadores, *smartphones*, *tablets* e etc.

Estamos na transição da geração Y para a Z, e esses novos estudantes são muito ligados à informática, já crescem em ambiente inteiramente voltado para o virtual. E nesse campo o uso das (TIC), nas (IES), fazem-se oportunas e necessárias.

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2qgQlX>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

História do Ensino à Distância (EAD)

De acordo Gonzalez (2005), a seguir uma síntese, destacando os países que já implantaram projetos, sendo que os principais centros de divulgação de EAD são: França, Espanha e Inglaterra.

Na Suécia a primeira experiência se deu em 1833, com um Curso de Contabilidade; na Inglaterra dá-se início em 1840 e em 1843 é criada a Phonografic Corresponding Society; em 1856, foi fundado na Alemanha o primeiro instituto de ensino de línguas por correspondência; nos Estados Unidos, o Illinois Wesleyan University em 1874. Tudo isso no século 19.

Ainda segundo Gonzalez (2005), deu-se início no Paquistão a Universidade Aberta Allma Iqbal a partir de 1974; no Sri Lanka a Universidade Aberta de Sri Lanka, busca atender setores importantes para o desenvolvimento do país desde 1980, com profissões ligadas à áreas tecnológicas e formação docente; Na Indonésia a Universidade de Terbuka foi criada em 1984, para atender a uma demanda que previa alcançar 5 milhões de alunos; a Índia cria em 1985 a Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi para atender à demanda de Ensino Superior; no México deu-se início em 1972, onde inseriu-se o Programa Universidade Aberta na Universidade Autônoma do México; Na Costa Rica a Universidade Estatal a Distância da Costa Rica e a Universidade Nacional Aberta da Venezuela, criadas em 1977 e na Colômbia a Universidade Estatal Aberta e a Distância em 1983, essas no século 20.

EAD no Brasil

Apesar de a Educação a Distância no Brasil ter já os seus primeiros registros no início do século XX, de acordo com Gonzalez (2005), ela só foi regulamentada em 1996:

a Educação a Distância no Brasil foi oficializada em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB (lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996), pelo decreto nº 2494, de 10 de fevereiro de 1998 (publicado no Diário Oficial da União — DOU — de 11/2/1998), decreto nº 2561, de 27 de abril de 1998 (publicado no DOU de 28/4/1998) e pela portaria ministerial nº 301, de 7 de abril de 1998 (publicada no DOU de 9/4/1998). (GONZALEZ, 2005, p. 25).

130

Mas, como já havia citado acima, a Educação a Distância no Brasil inicia-se segundo Gonzalez (2005), no comecinho do século XX, com os seguintes registros: Em 1904, escolas privadas internacionais começaram a oferecer cursos pagos por correspondência; em 1934, Edgard Roquete Pinto, instala a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro; é criado em São Paulo, 1939, o Instituto Universal Brasileiro.

Vale destacar ainda a criação em 1941, da primeira Universidade do Ar, que durou apenas dois anos. E é criada a Nova Universidade do Ar, em 1947, com o patrocínio do SENAC, SESC e emissoras associadas. E na década de 70 a criação do Instituto Minerva e dos programas de educação supletiva a distância de 1º e 2º grau da Fundação Roberto Marinho. E em 1992 foi criada a Universidade Aberta de Brasília.

Expansão da Educação a Distância no Brasil

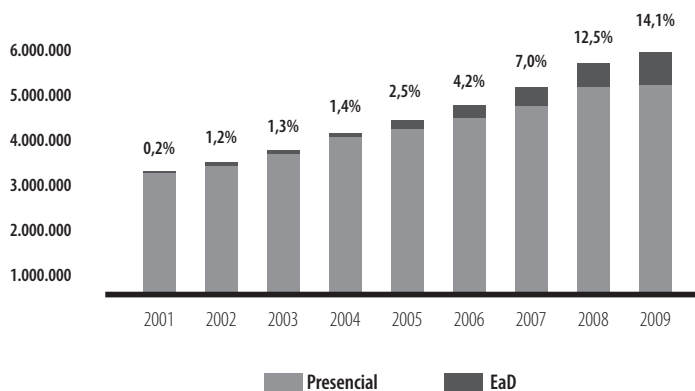
Apesar de ser visto por muitos de maneira até preconceituosa quanto à qualidade, o ensino a distância no Brasil vem crescendo muito e já está começando a mudar a mentalidade de alguns desses críticos desse sistema de ensino.

De acordo com a Revista de Ciência da Educação, no ano de 2000 o INEP, anunciava a existência de 10 cursos de graduação, em 2003 esse número passou para 52 e já atendia cerca de 50 mil alunos. Em 19 de dezembro de 2006, o INEP noticiava um aumento de 571% de cursos a distância e de 371% de matriculados entre os anos de 2003 a 2006 nessa modalidade. Em 2005, os alunos de EAD representavam 2,6% do universo de estudantes do nível superior, passando para 4,4% em 2006. Em 2007 a graduação a distância já era oferecida por 97 instituições, com um aumento de 89,4% no número de vagas, em comparação com 2006, totalizando 369.766 matriculados, já representando 7% do total de matrículas dos cursos de graduação.

Não dá para negar, os números comprovam que a EAD no Brasil está em uma ascendência ao que parece, irreversível.

A seguir, alguns números mais atualizados: A evolução da EAD, 0,2% em 2001, para 14,1% em 2009, revela um crescimento 6.950% nessa modalidade de ensino, como podemos averiguar no gráfico (BRASIL — MEC — INEP, 2010).

Gráfico 1 — Evolução do Número de Matrículas de Graduação por Modalidade de Ensino — Brasil — 2001 — 2009



Fonte: Censo de Educação Superior/MEC/INEP/DEED

De acordo com Moran⁵ a educação à distância:

132

A EAD, no ensino superior, cresce mais que o presencial (12% x 3% respectivamente). A tendência é para o fortalecimento dos modelos online. 83,7% dos alunos estão em instituições privadas, onde há uma alta concentração: três delas detêm mais de 40% dos mais de um milhão e cem mil alunos (Censo MEC de 2011-2012). As instituições públicas só tem 16,3% dos alunos e nenhuma delas consegue um alcance realmente nacional, porque a política do MEC privilegia o atendimento regional de cada universidade.

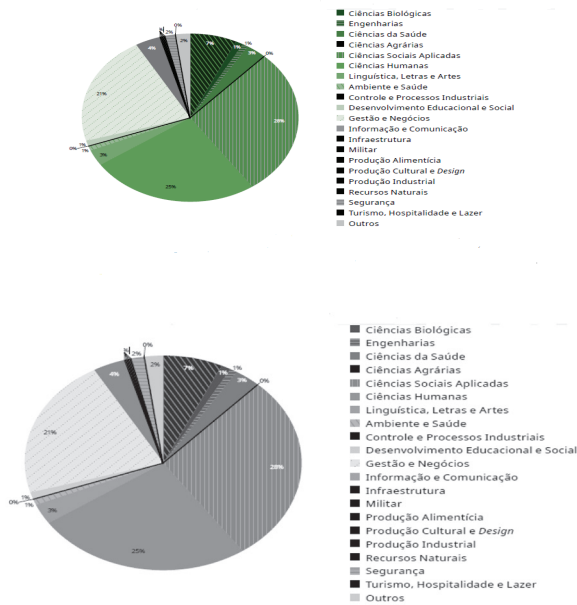
Números atualizados da EAD no Brasil

A cada ano, os números relacionados à Educação a Distância no Brasil, vão evoluindo a passos largos, também em quantidades

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/19yXo5h>>. Acesso em 26 mar. 2013.

de instituições que aderem a essa modalidade, quanto ao número de cursos oferecidos, assim como ao número de matrículas.

Gráfico 2 — Proporção de matrículas em cursos regulamentados totalmente a distância oferecidos em 2014 por área de conhecimento



Fonte: ABED/CENSO EAD, 2014.

A seguir alguns números divulgados pela Revista Educação

O Brasil forma, atualmente, mais professores para a educação infantil e para o fundamental 1 pela via do Ensino a Distância (EAD) do que pela educação presencial.

Dos 118.376 estudantes que concluíram essas habilitações em 2009, 65.354 (55%) graduaram-se por EAD, contra 52.842 (45%) egressos da educação presencial, de acordo com números do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Esse resultado é inédito e confirma uma tendência já evidenciada na série histórica iniciada em 2005. Daquele ano até 2009, a quantidade de concluintes pelo modelo presencial decresceu, ano a ano, com queda de quase 50% no período (de 103.626 para 52.842). Ao mesmo tempo, a quantidade de formados por EAD cresceu, aproximadamente, 464% (de 11.576 para 65.354) (SIMONS, 2011).

Os cursos em EAD mais procurados. De acordo com o blog Clarity Solutions, essa é a lista dos 10 cursos de graduação à distância mais procurados segundo estatísticas do MEC divulgadas em 2012:

134

- ◆ Pedagogia (273.248)
- ◆ Administração (128.186)
- ◆ Serviço social (74.474)
- ◆ Competências Gerenciais (45.880)
- ◆ Ciências Contábeis (40.936)
- ◆ Gestão de Pessoal/Recursos Humanos (35.486)
- ◆ Administração Pública (34.611)

- ◆ Letras — Licenciatura (28.591)

- ◆ Matemática — Licenciatura (23.328)

- ◆ Biologia — Licenciatura (19.087)

De acordo com o Portal Brasil o ensino superior no Brasil registrou mais de 7,3 milhões de estudantes em 2013, e na docência as instituições de ensino superior receberam mais 4550 professores, e nos últimos 10 anos, o número de mestres cresceu 90% e de doutores 136%.

Ainda segundo esse mesmo censo, mais de 15% das matrículas do ensino superior foram em cursos de ensino a distância. Na ocasião o país oferecia mais de 1,2 mil opções nessa modalidade, com um predomínio de participação de 86,6% em universidades privadas, sendo a licenciatura o grau acadêmico com mais concluintes na modalidade.

Na ocasião o então Ministro da Educação, Henrique Paim, ressaltava que a EAD ainda não contava com nenhuma forma de financiamento, ou auxílio para os alunos interessados, porque a modalidade ainda estava em avaliação.

135

Divergências entre autores a favor e contra a EAD

Como em qualquer segmento, e não poderia ser diferente na educação, há os defensores e os contrários a EAD no Brasil, e isso de certa maneira é bom para se chegar ao equilíbrio, já que ninguém é o dono da verdade.

Segundo Augusto (2015) os autores contrários à EAD, o problema é o esvaziamento de conteúdo, o que reduz a forma de ensino e de formação crítica, e que estão apenas interessados na mercantilização do ensino, visando apenas lucro.

Para os favoráveis, a EAD é uma modalidade de ensino que facilita o acesso ao ensino superior a uma parcela maior da população e que vem contando também com os programas governamentais de apoio e fomento à criação e implementação de cursos superiores dessa modalidade.

Mas, o ensino a distância, já está apresentando sinais positivos de qualidade, vejamos o que diz a matéria da Revista Educação de agosto de 2011: a maior nota do Enade foi conquistada por Antônio Edijalma Rocha Júnior, do curso de Tecnologia em Gestão de Produção Industrial, do Grupo Educacional Uniter, que obteve 80,3 pontos, muito acima dos 45 pontos, da média geral do teste.

Ainda segundo a mesma revista, outros levantamentos do INEP, indicam que os estudantes em EAD saíram-se melhor em sete das treze áreas em comparação entre as duas modalidades, o INEP também observou que o desempenho dos alunos de EAD superou em média 6,7 pontos acima dos presenciais no geral.

Talvez esses indicadores possam levar a um debate mais sério sobre o assunto e fazer com que o preconceito e a resistência de muitos profissionais da educação em relação à EAD, possa estar com os seus dias contados.

Considerações finais

Depois de toda essa pesquisa cheguei à conclusão de que hoje o acesso à educação está satisfatoriamente facilitado, as instituições de ensino superior estão investindo cada vez mais, além também de recursos oriundos do Governo Federal dados aos municípios para a implantação de núcleos de ensino superior funcionando em Escolas Públicas, principalmente para melhorar a qualificação dos docentes.

Atualmente, em muitos desses lugares, estudar ficou mais fácil e acessível fazer um curso superior. Por ser mais barato e ter horários mais flexíveis do que os cursos presenciais, a EAD, vem se firmando cada vez mais, e muita gente tem aproveitado essa oportunidade, e esse número vem crescendo ano após ano, como têm revelado os gráficos e tabelas publicados no MEC.

Vale ainda lembrar, segundo a matéria do Estadão de 30/07/2013⁶ que algumas universidades de prestígio internacional, como Stanford, Columbia e mais 62 outras estão apostando firme no mercado mundial e elas também já estão de olho no Brasil e já iniciaram parcerias com algumas universidades como a USP, UnB, UNESP, ITA, FGV, PUC-SP, PUC-RJ e com a Universidade Federal de Campina Grande, todas, universidades de ponta em nosso país.

Tudo isso me leva a considerar que apesar de ainda haver profissionais da área de educação contrários a EAD, a modalidade ao que os números nos mostram nas diversas pesquisas levantadas por esse artigo, vem consolidando-se, e hoje, é sim, uma excelente

.....
⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2qgQLX>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

oportunidade para educação no Brasil, para as instituições de ensino superior, docentes, alunos e toda a sociedade, que no final se beneficiará de tudo isso.

Referências

GONZALEZ, M. **Fundamentos da tutoria em Educação a Distância**. São Paulo: Avercamp Editora, 2005.

SIMONS, U. A virada na formação. **Revista Educação**, n. 172, agosto 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2qX2KkO>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

EAD: maior possibilidade para o docente despertar no aluno a busca do conhecimento

Anelize Baliani Barbosa Bueno¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: A necessidade de uma qualificação profissional e a falta de tempo das pessoas tornou-se uma característica muito comum nos tempos atuais. Levar o ensino até o interessado fez da EAD uma modalidade alternativa, que a cada ano ganha milhares de alunos no mundo. Mas o docente está

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: anelizebali@gmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

preparado para o uso das novas tecnologias? O docente sabe da influência e importância que têm como mediador para despertar o interesse no aluno a buscar o conhecimento? Sabe como essa modalidade de ensino quando bem desenvolvida pode ajudar o aluno ser autônomo, pesquisador e construtor do conhecimento? Esse trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, e têm como objetivo mostrar para o docente o aumento de alunos matriculados na EAD, a necessidade da qualificação profissional do docente na EAD, e a maior possibilidade que têm para incentivar o aluno a buscado conhecimento.

Palavras-chave: EAD; Docente; Motivação; Autonomia; Conhecimento.

140

Abstract: The need for professional qualifications and the lack of time of the people has become a very common feature in modern times. Take the school to the person concerned has made EAD an alternative embodiment that each year gets thousands of students worldwide. But the teacher is prepared for the use of new technologies? Teachers know the influence and importance have as a mediator to arouse interest in students to pursue knowledge? You know how this type of teaching when well developed can help the student to be autonomous, researcher and builder of knowledge? This work consists of a bibliographical research, and aims to show the teacher the increase of students enrolled in distance education, the need for professional training of teachers in distance education, and the greater chance they have to encourage students to seek knowledge.

Keywords: Distance Learning; Teaching; Motivation; Autonomy; Knowledge.

Introdução

O presente trabalho mostra de forma resumida o desenvolvimento da educação à distância, suas práticas pedagógicas, o uso das tecnologias e o aprimoramento do professor para o uso desses recursos. Apresenta alguns dados sobre o ensino a distância no censo EAD. BR, realizado em 2014. Além disso, o maior interesse neste trabalho é descobrir como o docente, tutor, deve conseguir despertar o desejo do aluno pela pesquisa aproveitando alguns requisitos importantes como: interatividade, responsabilidade, organização, disciplina, e autonomia que são recomendações necessárias para todas as formas de estudos, mas essenciais na modalidade de ensino a distância.

Contudo, esses requisitos exigidos na modalidade EAD para que o aluno tenha um bom desempenho e essa modalidade também tenha qualidade, o professor como motivador desenvolve a importante tarefa de unir nesse momento oportuno o despertar no aluno a busca pela pesquisa, o início para obter o conhecimento, discernir os fatos, decidir questões e defender ideias. Tudo isso sendo feito de maneira equilibrada e sábia, de forma acessível e mais cômoda, não relaxada, administrada no tempo (alguns determinados pela escola, polo ou instituição de ensino) e local escolhido pelo aluno, benefícios adquiridos na modalidade EAD.

141

Desenvolvimento da educação à distância no Brasil

A cada ano, milhares de alunos buscam na modalidade EAD uma capacitação profissional para o mercado de trabalho.

Segundo os dados da Associação Brasileira de Educação a Distância, no censo realizado em 2014, “os cursos de EAD somaram 3.868.706 matrículas, com 519.839 (13%) nos cursos regulamentados totalmente à distância, 476.484 (12%) nos cursos semipresenciais ou disciplinas EAD de cursos presenciais e 2.872.383 (75%) nos cursos livres”.⁴

Isso sem contar com os Moocs, de acordo com a ABED⁵, Moocs são:

Mooc é a sigla para a expressão *Massive Open On-line Course*, que em tradução livre, significa “curso massivo aberto on-line”. Trata-se de cursos oferecidos pela internet, majoritariamente de nível universitário e que não apresentam limitação de inscritos. Os Moocs geralmente são gratuitos e, de modo geral, não disponibilizam certificados de participação. Desde a sua criação, os Moocs vêm aumentando seu alcance e sendo ofertados por diversas plataformas, como Coursera e edX, que oferecem inclusive módulos de cursos de universidades renomadas como Stanford, Harvard e Massachusetts Institute of Technology (MIT). No Brasil, o primeiro Mooc teve a EAD como tema e foi certificado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES).

142

Os números de matrículas atuais são expressivos, porém, vale lembrar que essa modalidade tão nova e diferente; a “troca de saberes a longa distância” é conhecida a muito tempo.

A cultura da correspondência tem uma longa tradição. Platão transmitiu seus pensamentos por esse meio, e o apóstolo Paulo escreveu suas epístolas aos ro-

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/1rcxHYT>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/1rcxHYT>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

manos a fim de divulgar a doutrina cristã. A correspondência entre os eruditos da Europa era corriqueira há séculos. A comunicação e divulgação de conhecimentos científicos por meio de cartas já estava preestabelecida e se tornara algo natural (PETERS, 2006, p.48).

Mas essa modalidade de ensino teve uma ação institucionalizada na metade do século XIX. Começando por cartas, depois pelas ondas do rádio, videocassete, televisão, videotexto, computador, multimeios e atualmente o uso dos recursos informatizados, os programas tutoriais. No Brasil, segundo Cortelazzo (2010), a educação a distância teve início no ano de 1904, no estado do Rio de Janeiro através de cursos por correspondência; e seguiu em 1923 com o início do ensino por radiodifusão; em 1965 o ensino por TV/vídeo; e em 1970 o início em educação mediada por computador.

Na aprendizagem mediada pelo computador, a partir dos anos de 2000, várias características e suportes tecnológicos podem ser observados:

Aprendizagem apoiada no uso de tecnologias de informação e de comunicação em que os aprendizes não estão submetidos a um horário rígido e nem precisam comparecer a uma instituição presencialmente. Aprendizagem de pessoas que vivem em trânsito, em deslocamento contínuo utilizando o telefone celular não só para a comunicação como também para a aprendizagem não formal, formal, continuada (CORTELAZZO, 2010, p. 107).

O avanço tecnológico proporciona então, rapidez e quebra de distância para conseguir aquilo que se pretende aprender da maneira

como quer aprender. E, é nesse meio de comunicação atual que vamos analisar um pouco mais como a educação pode acontecer de maneira organizada e eficiente.

Segundo Cortelazzo (2010), os fundamentos de educação que embasam a prática pedagógica são o diálogo e a autonomia. E esses fundamentos são essenciais a modalidade à distância.

Ao considerarmos o diálogo como condição necessária para uma comunicação multidirecional, e a autonomia como elemento fundamental da emancipação do aluno, consideramos professores e alunos em funções alternadas de emissão e recepção numa interlocução constante. Portanto diálogo e autonomia são elementos interdependentes na prática pedagógica (CORTELAZZO, 2010, p. 134-135).

144

A partir desses dois elementos bem fundamentados, podemos dar início a pesquisa.

Para Justino (2011, p. 7), a pesquisa é o caminho natural na busca de respostas e soluções, incorporando a prática e a teoria.

A pesquisa quando bem planejada traz resultados que podem contribuir para a melhoria das condições de vida do ser humano. De acordo com Justino (2011, p. 28-29),

Ao realizarmos uma pesquisa, seja ela científica ou educacional, é necessário elaborar um planejamento no qual sejam definidos a abordagem, os objetivos, a forma como será conduzida. Assim, a pesquisa é desenvolvida por etapas, buscando mapear o caminho, evitando imprevistos e definindo os rumos que auxiliarão o pesquisador. A pesquisa é importante em qualquer área do conhecimento, uma

vez que por meio dela o pesquisador entra em contato com a realidade, beneficiando sua prática profissional. A pesquisa nos aproxima da nossa realidade e, dessa forma, vivenciamos situações que servirão como experiências para nossa formação profissional. Por meio da pesquisa é possível buscar novas verdades, pois ela nos apresenta uma atividade sistemática, metódica, que pode nos levar a reflexão sobre os problemas apresentados, possibilitando-nos compreender, reformular e até mesmo transformar as teorias científicas atuais, ao mesmo tempo em que nos aproxima do novo e do desconhecido. Dessa forma, possibilita-se a intervenção na realidade para proporcionar melhores condições de vida.

O docente que vai mediar com o aluno, nesse caso, através dos meios de comunicação, deve motivar e despertar o interesse da pesquisa sobre alguns aspectos relevantes para todo o indivíduo que busca o conhecimento, tais como; organização, disciplina, diálogo, autonomia e interação.

Analisamos agora, ao pé da letra, o significado de cada palavra conforme o dicionário:

- ◆ Mediar: Intervir como árbitro ou mediador
- ◆ Motivar: Despertar o interesse, a curiosidade, de; prender a atenção.
- ◆ Despertar: estimular. Tirar, arrancar. Provocar, causar.
- ◆ Pesquisa: Ato ou efeito de pesquisar. Investigação e estudo, minuciosos e sistemáticos, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo de conhecimento.

- ♦ Organização: Ato ou efeito de organizar-se.

- ♦ Disciplina: Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. Relações de subordinação do aluno ao mestre. Submissão a um regulamento. Qualquer ramo do conhecimento. Matéria de ensino.

- ♦ Diálogo: Fala alternada entre 2 ou mais pessoas; conversação. Troca ou discussão de ideias, opiniões etc.

- ♦ Autonomia: Faculdade de se governar por si mesmo.

- ♦ Interação: Ação que se exerce mutuamente entre 2 ou mais coisas, ou 2 ou mais pessoas etc.

146

O assunto parece ser fácil, mas ao mesmo tempo difícil na prática. Podemos ver dados de um artigo publicado em 2015, em uma pesquisa realizada entre os anos de 2009 e 2010, no pólo UAB da cidade de Ipiaú, BA.

A autonomia do sujeito aprendiz no contexto da EAD se dá a partir de uma mediação docente e tecnológica adequada, bem como quando os discentes buscam desenvolver habilidades que os possibilitem gerir sua própria aprendizagem, como responsabilidade, pesquisa, reflexão, comprometimento para com a instituição e sua formação, persistência e determinação para a realização das atividades e estudos propostos. Todos esses referenciais representam as

possibilidades para a construção da autonomia do sujeito aprendiz no contexto da EAD. (SANTOS, 2015)

Santos (2015, p. 33) observa alguns obstáculos para o desenvolvimento da autonomia:

Os entraves que identificamos para efetivação do processo de construção da autonomia do sujeito aprendiz na EaD são: mediação inadequada por parte dos tutores, quando não conhecem a função da tutoria na EaD; falta de conhecimento por parte dos alunos e tutores, dos recursos tecnológicos e do AVA; dependência dos alunos à função tutorial [...].

Uma explicação para isso, deve ser o número reduzido de profissionais contratados na EAD.

Segundo a ABED (2015, p. 84), algumas “instituições afirmam contar com equipes de menos de 5 pessoas”, e “O número de profissionais empregados no setor de EAD entre as instituições pesquisadas foi de 35.707. Destes, 17.962 desempenharam a função de tutores. Já a área da docência empregou um total de 11.074 profissionais nas instituições analisadas. Em terceiro lugar ficou a produção de conteúdo de texto, com 2.041 colaboradores, seguida da produção de conteúdos audiovisuais, que contou com 1.048 funcionários. O setor que contou com o menor contingente de pessoas em 2014, na amostra analisada, foi o de capacitação em Tecnologias da Informação (TIs), com apenas 330 profissionais.”⁶

147

.....
⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/1rcxHYT>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

A importante tarefa do docente ou como podemos chamar de tutor da aprendizagem deve ser; aproveitar a oportunidade, aprender a fazer uso das tecnologias, e, superar esses problemas, principalmente a distância física e somar os benefícios dessa modalidade por meio da interação virtual.

Já o professor virtual supera a distância física do aluno pela interação a partir da unidade web, com o envio das atividades, ou mesmo pelo diálogo através de e-mail, bate papos programados e até mesmo encontros presenciais nos dias de prova. A distância física, contudo, não faz com que haja uma distância de aprendizado, pois o aluno on-line que frequenta e participa ativamente das aulas virtuais tem o mesmo rendimento do aluno presencial. Até diria que alguns alunos on-line, ao terem que se preparar com antecedência para a aula, passam a ter um conteúdo reflexivo superior ao aluno presencial, que muitas vezes espera que o professor passe a matéria de forma “mastigada” (MAIA; RONDELLI; FURUNO, 2005, p. 21).

148

E para completar os princípios para um magistério de sucesso não é possível deixar de citar o educador Adolfo Suárez (2013), em seu livro, ele apresenta alguns elementos para suscitar em seus alunos o interesse de aprender, e como o assunto é tão importante vale a pena registrar aqui o que todo tutor, professor deve saber:

No ministério do ensino de Cristo podemos encontrar vários elementos de destaque; mas há quatro que se sobressaem, quatro elementos claros, simples — e ao mesmo tempo revolucionários. Esses elementos estão presentes nos melhores estudos da atualidade a respeito da didática do ensino. Esses elementos são:

Motivação, Variação, Participação e Visualização. Ou seja: para garantir um ensino — aprendizado bem-sucedido o Mestre Jesus

Encontrou maneiras de motivar seus alunos ao aprendizado, seja na multidão, no pequeno grupo ou individualmente;

Utilizou grande variedade de maneiras de ensinar; Ele nunca aborreceu seus alunos com os mesmos métodos de ensino;

Envolveu seus estudantes em atividades mentais e físicas, atividades que requeriam participação;

Possibilitou a Seus alunos verem aquilo do qual Ele estava falando (SUÁREZ, 2013, p. 14 e 15).

Vemos aqui mais uma vez a palavra motivação, e completando o quadro dos elementos conforme citado acima: variedade, participação e visualização. Todos esses elementos, bem aplicados em todas as formas de ensino, contribuem para a vitória do docente em ajudar a formar alunos reflexivos e pesquisadores sem se importar com a distância entre si.

149

Considerações finais

Hoje em dia é possível conhecer lugares, fazer receitas, assistir aulas, pesquisar sobre quase tudo e todos na palma da mão, através de um telefone celular ou *tablet*.

Os recursos tecnológicos existentes contribuem muito para esse aumento de registros, dados, troca de informações e saberes.

A educação se vale disso dentro e fora da sala de aula, porém a modalidade de ensino que mais faz uso desses recursos tecnológicos é a modalidade de ensino a distância. Alguns obstáculos e preconceitos são vistos nessa modalidade como por exemplo a distância física.

Contudo, se o professor e aluno tiverem organização, interação, diálogo, disciplina, autonomia, motivação; ambos estão a caminho de pesquisar e aprender cada dia mais de maneira reflexiva assuntos relevantes e tirar lições para toda vida, porque o aprender é constante, e formar alunos pesquisadores deve ser o alvo de cada docente.

Referências

150

CENSO EAD.BR: **Relatório analítico da aprendizagem a distancia no Brasil 2014**. Curitiba: Ibpex, 2015.

CORTELAZZO, I. B. **Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em Educação a Distância**. Curitiba: Ibpex, 2010.

JUSTINO, M. N. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba: Ibpex, 2011.

MAIA, C.; RONDELLI, E.; FURUNO, F. **A Educação a distância e o professor virtual: 50 temas e 50 dias on-line**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância**: experiências e estagio da discussão numa visão internacional. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

SANTOS, M. F. A construção da autonomia do sujeito aprendiz no contexto da EaD. **Revista Brasileira de Ensino de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 14, p. 33, out. 2015.

SUÁREZ, A. S. **Ensino que transforma**: princípios para o magistério de sucesso. Artur Nogueira: Paradigma, 2013.

Os desafios e qualidade do ensino à distância

Oscar Nascimento Júnior¹

Eiel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Com o avanço e a melhoria da tecnologia e dos meios de comunicação, principalmente da internet e redes *online* de interação, tal instrumento tem sido utilizado, como meio, para transmitir o conhecimento e o saber para os alunos, não de modo presencial, mas

.....
¹ Pós-Graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: oscarjunior@gmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

pelo ensino a distância. E este método de ensino, tem gerado dúvidas e receios, entre alunos e docentes, quanto à didática e sua eficácia na qualidade do ensino, bem como, o não aprendizado por ausência do professor na forma física e presencial.

Palavras-chave: Internet; Ensino; Qualidade; Desafio.

Abstract: With the advancement and improvement of technology and the media, especially the internet and networks online interaction, such an instrument has been used as a means to transmit knowledge and learning for students, not -to-face mode, but by distance learning. And this teaching method, has generated doubts and fears, between students and teachers, about the didactic and its effectiveness in the quality of education as well, not learning by the absence of the teacher in physics and face shape.

154

Keywords: Internet; Education; Quality; Challenge.

Introdução

Com a modernização dos meios de comunicação, vemos que surgiram também novas formas e maneiras de transmitir o conhecimento. E uma destas ferramentas é a internet que se tornou um meio de comunicação e de informação do nosso dia a dia, onde o aprendizado tem sido repassado pelo Ensino de Aprendizagem a Distância

(EAD). E mesmo com todas as informações que a internet pode armazenar e transmitir, tal conhecimento para ser repassado, necessita-se de uma pessoa que instrua e mostre o caminho mais fácil e rápido de entendimento, pois sem este docente, o Ensino de Aprendizagem à Distância, se tornará uma ferramenta utilizada com certo receio de sua eficácia e alcance no aprendizado.

E o método de ensino convencional em sala de aula, onde o professor fica em pé explicando a matéria enquanto os alunos permanecem sentados na cadeira, é o meio utilizado, onde há várias ações positivas (contato humano, troca de experiências) e negativas (conflitos e divergências de opiniões). Já no ensino pela internet, a princípio não ocorrerá contato humano ou troca de experiências e muito menos conflitos e divergências de opiniões. Porém, como será a qualidade de ensino a ser transmitido? Será um método mecânico, onde o professor só repetirá as palavras pré-estudadas, sem receio de qualquer questionamento? Será que o aluno conseguirá absorver e entender a matéria por meio do ensino a distância, realizando trabalhos e outros ofícios, sem a supervisão presencial do professor? Quais conhecimentos priorizar, se o científico ou o saber prático da experiência?

155

Desenvolvimento

O ensino à distância é uma realidade do mundo contemporâneo. Faz parte da realidade de vários países, como Estados Unidos, Japão, Alemanha etc. No Brasil, o ensino à distância, tem crescido em todas as

áreas de ensino técnico, superior e pós-graduação. O ensino por meio da internet pode facilitar a rotina de vida dos seus usuários, pois não precisam se deslocar até as escolas, faculdades e universidades, evitando trânsitos, violências e outros tipos de infortúnios, como acidentes, roubos e até mesmo eventuais fenômenos da natureza (enchentes etc). Assim como para o governo, é um método mais fácil de poder levar o ensino a outros cidadãos que não possuem recursos para se dirigirem até os grandes centros urbanos, onde há faculdades e universidades, diminuindo a distância e possibilidades desses discentes poderem estudar, terem diplomas universitários e cidadãos mais consciente, podendo tornar o país um lugar melhor para viver, trabalhar e estudar.

156

E vemos que o aluno por meio do uso da internet (usando computadores, celulares, tablets etc), pode acessá-lo em qualquer lugar, assim que o sistema esteja disponível, por meio de wi-fi (que é uma abreviação do termo *wireless fidelity*, que significa conectar à rede de internet sem fio) ou com arquivo da aula gravada, podendo este assistir a aula, quantas vezes quiser, sempre que desejar. Em contrapartida, na sala de aula presencial, se o aluno vier perder a aula, poderá não conseguir repô-la e ficará prejudicado, pois terá perdido o conteúdo da matéria.

E observamos que por ser a internet uma ferramenta, que faz parte do dia a dia da maioria das pessoas, os docentes também devem ser profissionais qualificados e preparados para poder ensinar e transmitir o seu conhecimento, pois na sala de aula, o docente tem um comportamento, enquanto que na rede eletrônica, ele terá outra postura. Tal desafio e qualidade é observado por Maia (et al., 2005, p. 89):

Apesar de no Brasil se pensar em docência como um sacerdócio ou um dom, o professor, como todo profissional, precisa se manter tecnologicamente atualizado. Só assim ele poderá proporcionar ao aluno o conhecimento necessário para ser incluído no mundo globalizado. A atualização de professores nas novas tecnologias é o que vai possibilitar o fim da diferença que hoje se faz entre educação presencial e a distância. Colocar a tecnologia ao alcance de todos é, com certeza, um caminho para melhor educar em direção a um futuro sem exclusão.

Outro desafio é em caso de problemas de acesso à internet, o que ser feito nesses momentos?

A tecnologia requer vários suportes operacionais para ser aplicada de forma plena. Em nossa área específica, problemas podem surgir advindos de falhas no fornecimento de energia elétrica, no provedor, na transmissão de dados, no acesso ou mesmo lentidão de acesso. Neste sentido, deve-se criar formas alternativas, o famoso “plano B”, como, por exemplo, disponibilizar e-mails alternativos ou possuir mais de um provedor em casa. Já a instituição de ensino deveria possuir um sistema alternativo para transmissão dos dados da unidade web, assim evitando a interrupção dos trabalhos (principalmente se pensarmos num curso totalmente on-line), o que pode gerar problemas de aprendizado e de atenção do aluno (MAIA et al., 2005, p. 47).

157

O ensino à distância veio para contribuir com os vários aspectos do aprendizado, desde o ensino básico, universidades, até em fóruns, cursos e palestras diversas. E tal tema é de suma importância, que há leis que regulamentam e incentivam o uso do método de ensino a

distância. O artigo 22, inciso XXIV, da Constituição Federal dispõe que compete a União legislar sobre diretrizes e base da educação nacional. A lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispõe no artigo 80 e incisos que:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens e em outros meios de comunicação que sejam explorados mediante autorização, concessão ou permissão do poder público;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

E percebemos que, alguns meios para que o docente possa transmitir seus conhecimentos e tornar este método mais fácil e dinâmico, é tentar conectar turmas situadas em lugares geográficos diferentes,

com o objetivo de compartilhar e trocar experiências, estabelecer redes de trabalho com computadores entre diferentes comunidades de ensino e aprendizagem e utilizar as redes de trabalho de computadores como o principal meio para oferecer ensino de um curso, ou uma parte dele, e para realizar as correspondentes atividades de ensino e aprendizagem, limitadas inicialmente aos cursos de atualização e de formação permanente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional considera a educação a distância como um importante instrumento de formação e capacitação de professores em serviço (DIDONET, 2006).

Alguns métodos de ensino e aprendizado são exemplificados como abaixo:

Assim como ocorre com outras tecnologias — o rádio, o cinema ou a televisão -, as NTIC têm a particularidade de transmitir informações dinâmicas que se transformam, ou são suscetíveis de transformar-se, ao longo do tempo. Isso contrasta com o caráter mais estático de suportes gráficos, como a escrita, as imagens ou a notação matemática. Se associamos essa característica com o potencial das NTIC para transmitir qualquer tipo de informação simulando os aspectos espaciais e temporais de fenômenos, acontecimentos, situações ou atividades e, além disso, levamos em conta seu caráter interativo, podemos imaginar facilmente as possibilidades que oferecem para o ensino e a aprendizagem da simulação de uma experiência química até a de uma viagem em uma escuna do século XVIII, passando pela confecção, passo a passo, de uma teia de aranha, a visão aérea dos Andes ou as mudanças que experimenta um embrião humano, as NTIC possuem um enorme potencial para recriar,

ou mesmo criar, mundo virtuais particularmente sugestivos para ensinar e aprender (COLL, MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 426,427).

E outro método de ensino é:

Não é a mesma coisa aprender apoiando-se em um texto escrito e em imagens estáticas ou em imagens em movimento: não apenas pelas exigências de uma ou outra tarefa, mas também pelo tipo de processos cognitivos que cada sistema solicita, potencializa e limita. Tampouco é comparável fazer cálculos mentais, fazê-los utilizando o sistema decimal, utilizando a escrita ou utilizando uma série de desenhos; nem orientar-se no espaço usando um mapa, uma descrição escrita ou gravação audiovisual (COLL, MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 424).

160

O ensino a distância necessita de proposta pedagógica diferente da presencial e ao mesmo tempo tem que ser igual e as vezes mais exigente do que um curso desenvolvido de maneira presencial. Assim, segundo Santos (apud OLIVEIRA, 2003, p. 32),

No contexto das propostas pedagógicas e opções metodológicas emergentes, o uso das novas/novíssimas tecnologias da informação e da comunicação não garante a inovação educacional, pois o salto transformador depende da forma como os instrumentos tecnológicos são utilizados para superar a reprodução do conhecimento e contribuir com a produção de um saber significativo e contextualizado, para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes imprescindíveis à construção de uma vida e de um

mundo melhores para todos, (re)significando o conhecimento científico que “ensina a viver e traduz-se num saber prático.

Apesar dos desafios, da qualidade e dúvidas que o ensino à distância pode proporcionar, vemos que este método de ensino pode ser um meio de ensinar, muito útil e prático, que poderá se tornar em um meio de ensino convencional, assim como o ensino presencial, conforme preceitua o artigo 2º, inciso II da Lei Federal nº 13.004/2014, que aprova o plano nacional de educação e dá outras providências, que nos diz que são diretrizes do PNE: II — universalização do atendimento escolar.

Em respeito ao ensino à distância, Petters possui o seguinte entendimento:

Os progressos da aprendizagem baseada na rede se baseiam não apenas em espetaculares avanços tecnológicos e no surpreendente entusiasmo de um grupo relativamente pequeno de defensores acadêmicos de experimentos pedagógicos baseados na rede, mas também na prevalência de novos ou renovados insights teóricos sobre a natureza da aprendizagem. Um deles é a nova importância colocada na auto-aprendizagem, outro é a atual predileção pelo construtivismo. Um terceiro insight é o conceito de “sociedade virtual”, da qual a universidade virtual será apenas um dos componentes (PETTERS, 2004, p. 247).

E uma das formas de tornar o ensino universal, ou seja, atingir a maioria das pessoas de todas as classes sociais é pela internet.

Considerações finais

Sendo assim, entendemos que o ensino a distância, por meio da rede mundial de internet, é uma ferramenta que está sendo usada e aperfeiçoada para atingir outras maneiras e formas de levar a educação e incentivo a alunos conseguirem estudar e com isso obterem os diplomas nos cursos e graduações, que optarem por fazer.

Apesar de haver incentivo do governo, previsto em lei federal, para o ensino a distância, e também contemplar implicitamente as metas do Plano Nacional de Educação, vemos que o docente tem que se qualificar e se preparar para os novos métodos de ensino, na busca de utilizar a internet para as várias funcionalidades que possui, bem como o aluno deve se interagir e buscar conhecer melhor esta maneira de aprender, para que assim o desafio, a qualidade e as eventuais dúvidas que possa surgir, não sejam tão obscuras.

E o profissional que optar por essa forma de transmitir seus conhecimentos, deve, assim como o aluno, se preparar, solicitar orientação divina e acreditar que não é só pelo método convencional, em sala de aula que se aprende, mas que o ensino a distância, pela rede mundial de computadores, tem suas vantagens e desvantagens, porém é uma ferramenta de ensino que pode levar a educação a muitos lugares, onde em uma sala fechada não conseguiria atingir.

Referências

COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação, psicologia da educação escolar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. In: **Palácio do planalto presidência da república**. 1988. Disponível em: <<http://bit.ly/1bJY1GL>>. Acesso em: 10 de jan. 2016.

DIDONET, V. **Plano Nacional de Educação — PNE**. Brasília: Editora Liber Livro, 2006.

LEIS ORDINÁRIAS. In: **Palácio do planalto presidência da república**. 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/2rhMj5u>>. Acesso em: 22 de mar.2015.

MAIA, C.; RONDELLI, E.; FURUNO, F. **A educação a distância e o professor virtual**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

OLIVEIRA, E. G. **Educação à distância na transição paradigmática**. Campinas: Papirus, 2003.

PETERS, O. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

Desafios e tendências da educação no ensino superior no contexto da sociedade do conhecimento

Ester Kazumi Takaishi de Melo¹

Eliel Unglaub²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: Este artigo foi feito como conclusão do curso de pós-graduação em Docência Universitária, oferecido pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho. Tem por objetivo

¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Ciências Econômicas. E-mail: kazumimelo@gmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

identificar os desafios e tendências da Educação no Ensino superior, em consideração às grandes mudanças culturais, tecnológicas, políticas e sociais ocorridas na sociedade nos últimos anos. Avanços tecnológicos combinados às demandas do mercado pressionam a figura da universidade, de modo que seu papel e função precisam ser repensados, assim como a os métodos utilizados dentro das salas de aulas pelos docentes. Mudanças curriculares estão em processo, visando atender melhor as necessidades dos estudantes que estão sendo formados. Muito mais abertos, os sistemas atuais buscam a transversalidade e a interdisciplinaridade e, desta forma, propiciam uma formação mais completa aos estudantes, contribuindo para a formação e criação de conhecimento.

Palavras-chave: Desafios; Tendências; Ensino superior; Sociedade do Conhecimento.

166

Abstract: This article was done for the conclusion of the Graduate Degree on University Teaching, offered by Centro Universitário Adventista — UNASP Campus Engenheiro Coelho. The main target is to indenify the challenges and trends of the Higher Education, considering the great cultural, tecnologics, politics and socials changes' that occured in the society on the last years. The tecnologic' progreses combined with the market demands, has put some pression the University, that had re-think the role and function, just as the methods used at the classes by the teachers. Curriculum's changes are in process, to better assist the needs of the studantes that are being formed. More open, the actual systems seek for the transversality and

interdisciplinarity, and by this way it gives a more complete formation to the students, contribution for the creation of knowledge.

Keywords: Challenges; Trends; College; Knowledge' Society.

Introdução

As mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais ocorridas nos últimos anos trouxeram inúmeros desafios e de certo modo colocaram em xeque o papel da escola e da universidade. De fato, surgiram diversas discussões no campo da educação, uma vez que para manter sua relevância, as instituições educacionais precisaram se readequar ao novo ambiente para atender as demandas do mercado, e da sociedade.

Por um tempo dominado pela igreja, o conhecimento parecia estático e poucos possuíam acesso à escola e a educação. Com a revolução francesa, e os ideais do Iluminismo a ciência ganhou espaço e a universidade passou a ser a detentora do conhecimento, e também a responsável por transmiti-lo. Neste período a educação se tornou mais acessível e ganhou relevância, assim como a ciência passou a ocupar lugar de destaque. No entanto, nas últimas décadas, a revolução tecnológica mudou todos os paradigmas e costumes sociais, econômicos e culturais; e mais uma vez tornou-se necessário repensar o papel da educação e das escolas e universidades. Como questiona a autora Silvia E. Moraes

Aceitar o pluralismo e a autenticidade de outras vozes e outros mundos traz o agudo problema da comunicação e dos meios de exercer o poder pelo comando: a escola é chamada mais uma vez para resistir ou aderir às mudanças dos tempos. Se o pós-moderno deve ser visto como a produção de pessoas pós-modernas, capazes de funcionar em um mundo socioeconômico muito peculiar, que espécie de currículo deveremos ter na escola para enfrentar este desafio? De quais características da modernidade, e do currículo moderno, deveremos livrar-nos a fim de fazer com que a escola consiga se alinhar aos novos tempos? O que conservar? Quais modismos evitar? Como esclarecer a tensão e o equilíbrio entre continuidade e novidade, entre algo comum que nos dê as características culturais de uma nação e ao mesmo tempo incorporar as novas culturas emergentes? Quais valores, práticas e identidades são, em princípio, dignos de respeito, e por quê? (MORAES, 2000, p. 215).

168

São tantas as questões a serem discutidas, mas já podemos ver algumas mudanças sendo adotadas que mostram que as instituições de Ensino superior estão discutindo e se adequando a um novo modelo de educação.

Mudanças no pensamento

Alguns estudiosos como Patti Lather (1991) e Willian E. Dorl Jr. (1997), dividem a história do pensamento ocidental em três grandes períodos: pré-moderno, moderno e pós-moderno. Durante o período pré-moderno, o conhecimento era dominado pela Igreja Católica e a ciência

era submissa a religião. A igreja como descrito por Santos Filho (2000) era considerada a educadora da sociedade e possuía domínio sobre a vida pública e privada. O sistema político feudal não possibilitava fácil acesso ao conhecimento. Após a Revolução Francesa, inicia-se o período moderno, marcado pelos ideais da revolução “igualdade, liberdade e fraternidade”, a ciência avançou, e o progresso em todas as áreas do conhecimento foi marcante. Marcado pelo individualismo, ideias de ordem, e confiança no progresso da ciência, neste período a universidade tornou-se a guardiã do conhecimento, em lugar da Igreja, e cabia a universidade a transmissão deste conhecimento (FEATHERSTONE, 2000).

No entanto a pós-modernidade, marcada pelos avanços tecnológicos e o papel da mídia tanto na cultura quanto na educação, mudam o contexto global do conhecimento e da educação. Sistemas abertos de informações, foco no mercado, a velocidade da informação e do conhecimento, fazem com que os papéis da escola e da universidade sejam repensados e tornam alguns métodos de ensino tradicionais, inapropriados e insuficientes, para atender as demandas da sociedade (FEATHERSTONE, 2000).

Em um contexto marcado pelo relativismo, a própria autoridade da universidade passa a ser questionada, enquanto “vozes de fora”, como denota Featherstone (2000), ganham relevância. A democratização do conhecimento lança um novo desafio a escola e a universidade, o de manter a sua relevância.

Se a universidade tinha um modo de produzir conhecimento, pelo método científico hipotético-dedutivo, desenvolvido no período moderno de sua con-

solidação como lócus da ciência, se ela construiu teorias a partir de pesquisas dentro do esquema paradigmático desta abordagem e método, com o desafio da pós-modernidade ela precisa repensar e rever suas convicções paradigmáticas. Este é um momento importante para que ela, ao invés de agir como fez a universidade pré-moderna que passou quase dois séculos vivendo à margem do mundo moderno, fechando-se e rejeitando aceitar o diálogo, confronte imediatamente os novos desafios da pós-modernidade e adapte-se criticamente aos novos tempos (SANTOS, 2000. p. 52)

Desafios e tendências

170

Como afirma Pedro Goergen (2000), em *A crise de identidade da universidade moderna*, a universidade precisa sair do isolamento, a fim de manter-se relevante para a sociedade. Neste sentido torna-se fundamental entender as mudanças ocorridas e identificar os novos desafios da educação e do pensamento. A nova realidade trouxe mudanças com relação, ao corpo discente, ao conteúdo, à geração, à transmissão e à detenção do conhecimento. A seguir alguns desafios são identificados.

A facilidade de acesso ao ensino superior trouxe diversidade ao corpo de alunos e mais um desafio ao docente, conforme citado pelo professor Carlos Benedito Martins (2000).

Os avanços tecnológicos e a globalização que facilitaram o acesso a informação e a rapidez com que ela chega ao estudante, exigem que o ensino seja mais dinâmico e interativo. Além disso,

mudanças nas relações em sala de aula e o aumento da liberdade de expressão, desafiam os métodos tradicionais, assim como os docentes que devem lidar com uma nova realidade em sala de aula e novos objetivos de ensino.

Como elucidam Figueroa, Gilio e Gurierrez (2008, p. 7)

As grandes mudanças sociais e tecnológicas atuais, devem levar o professor a incentivar os alunos a serem mais ativos e participativos, capazes de treinar e desenvolver atitudes positivas em relação processo educativo tanto para si mesmos como para o bem comum e para ser capaz de promover aluno aprender com as práticas educativas sistemáticas e supervisionadas, ligando-os para o mundo real.

Como bom profissional, o docente precisa, além do conhecimento técnico que deve ser basicamente requerido, ter habilidades para desenvolver as competências dos alunos, de forma que estes estejam aptos para utilizar o conhecimento de forma prática e aplicá-los as demandas do mercado de trabalho.

Um dos novos desafios da educação é fazer com que o estudante tenha conhecimento, informação, e seja capaz de aplicá-lo, fazendo novas associações e se adaptando as mudanças contínuas, do mercado de trabalho e da sociedade como afirma Eva Maria Miranda (2007, p. 4)

A educação na sociedade do conhecimento já não se situa, pois, num enquadramento de mera reprodução do conhecimento, a educação na sociedade do conhecimento, uma sociedade também de aprendizagem, significa igualmente a produção do conhecimento, num contexto em que o desenvolvimento da ati-

vidade educativa envolve a adaptação às grandes mutações sociais, culturais e econômicas criadas pela eclosão e disseminação das novas TIC, pressupondo da parte dos sistemas educativos, não apenas uma crescente flexibilização mas também uma maior diversificação dos meios e da oferta educativa.

Além disso, como afirma Elisabete Pereira (2000), a educação geral, e ao docente, enquanto contato direto com o estudante, cabe o papel de guiar o estudante no novo cenário, tendo como objetivo final encorajá-lo a buscar a saber e julgamento constantes e prepará-lo para todas as atividades e papéis que venha a desempenhar na vida adulta.

Ainda como defendido por Eva Maria Miranda (2007), o aluno precisa desenvolver a capacidade de aprender e aprender continuamente, adequando-se ao longo de sua vida, sendo capaz de atender as demandas sociais. E para isso o professor precisa ensinar e despertar o espírito de pesquisador no estudante, o que de acordo com Figueiroa, Gilio e Gurierrez (2008) muda o foco da educação, do conteúdo para o estudante, e o desenvolvimento de suas competências. O professor passa a ser um conselheiro de aprendizagem.

Enquanto o domínio de conteúdos é um dos aspectos básicos e principais de um professor que está preparado para orientar os alunos na sua aprendizagem, é essencial também para fazê-lo deliberadamente para introduzir a sua prática como conselheiro de aprendizagem, uma ligação clara e sistematicamente entre: a) conhecimento (saber, saber, saber ser e viver); b) conhecimento e o mundo da prática profissional dos estudantes; c) o conhecimento, o mundo do trabalho e para o desenvolvimento de um maior empenho da necessidade de compartilhar e cons-

truir conhecimentos através de trabalho colaborativo para promover a melhoria do meio ambiente e as pessoas que nele habitam (FIGUEROA et al., 2008, p.6).

Por isso dos professores é requerido, de acordo com Edgar Morin (1995) (apud FIGUEROA et al., 2008), que estejam sempre abertos a mudanças, e sejam capazes de integrar o conhecimento a fim de desenvolver também, nos seus estudantes, atitudes éticas.

O que intenção é integrar o conhecimento aprendido com a experiência e conhecimento para ser capaz de viver juntos. Isto significa privilegiar a essência humanística da educação, motivar a necessária compreensão da complexidade humana e considerar a importância de incluir a dimensão ética, o que realmente dá significado e importância para a formação de indivíduos (FIGUEROA et al., 2008, p. 5).

173

Silva Moraes em seu artigo “Currículo, transversalidade e pós-modernidade”, ressalta que mudanças curriculares também estão sendo feitas visando abarcar as demandas feitas à educação. Por meio de um currículo mais multicultural, diversos países já aplicaram algumas mudanças, como o uso temas mais transversais, formações mais interdisciplinares e que abarquem as identidades culturais, tanto em escolas como nas universidades.

Hoje em dia, continuam os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), não basta visar a capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais; mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que

se produzem e que demandam um novo tipo de profissional, que deve estar preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. Estas novas relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, a máxima “aprender a aprender” parece se impor à máxima “aprender determinados conteúdos (MORAES, 2000, p. 205).

Considerações finais

Muitas questões precisam ser ainda discutidas, mas de fato, as instituições de ensino têm tentando se adequar as necessidades, dos estudantes, do mercado e da sociedade. Mudanças curriculares estão ocorrendo em diversos níveis e áreas do conhecimento, tanto em outros países que começaram um pouco mais cedo, quanto no Brasil, que através do Ministério da Educação, implantou mudanças no modo como se ensina no país. Medidas com relação à transversalidade e a interdisciplinaridade curricular têm sido adotadas pelas instituições de ensino e têm provado serem mais adequadas para o modelo atual de estudantes e profissional que são formados pelo sistema educacional. Além disso, a educação à distância também ganhou importância, sendo reconhecida como instrumento de formação suficiente e de qualidade; ideia contrária ao que se pensava anteriormente.

No entanto, os maiores desafios e maiores tendências estão no campo do comportamento e postura. Tanto professores quanto alunos têm percebido a necessidade de mudar e repensar seus papéis. A ideia de transmissão de conhecimento tem sido substituída pela “troca” entre docente e discente,

uma vez que a tecnologia deu acesso a uma quantidade ilimitada de informações. Ao docente cabe agora, fazer o papel de um tutor, ensinando o aluno a aprender. Não apenas pelo irrestrito acesso à informação, mas também porque o conhecimento é dinâmico, a velocidade do mundo de hoje permite a criação de novo conhecimento a cada minuto, e se o indivíduo não aprende a aprender, em questão de pouco tempo torna-se defasado.

Desta forma, as instituições de ensino e os educadores têm o papel de ensinar a pensar, mostrar aos discentes onde buscar as informações e como entrelaçar as informações a fim de manter-se atualizado e sendo capaz de exercer suas funções, tanto no mercado de trabalho, quanto na vida. Portanto, compreende-se que as maiores mudanças, dependem dos indivíduos, no dia-a-dia da sala de aula e no decorrer da formação, da mudança de comportamento de professores. Que estes revejam seus métodos a fim de ajudar o discente a aprender a se adaptar as constantes mudanças e novidades que nossa sociedade os impõe.

175

Referências

FEATHERSTONE, M. Da universidade à pós-modernidade? Explorando possibilidades de novas formas de comunicação. In: SANTOS, J. C.; SILVIA E. M. (Org.) **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Fapesp, 2000.

FIGUEROA, A. R.; GILIO, M. M.; GUTIERREZ, V. M. **La función docente en la universidad**. REDIE, Ensenada, v. 10, ed. esp., jan. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2nBEaC>>. Acesso em: jan. 2016.

GOERGEN, P. A crise de identidade da universidade moderna. In: SANTOS FILHO, J. C.; SILVIA E. M. (Org.) **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Fapesp, 2000.

MARTINS, C. B. **O ensino superior brasileiro nos anos 90**. São Paulo Perspec, São Paulo, v. 14, n. 1, mar. 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2omZY7g>>. Acesso em: jan. 2016.

MIRANDA, E. M. Ensino superior: Novos Conceitos em Novos Contextos. **Revista de Estudos Politécnicos**, v. 5, n. 8, p. 161-182, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2p4qSk1>>. Acesso em: jan. 2016.

176

MORAES, S. E. **Currículo, transversalidade e pós-modernidade**. In: SANTOS, J. C.; SILVIA, E. M. (Org.) **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Fapesp, 2000.

PEREIRA, E. M. A. Pós-modernidade: desafios à universidade. In: SANTOS, J. C.; SILVIA E. M. (Org.) **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Fapesp, 2000.

SANTOS, J. C. **Universidade, modernidade e pós-modernidade**. In: SANTOS, J. C.; SILVIA E. M. (Org.) **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Fapesp, 2000.

Universitário eu? O papel do professor e do aluno: as habilidades necessárias para o ensino superior

Noemi Mota de Jesus¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: O ensino médio é a última etapa da educação básica. Em 3 anos, o aluno tem a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos e ser qualificado para o trabalho. No entanto, uma breve

¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: noemimmdj@gmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

análise no perfil dos alunos e nos resultados de provas e testes revelam falhas e ruídos no processo de qualificação. Por meio de pesquisas quantitativas e análise dos dados, este trabalho aborda o papel do professor universitário, do aluno, as competências necessárias para o ensino superior e a relação dos mesmos diante do processo de construção do conhecimento. Aponta a necessidade de reflexão por ambas as partes sobre as habilidades adquiridas durante o ensino médio da escola pública e como mudanças de atitudes, hábitos de estudo e organização podem auxiliar os alunos durante o curso universitário.

Palavras-chave: Competência; Ensino médio; Habilidades; Ensino superior.

178

Abstract: The high school is the last stage of basic education. In three years, the student has the opportunity to improve their knowledge and be qualified for the job market. However, a brief analysis on the students' profile and tests results reveal gaps in the qualification process. Through quantitative research and analysis, this academic work approach the student and the teacher roles, the skills necessary for higher education and the relation between them and the knowledge construction process. It points out the need for reflection by both, the skills acquired during public high and how attitudes, study habits and organization can assist students during the university course.

Keywords: Competence; High school; Abilities; Higher education.

Introdução

Sabe-se que o sistema educacional brasileiro necessita de melhorias. A cada ano, alunos formados entram no mercado de trabalho ou prosseguem seus estudos nas universidades despreparados, prova disso são os resultados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e de outras avaliações institucionais. O Inep (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa), órgão que coleta dados da educação básica até o ensino superior, divulgou informações detalhadas que mostram a real situação da educação no Brasil e apenas um breve olhar nos resultados é suficiente para detectar uma defasagem considerável no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com os PCNS (Parâmetro Curriculares Nacionais):

o Ensino Médio passa a integrar a etapa do processo educacional que a Nação considera básica para o exercício da cidadania, base para o acesso às atividades produtivas, para o prosseguimento nos níveis mais elevados e complexos de educação e para o desenvolvimento pessoal, referido à sua interação com a sociedade e sua plena inserção nela, ou seja, que tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Em suma, o ensino médio deve capacitar com eficiência o aluno para prosseguir em seus estudos, ser cidadão participante, consciente e responsável. Entretanto, a defasagem presente nesse ciclo é evidenciada

no Ensino Superior quando o discente necessita fazer uso da base constituída nesse período para construir novos conhecimentos.

Portanto o objetivo desse trabalho é abordar a didática do docente universitário a fim de expor maneiras de auxiliar o aluno recém-chegado do Ensino Médio a desenvolver as competências e habilidades necessárias para o processo de aprendizagem produtivo e o papel do aluno e seus hábitos no mesmo. Trata-se de uma pesquisa descritiva que utiliza como fonte de dados uma pesquisa bibliográfica e análise de entrevistas com professores universitários e alunos sobre a temática proposta.

O Papel do Professor

180

Ensinar é uma árdua tarefa e ser professor constitui-se uma missão. Para tal missão há a necessidade de preparo e dedicação. Diante de tantos conflitos relacionados à educação, fica claro que o professor universitário tem a incumbência de assistir os discentes interrompendo o ciclo de alienação propondo uma nova prática em sala, diferente das adquiridas ao longo dos anos.

Segundo Néreci (1993, p.16): “A educação deve se adequar às novas exigências com a realidade específica de cada comunidade, de cada época, porque o hoje é sempre um pouco ou muito diferente do ontem”.

Acima de dominar os conteúdos e ter o conhecimento específico da matéria lecionada, deve-se conhecer o aluno através das suas ações, repensar a sua didática e recriar formas de ensinar.

Néreci (1993) afirma que o homem tomou consciência de que o presente trazia situações novas para as quais as fórmulas do passado se revelavam ineficientes. O mesmo acontece na prática pedagógica de cada professor, os tempos mudam e os alunos são outros, diferentes dos que tiveram há alguns anos. A universidade tem objetivos de formar o profissional, o pesquisador e orientá-los para a aplicação prática dos conhecimentos obtidos na sua área de atuação. Com o intuito de ajudá-los a diminuir a divergência do que foi ensinado com o que foi realmente aprendido.

É claro, assim, que sistemas ideias ou metas educativas têm de levar em conta a necessidade de tornar o homem mais reflexivo, mais participativo, mais solidário, mais humano e mais responsável, para poder enfrentar conscientemente as novas exigências da dinâmica da vida social, resultantes de uma sociedade cada vez mais tecnológicas (NÉRECI, 1993, p.19)

Orientando a aprendizagem

O professor Universitário não deve se sentir como o único responsável pela decadência do ensino. O aluno deve reconhecer as suas dificuldades e através das ações oportunizadas pelo docente buscar o conhecimento tornando-se o protagonista do saber, “[...] o conhecimento se dá na relação sujeito-objeto — realidade e não pela ação do professor” (VASCONCELLOS, 2000, p. 22).

Além do conhecimento necessário, avaliar a sua didática e romper com o tradicional é a real necessidade de um professor do século

21. Muitos caem na comodidade de expor as suas aulas sem promover a reflexão e a prática.

Observando a estrutura de funcionamento da metodologia expositiva, verificamos que o grande trabalho do professor se concentra na exposição, a mais clara e precisa possível, a respeito do objeto de estudo, onde procura trazer para os alunos os elementos mais importantes para compreensão do mesmo, recuperando o conhecimento acumulado pela humanidade (VASCONCELLOS, 2000, p. 18).

O conhecimento deve ser significativo, crítico, criativo e duradouro. O trabalho docente não é só fazer com que os alunos estudem, mas sim romper o ciclo alienado da escola atual, afinal, ele vivenciou essa metodologia no ensino fundamental e no ensino médio. Nessa postura o professor incentiva os questionamentos, motiva a pesquisa a fim de obter as respostas e promover a interação, acompanhando o percurso. Segundo Vasconcellos (2000, p. 84), “ninguém motiva ninguém, ninguém se motiva sozinho. Os homens se motivam em comunhão, mediados pela realidade”.

Quebrado o paradigma de que o professor apenas transmite o conhecimento, abre — se novas portas, outras fontes de produção de conhecimento e de pesquisa, o docente é visto como parceiro que compartilha e aprende com os próprios alunos. De acordo com Masetto (2003, p. 14) “É um novo mundo, uma nova atitude uma nova perspectiva na relação entre o professor e o aluno no Ensino Superior”.

O objetivo de cada docente do ensino superior é tornar o discente apto ao mercado de trabalho, formar pessoas altamente

qualificadas, cidadãos responsáveis, aprendizes permanentes e agentes da sua própria aprendizagem.

Ensino Superior tem a pesquisa como foco, então seria eficaz que o aluno buscasse soluções através da mesma e o professor agisse apenas como um coparticipante, cumprindo seu papel de orientador.

O papel do aluno

De acordo com a pesquisa realizada numa escola pública com alunos do 3º ano do Ensino Médio, muitos não possuem o hábito do estudo doméstico. Se consideram bons alunos, mas 52,3 % responderam que não estudam para as provas frequentemente, somente 21,5 % dizem que sempre estudam. Gostam de ler, característica que podem qualificá-los como bons pesquisadores e bons alunos na faculdade, pois o curso escolhido estará de acordo com a área de interesse. Dos alunos que responderam à pesquisa, 89,2% pretende cursar uma faculdade. As matérias que possuem mais dificuldade são matemática, biologia, física, português e inglês.

Estudantes podem ter dificuldade de aprendizagem, ou até mesmo de assimilar o conteúdo, por isso o professor deve ser um facilitador e cooperador para o processo, mas se os mesmos não estabelecerem metas e hábitos de estudo não alcançarão o êxito esperado. Quando falamos em aprender, entende — se como buscar as informações, rever as próprias experiências, adquirir habilidades, adaptar-se às mudanças, descobrir significado nos seres, nos fatos, nos fenômenos e nos

acontecimentos, modificando assim as atitudes e os comportamentos. Conclui-se assim que todas as atividades em uma sala de aula deveriam apontar para o aprendiz como agente principal e responsável pela sua aprendizagem. Marcos T. Masetto (2003, p. 83), diz que:

A ênfase na aprendizagem como paradigma para o ensino superior alterará o papel dos participantes do processo: ao aprendiz cabe o papel central de sujeito que exerce as ações necessárias para que aconteça sua aprendizagem — buscar as informações, trabalha-las, produzir um conhecimento, adquirir habilidades, mudar atitudes e adquirir valores. Sem dúvida, essas ações serão realizadas com os outros participantes do processo: os professores e os colegas, pois a aprendizagem não se faz isoladamente, mas em parceria, em contato com os outros e com o mundo.

184

Cabe ao aluno, reconhecer seus pontos fracos e buscar a orientação necessária em todas as fontes de conhecimento. Dentre as dificuldades citadas pelos estudantes do primeiro ano estão: amizades e festas, conteúdo pesado e falta de tempo para os estudos devido ao trabalho.

No primeiro ano de faculdade, o mesmo deve se comprometer com a presença e ser organizado. Por se tratar de uma nova rotina, a organização irá ajudá-lo a estar atento às datas de provas e entregas de trabalhos.

Estabelecer horas de estudo, até mesmo um método, também é eficaz. De acordo com a pesquisa realizada, poucos alunos das escolas estudam antes dos testes, atitude que deve se tornar constante para alcançar o sucesso desejado. Entre as dificuldades citadas por

estudantes do 1º ano da faculdade estão o equilíbrio entre a vida social, o trabalho e a faculdade. Equilíbrio e produtividade são essenciais para manter o foco, tanto na vida pessoal como profissional. Para os estudantes que trabalham, existe a possibilidade da educação a distância, tendência que vem crescendo entre os estudantes brasileiros, enriquecendo o conhecimento e contribuindo para a autonomia e autodisciplina dos alunos. Outros estudantes também citam dificuldade na aprendizagem. Tais problemas podem ser resolvidos com atividades propostas pelo professor ou até mesmo com estudos adicionais coletivos ou individuais.

Toda instrução ao aluno deve ser gradativa com o objetivo de atingir os conhecimentos através da compreensão e da interação. A interatividade ocorre entre alunos, colegas e professores. Como reforça Antunes (2002, p. 29):

os saberes não se acumulam, não se constituem em estoque que se agrega a mente, e sim há transformação da integração, da modificação do estabelecimento de relação e da coordenação entre esquemas de conhecimento que já possuímos, em novos vincos e relações a cada nova aprendizagem conquistada.

Parafraseando Paulo Freire “O professor ensina mais também aprende, e os alunos aprendem, mas também ensinam o professor e alunos. O discente deve estar atento para os acontecimentos na sociedade e na faculdade, todas mudanças e conquistas sociais, políticas e metodológicas. Usar diferentes ferramentas para alcançar o êxito, discutir e debater com colegas e professores, interagindo com o conhecimento

e colocando em prática, afinal o mesmo deve estar ciente de que todas as ações darão significado a sua formação profissional.

Considerações Finais

A chegada à universidade pode ter seus dilemas e conflitos, mas faz parte do processo de crescimento dos alunos, com o auxílio do professor, esse processo torna-se menos conturbado. No segundo ano da faculdade os conhecimentos internalizados ajudarão na rotina de estudo e o processo “doloroso” desses alunos se tornará ameno. O essencial é reconhecer que necessita de ajuda e buscá-la, a mudança acontecerá, lenta para alguns, rápida para outros, mas faz parte do processo.

186

Competências e habilidades caminham juntas, um indivíduo competente recebeu o conhecimento, mas para ter as habilidades, este, precisa aprender a ser, saber e fazer. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca da competência. “Ter ou não ter” não depende somente do professor, mas da busca por todas as partes. No âmbito escolar envolve todos, sobretudo o aluno. Se no ensino médio esperava o conhecimento pronto, no ensino superior não há espaço para passividade.

Há esperança para a Educação brasileira, o que se espera é que os educadores se tornem transformadores, os alunos cooperadores, abrindo novas possibilidades de formação e aprendizado. Mudança de atitude deve acontecer e está nasce da cooperação de todos os lados, na busca do conhecimento por parte do aluno, dos professores do ensino médio e ensino superior, afinal, todos

deveriam se unir num só propósito. Unificação dos processos: a educação básica em todas as suas etapas preparando o individual, seres agentes criando e recriando trazendo um desenvolvimento gradativo e o ensino superior qualificando para o trabalho e concluindo o processo de dar significado real e prático aos conhecimentos adquiridos durante os anos de estudo.

Referências

ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MASETTO, M. T. **Competências pedagógicas do professor Universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

NÉRECI, I. G. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Inrasa, 1993.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertard, 2000.

Por uma avaliação dialógico-emancipatória: bakhtin e freire

Diego Pinto de Sousa¹

Eliel Unglaub²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Como dimensão presente em todas as manifestações e esferas de atividade humana, a avaliação sempre exerceu papel relevante. No

.....
¹ Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Pós-Graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. E-mail: diegopsousa@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

labor educativo a avaliação vivencia tempos de crises de identidade e de aplicação, uma vez que não atende à complexidade do tempo presente. As carências e dificuldades que engendram o processo de avaliação na educação universitária atualmente — justificam, postulam e fazem emergir a inquietação (e objetivo) deste artigo, a saber: seria possível forjar uma esteira teórico-prática, a fim de subsidiar uma Avaliação emancipatória? A reflexão é estabelecida a partir do diálogo e confluência — introdutórios e propositivos — de elementos teóricos de dois pensadores: o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e o cientista da educação Paulo Freire. A afluência entre esses autores pode promover um olhar crítico sobre o fenômeno da avaliação em terreno universitário, um olhar dialógico-emancipatório, especificamente.

190

Palavras-chave: Avaliação; Dialogia bakhtiniana; Emancipação freireana.

Abstract: As this dimension in all forms and spheres of human activity, the evaluation has always played an important role. In the educational work evaluation experiences times of identity crises and application, since it does not meet the complexity of the present time. The needs and difficulties that engender the evaluation process in university education today - justified, postulate and bring out the restlessness (and purpose) of this article, namely: Is it possible to forge a theoretical and practical mat, in order to support an emancipatory evaluation? Reflection is established from the dialogue and confluence - introductory and propositional - theoretical elements of two thinkers: the philosopher of language Mikhail Bakhtin and the

education scientist Paulo Freire. The confluence of these authors can promote a critical look at the assessment of the phenomenon at the university campus, a dialogical-emancipatory look, specifically.

Keywords: Evaluation; Dialogic Bakhtin; Emancipation freirean.

Introdução

Determinar o valor, compreender, apreciar e prezar são algumas acepções do verbete *avaliar* presentes no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Tal palavra, sob os referidos prismas, compõe um atributo constitutivo do humano. Enquanto seres que significam, os homens valoram a vida desde as primeiras etapas da aprendizagem. Em uma expressão afetiva materna, no desenvolvimento da linguagem e mesmo na ludicidade infantil encontram-se relações axiológicas e de avaliação. Nas palavras de Eni Orlandi (1999) o homem é um sujeito que está condenado a interpretar (ORLANDI, 1996, p. 38) a conferir valor e significar a realidade que o circunda. Seu relacionamento com o significar é tão intrínseco que o ato de nomear está presente em todas as sociedades e culturas humanas. O próprio nome, aliás, é uma expressão cultural que carrega, geralmente, de maneira simbólica a identidade do sujeito.

No campo educativo o conceito de avaliação configura-se como um dilema, sobretudo a partir da segunda metade do século 20. Por influência da vertente positivista a avaliação era concebida até então

como um instrumento mensurador do rendimento do alunado e, dessa forma, promovedor de uma dinâmica excludente e meritocrática no ensino-aprendizagem. Com o desenvolvimento das ciências humanas e sociais, no entanto, a avaliação fora aos poucos sendo *averiguada* como insuficiente e antidemocrática.

Apesar de novas vertentes se configurarem como opção para o exercício docente e, além disso, tentativas terem sido realizadas a partir destas, os avanços desde então são morosos na realidade educacional do país. Vale salientar que, no que concerne a Avaliação, as reflexões sempre foram calcadas na educação básica e no universo infantil.

As reflexões acerca de Avaliação do ensino superior, por sua vez, tiveram suas primeiras manifestações apenas nas últimas décadas. Tais estudos, ainda atualmente, concentram-se, sobretudo na avaliação do corpo discente. Pautas como o currículo dos cursos de graduação e dos instrumentos e métodos de ensino docente continuamente ficaram à margem.

Os docentes, nesse contexto, oriundos muitas vezes de formações (sobretudo os bacharéis) sem a presença de disciplinas de didática e com apenas sua base educacional estritamente objetivo-funcional materializam uma prática educacional semelhante tradicional e, muitas vezes, infrutífera. Reúna-se a isso o cenário liquefeito da pós-modernidade que em relativização, extremos e volubilidade impõe certa volatilidade ao valor e identidade do labor docente. Ádua tarefa frente a um conhecimento célebre e líquido, bem como um sujeito aluno (e professor) não menos descentrado e fluído (BAUMAN, 2009).

É nessa imbricada região que se encontra a natureza dessa pesquisa. Seria possível forjar uma esteira teórico-prática, a fim de subsidiar uma Avaliação emancipatória? Tal inquietação será refletida a partir do diálogo e confluência — introdutórios e propositivos — de elementos teóricos de dois pensadores: o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975) e o cientista da educação Paulo Freire (1921-1997). A confluência entre esses autores pode promover um olhar crítico sobre o fenômeno da avaliação em terreno universitário, um olhar dialógico-emancipatório especificamente.

Para um contexto de Avaliação

É certo que o nível de conhecimento específico da área interfere na prática docente. Há, todavia, pontos extras imprescindíveis para o professorado. Em síntese, sem uma concepção definida de educação e do sujeito aprendiz é improvável que o educador implemente formas emancipatórias de avaliação. Se a educação for concebida como mero compartilhar informações e o sujeito como reproduzidor acrítico o espaço de sala de aula, inevitavelmente, configurar-se-á como um reduto mecanicista de saber; o que está muito distante do proposto pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997), por exemplo, que asseveram a necessidade de promover alunos críticos e protagonistas de sua própria história. Assim,

o esgotamento do modelo teórico-epistemológico que define a avaliação como instrumento de medida para atribuir notas e para manter o controle, a indis-

pensável ruptura para que se possa formular uma teoria de avaliação que ultrapasse os limites da medida e implemente uma prática pedagógica na qual a avaliação ganhe novos sentidos e significados (SOUZA, 2012, p. 252).

Um jargão acadêmico pronunciado amiúde no espaço acadêmico é que a academia é o espaço da crítica. O ensino superior no Brasil não tem correspondido a essa assertiva. Este é inacessível a maior parte da população e, da porção populacional que a ele ascende, não tem sido identificada uma formação eficaz⁴. Prova disso são os índices negativos avaliados por exames como o ENADE.

Dados, apesar de provenientes de avaliações que ainda não dão conta de uma visão integral do panorama educacional, ofertam uma versão material da árdua tarefa a ser empreendida. Ponderar que “78,5% dos alunos saem do ensino médio sem conhecimentos em língua portuguesa adequados para a idade” (VILLENEUVE, 2015).⁵ E que, em consequência disso, da minoria que consegue alçar à realidade universitária, “38% dos acadêmicos do país são considerados analfabetos funcionais” (VILLENEUVE, 2015).⁶ Para dar status de paradoxo acrescenta-se a informação de que o Brasil investe um percentual maior de seu PIB que países cuja educação é modelo de qualidade como Coreia do Sul e Suíça. Isso é evidenciado pelas reiteradas classificações negativas no *Programme for International Student Assessment* (PISA); em uma lista com 65 países, o Brasil tem ocupado

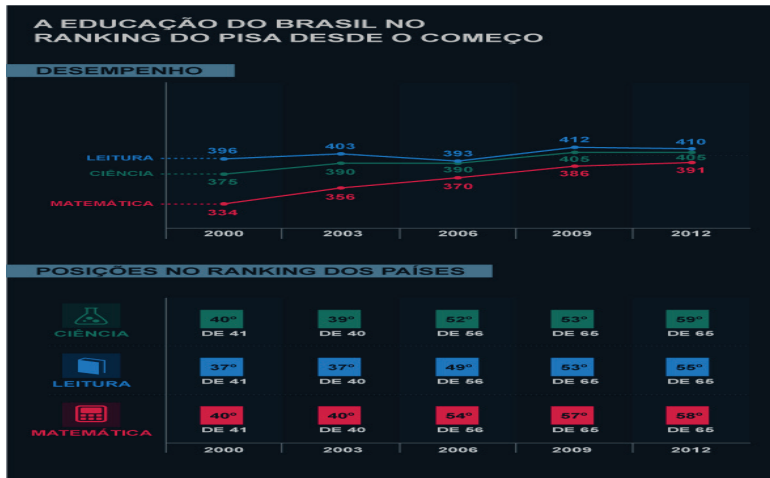
.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2qPVQzr>> Acesso em: 20 jul. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/1O1KKtH>> Acesso em: 26 jul. 2016.

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/1O1KKtH>> Acesso em: 26 jul. 2016.

nos últimos anos as 5 derradeiras posições. Já em 2012 o fenômeno negativo era evidente como demonstra o Gráfico abaixo:

Gráfico 1 - A Educação do Brasil Ranking PISA



Fonte: <<http://abr.ai/1hwauBq>>. Acesso em: 16 jul. 2016..

Plataformas avaliativas como o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior — SINAES, responsável pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes — ENADE e afins, apesar de ainda não apresentarem uma visão integral e legítima da educação de ensino superior em nosso país, indicam um cenário de conquistas nos últimos anos e, da mesma forma, desafios e problemas continentais como o território brasileiro.

É preciso considerar que os dilemas da educação, o que inclui o processo de avaliação, são de ordem social. Isolar as discussões de forma a apresentar as dificuldades de maneira limitada ao espaço de sala de aula ou ao ambiente universitário é uma perspectiva reducionista dos fatos. Certamente tais problemas estão além das grades e altos muros que têm cercado os ambientes educacionais nesta nação. A gestão política, seja em universidades públicas ou privadas, deve ser considerada. Além disso, problemas como as novas configurações familiares, segurança pública, intolerância e a liquidez das relações destes tempos desaguam e influenciam a realidade da sala de aula.

196

Feitos os recortes estamos agora diante de uma sala de aula de nível superior. Por tudo que foi sintetizado acima, as relações ali são problemáticas. Todo esse contexto desordenado implica em deficiência também no processo avaliativo, em todos os níveis, desde a avaliação da gestão, incidindo no juízo sobre a estrutura, até a avaliação do trabalho docente. Acrescente-se que a avaliação é problemática inclusive em países tido como desenvolvidos. Uma vez que reflete perspectivas ideológicas como as de mercado e não necessariamente os dados correspondem a uma educação legitimamente de qualidade. Afinal, o que de fato é educar com qualidade? Quais critérios avaliativos estabelecem-se, a fim de mensurar uma prática educativa exitosa? Seguramente, os valores neoliberais estão distantes de um critério para responder tais indagações.

Com um contexto que reclama urgência de mudanças, é imprescindível “[...] a ruptura com o paradigma epistemológico que

circunscreve o processo avaliativo, para que se possa formular uma teoria de avaliação que ultrapasse os limites da teoria da medida e implemente práticas pedagógicas com novos significados” (CHUEI-RI, 2008, p. 62), o que torna ainda mais relevantes as discussões acerca das desventuras e problemas no solo educacional, o que inclui a imbricada região da Avaliação.

Outro fator importante é que, a despeito de fundamentação teórica e positivas pretensões, há uma palavra-chave no ambiente escolar: *intuição*. Esta, um desdobramento da constituição histórico-social do sujeito-professor, é um fator de vanguarda no processo de ensino-aprendizagem, inclusive nas atividades avaliativas. Sem esse *tato* e sensibilidade fica difícil ponderar formas metodológicas e recursos avaliativos que promovam o desenvolvimento dos estudantes.

Para uma Docência dialógica como Avaliação Emancipatória: Bakhtin e Freire

Dialogismo, criticidade, interação, protagonismo são termos em voga e de, tão exaustivamente utilizados, apontam para a saturação. Todavia, na época em que foram concebidos e pela primeira vez explanados implementaram certa revolução em esferas como a psicogênese, linguagem e educação política. Revolução e originalidade, aliás, talvez sejam palavras representativas onde podemos congrega os autores que constituem o insumo teórico desta reflexão. Se se encontram nestas palavras — Bakhtin e Freire — de tantas fontes, bebem

duma semelhante: o materialismo histórico dialético⁷. O que certamente não implicou em leituras dogmáticas dos estudos marxistas, mas sim em releituras abertas e pertinentes para seu tempo, fomento para tempos futuros. Nestas referidas esferas (psicogênese, linguagem e educação) essa díade de autores estabeleceu perspectivas fundantes e originais. São estas que, de maneira introdutória, servirão para refletir-se uma avaliação dialógico-emancipatória.

Para fins didáticos é salutar iniciar pelas raízes etimológicas do conceito aqui proposto. Por *emancipação* considera-se que se origina do “[...] latim *emancipo*, significa pôr fora de tutela, dar independências, obter independência, libertar-se de tutela, libertação.” (SANSONE; FURTADO, p. 151, 2014). Apropriando-se dessa significação presente no termo emancipar Paulo Freire subverte a tradicional forma de se ver e praticar a avaliação. Essa postura subversiva é didaticamente ilustrada no excerto de *Pedagogia da Autonomia* (2011) abaixo:

Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mais insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, fi-

⁷ Segundo o Dicionário de filosofia Japiassu (2001), *materialismo* seria: “Na filosofia clássica a doutrina que reduz toda a realidade à matéria [...]” (p. 126). Marx e Engels por sua vez realizam um desdobramento e cunha o termo Materialismo histórico “[...] utilizado na filosofia marxista para designar a concepção materialista da *história, segundo a qual os processos de transformação social se dão através do conflito entre os interesses das diferentes classes sociais.” (idem). Vladimir Lênin, por sua vez, influenciado pelo filósofo marxista Plekhanov, utiliza o termo *materislismo dialético* para “[...] caracterizar sua doutrina, que interpreta o pensamento de *Marx em termos de um *socialismo proletário, enfatizando o *método dialético em oposição ao materialismo mecanicista.” (Idem). É sob essa esteira, e demais teóricos marxistas, que surgem as reflexões materialistas nos estudos da linguagem, sobretudo em meados da década 1960.

car contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com (FREIRE, 2011, p. 72 e 73).

Já a *Dialogia* aqui inscrita está revolvida em solo bakhtiniano. Para Mikhail Bakhtin o diálogo configura-se como a força motriz da linguagem sendo que todos os enunciados produzidos e produzíveis são elaborados na cadeia ininterrupta da linguagem, como elos compostos por outros que, por sua vez comporão novos elos enunciativos. Asseveram os russos:

A primeira palavra e a última, o começo e o fim de uma enunciação permitem-nos já colocar o problema do todo. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2010, p. 129-130).

Por mais simples e óbvio que este achado aparenta ser; implicou numa verdadeira revolução nos estudos de linguagem. Não apenas a área de estudos linguísticos, aliás, como também todas as ciências humanas, haja vista que o diálogo como centro destronou o primado do *indivíduo*, como também a valorização extrema do *outro* como lugar de centro. Inserindo no lugar destes a relação *eu-outro*, uma alteridade constitutiva da singularidade de cada sujeito dito de outra forma. Como poetiza Bakhtin: “O núcleo inefável da alma só pode ser refletido no espelho da simpatia absoluta do outro [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 396).

A despeito de Bakhtin não ter sido um teórico da educação ou psicogeneticista e Freire não ter investigado o fenômeno da linguagem verbal, seus conceitos podem ser articulados e convergidos, pois além da comum plataforma epistemológica, a do materialismo histórico-dialético, estes pensadores preocupavam-se com questões recíprocas como a do sujeito responsável e responsivo.

A intersecção dessa díade não implica em um reducionismo limitante, pelo contrário, outro ponto nodal entre as obras de Bakhtin e Freire (poderíamos incluir aqui também a figura de Vygotsky) é abertura e empatia ao alteritário e diferente, Tal qual a noção de *obra aberta* em Umberto Eco (1991) esse corpo epistemológico permite a incorporação de novas frentes, a fim de que novos problemas e demandas possam ser dirimidos e resoluções elaboradas. Este princípio é evidenciado ambos autores. Em Bakhtin, por exemplo, vemos a dialogia como uma frente axiológica inextirpável; o dialogismo e a responsividade constituem o cerne de toda sua teoria dialógica. Em Freire é evidente o valor da abertura, nele o Saber é, em verdade, saberes,

e a educação formal, transfigura-se em educação contextualizada e compartilhada com o sujeito aprendiz.

Assim concebemos uma Avaliação Dialógico-Emancipatória. Que por um lado compartilhe e construa uma ponte entre docente e discente por meio do diálogo alteritário, responsável e responsivo produzindo, dessa forma, a denominada por Freire *didiscência*. E doutro lado uma nova ponte, conseqüente e vinculada à primeira, uma ponte para a libertação proveniente da criticidade compartilhada entre os pares envolvidos no ensino-aprendizagem. De um lado a ponte dialógica, de outro a ponte do empoderamento emancipatório. Tal perspectiva se exprimiria em medidas simples, mas eminentemente significativas.

Antes, contudo, saliente-se que uma perspectiva avaliativa dialógico-emancipatória pode auxiliar não apenas no ambiente de sala de aula, como também em uma releitura das premissas e práticas da gestão e política escolares. De sorte que toda prática prescreve uma plataforma epistemológica que lhe garante os recursos para sua concepção e exercício.

Em Bernd Fichtner (1999; 2002; 2010), alemão inspirado em Freire e Vygotsky, vemos um percurso elucidativo de uma didática dialógica em uma avaliação emancipatória. Para o autor a avaliação deve ser *processual e contínua*, como *participativa* e como *investigativa e diagnóstica* onde a interdisciplinaridade seja condição e não possibilidade. Em seu trabalho o professor exemplifica sua pedagogia por meio de dois exemplos na educação básica, um em solo brasileiro outro em solo alemão, em ambos os casos o processo avaliativo atende as características

acima e funciona em uma dinâmica cíclica sempre orientada para avaliações coletivas e autoavaliações, além das avaliações docentes.

O papel docente, nesse sentido, transpõe o papel isolado e, por isso limitado, de único avaliador. O professor, vale salientar, não compartilha horizontal e irresponsavelmente a tarefa de educar e avaliar; mas torna-se além de mestre um gerente das tarefas e avaliações. O referido ciclo possui etapas como a formativa, somativa e especializada. Em cada uma destas são realizadas atividades de ensino-aprendizagem de maneira contextualizada e crítica e, de semelhante forma, são avaliadas. As apresentações de seminários, por exemplo, são conduzidas a partir de um gabarito com os pontos a que o aluno responsável deve atender. Docente e demais aprendizes ocupam-se de avaliar segundo o gabarito a qualidade da apresentação do colega. Assim todos contribuem e experienciam os papéis de avaliado e de avaliador. No término de cada ciclo o aluno deve se autoavaliar segundo os conceitos predeterminados em classe. Aluno e professor dialogam e arrazoam por 'critérios e notas' mais pertinente conforme a convenção estabelecida.

Essa consciência e operatividade coletivas conduzem a uma autoavaliação crítica, herança do processo cíclico dialógico e construtivo empreendido pelo docente em sala de aula. Os exemplos são da educação básica, indubitavelmente, no entanto, podem e devem ser utilizados em ambiente acadêmico. Assim nesse *fazer-se se fazendo* os protagonistas da educação, os *dodiscentes*, compreenderiam que:

A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou cons-

ciente. Inacabado, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão. Um ser ligado a interesses e em relação aos quais tanto pode manter-se fiel à eticidade quanto pode transgredi-la (FREIRE, 2011, p. 69).

Considerações finais

A crise vivenciada pela avaliação hodiernamente reflete a tortura sofrida em décadas pela educação. Não há dúvida que tais crises incorporam-se a dilemas maiores como o esgarçamento do setor político, a volatilidade das configurações familiares e relacionais atuais, o banho de sangue frente à insegurança nacional entre tantos outros problemas. É necessária uma percepção holística da atividade educacional, sobretudo de seu processo avaliativo. É eficaz que estas sejam integradas a um todo orgânico situacional: o horizonte social e suas variadas esferas.

A complexidade das debilidades do sistema educacional não nos priva, todavia, de reconhecer que há especificidades dentro desse próprio microcosmo que podem ser ressignificadas. A formação de professores, a renovação dos quadros de gestão e as dinâmicas avaliativas são bons exemplos disso. Essa atmosfera de clausura no seio da educação escolar que mina, desde as pontas (gestão/aluno), sua possibilidade de progresso, estabelece necessidade de mudanças práticas, filosóficas e políticas.

A avaliação dirigida por essas frentes epistemológicas, dialogia e emancipação, deve transcender a seletividade autômata e alçar os degraus da formatividade crítica e responsiva pela consciência do inacabamento de cada sujeito enunciador e sua responsabilidade ética diante

de suas ações singulares na vida. Talvez seja um caminho para produzir um sincero e profícuo encontro de alteridades ainda equidistantes: as do educador e aprendiz. Uma espécie de brecha e ruptura na cadeia contraproducente presente na educação brasileira. Mais que avaliar para averiguar, criticamente avaliar, para formar e emancipar.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: wmfMartins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.

204

BAUMAN, Z. Entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, maio/ago. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília 1997.

CHUEIRI, M. Concepções sobre a Avaliação Escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

ECO, H. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FICHTNER, B. Desenvolvimento e aprendizagem humana na perspectiva da

abordagem históricocultural. CONGRESSO NACIONAL DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR, I. **Anais de Congresso**. Blumenau: Prefeitura municipal de Blumenau/Universidade Regional de Blumenau, 1999.

FICHTNER, B. Leitura e escrita como prática cultural de adolescentes no Brasil e na Alemanha (Lesen und Schreiben als kulturelle Praxis Jugendlicher in Brasilien und Deutschland). In: FREITAS, M. T.; COSTA, S. R. **Leitura e escrita na formação de professores**. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

FICHTNER, B. Avaliação na relação desenvolvimento e aprendizagem da criança - problemas e possibilidades na perspectiva Vigotski - Conferência de Encerramento. JORNADA DE PEDAGOGIA, IX. **Anais de Congresso**. UNEMAT. Cáceres 30.09 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

205

ORLANDI, E. P. **Interpretação e autoria: leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SANSONE, L.; FURTADO, C. (Orgs). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: ABA Publicações, 2014.

SOUZA, A. A avaliação da aprendizagem do ensino superior: aspectos culturais. **Revista Exitus**, v. 02, n. 01, jan./jun. 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Edições Antídoto: Lisboa, 1979.

O processo de aprendizagem na avaliação contínua e formativa

Laís Martins Carvalho¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: O presente artigo pretende averiguar como ocorre e quais são os processos da aprendizagem quando se é utilizada a avaliação formativa, que objetiva um conhecimento pautado no indivíduo, no qual por meio de avaliações diagnósticas almeja compreender

.....
¹ Pós-Graduada em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: lais.m.carvalho70@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

como se dá o processo de ensino e aprendizagem. Pesquisas bibliográficas sobre avaliação foram realizadas para inferir se as instituições educacionais estão utilizando a avaliação formativa ou permanecem no tradicionalismo das avaliações classificatórias. O intento é conhecer o papel das instituições, professores e estudantes no que se refere ao aprendizado e a relevância dessa avaliação no desenvolvimento holístico do ser humano, que envolve o cognitivo, afetivo e psicomotor. As instituições governamentais por meio de leis e parâmetros curriculares constataram o valor da avaliação formativa para o processo de aprendizagem, no entanto, é notável resistência por parte de professores e instituições educacionais que estão arraigadas ao tradicionalismo.

208

Palavras-chave: Avaliação formativa; Ensino; Aprendizagem; Avaliação diagnóstica.

Abstract: This article wants to verify how occurs and which are the learning processes when formative evaluation is used, that objectives a individual ruled knowledge, where by diagnostics reviews aims understanding how is the learning and teaching process. Bibliographic researches about evaluation were performed to deduce if the educational institutions are using the formative evaluation or remain on the traditionalism of the classificatory reviews. The intention is to know the function of the institutions, teachers and students with respect to learning and the relevance of this evaluation in the human holistic development, which involves the cognitive, affective and

psychomotor. The governmental institutions, by laws and curricular parameters, found the value of formative evaluation for the learning process; however, it is remarkable the resistance of teachers and educational institutions that are rooted on the traditionalism.

Keywords: Formative Evaluation; Learning; Apprenticeship; Diagnostic review.

Introdução

A Conferência Mundial de Ensino Superior realizada no ano de 2009 em Paris, reconheceu a importância da educação superior como produtora de conhecimento para gerir soluções aos desafios relacionados a saúde, educação, alimentação etc. Sendo assim, para a sociedade a educação não mais tem valia como método de memorização do conhecimento, mas almeja que o profissional a ser formado seja um transformador da sociedade, que saiba relacionar conceitos e analisá-los para tornar o mundo melhor. Para tanto, é necessário que os objetivos da educação sejam modificados, bem como as metodologias aplicadas para avaliar esse discente.

A partir dos anos 1980 surgiram novas metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação, que buscavam novos caminhos para a formação e aprendizagem do educando. O artigo 24 inciso V da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDBEN, Lei nº 9394/96, prevê que em todos os níveis da educação a avaliação do aluno deve

ser considerada contínua e cumulativa, sendo que os aspectos qualitativos devem sobressair os quantitativos.

No entanto, ao analisar a situação da educação no Brasil, notasse que o pressuposto colocado pela LDBEN (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional) não está sendo efetuado, pois as instituições educacionais ainda praticam a educação tradicional que procura avaliar o aluno de maneira quantitativa, caracterizando seu desempenho hierarquicamente por meio de notas e desconsiderando que seu aprendizado ocorre em etapas gradativas e em diferentes níveis para cada pessoa.

A avaliação contínua e formativa procura avaliar o discente através de seu progresso ao longo da matéria, apresentando a ele suas dificuldades, para que o professor analise seu trabalho pedagógico, e que o aluno juntamente com o professor procure rotas para a superação de suas dificuldades. Esse método utiliza a avaliação informal, ou seja, a relação entre professor e aluno, sem necessariamente abolir os instrumentos de avaliação como provas dissertativas, seminários, entre outros. Seu objetivo é traçar o crescimento do aluno e aperfeiçoar esse estudante para a sua vida profissional.

210

Desenvolvimento

Na educação brasileira ainda existe uma metodologia arraigada ao tradicionalismo, principalmente no que tange a avaliação, que é vista como classificatória, hierárquica e seletiva, focando-se apenas no resultado final e não no caminho traçado. Essa educação é fruto

da educação jesuítica e comeniana dos séculos XVI e XVII que busca formar e ao mesmo tempo disciplinar os alunos. Mas também é burguesa, pois reflete a estrutura social excludente do modelo burguês que classifica e seleciona, seja na questão de moradia, alimentação, bens de consumo, educação, saúde.⁴

Contrapondo essa metodologia, a avaliação formativa e contínua procura salientar o progresso do aluno, diagnosticando suas imperfeições e traçando caminhos para que suas carências sejam corrigidas. Ela visa uma educação horizontal, ou seja, democrática e igualitária, no sentido de disponibilizar a todos uma educação de qualidade.

Os dados fornecidos pelo MEC mencionam elementos diretamente relacionados à avaliação, no seu sentido mais amplo: reprovação, pais e mães com baixa escolaridade, abandono da escola, rejeição por professores e colegas e atraso escolar. A avaliação que valorize o aluno e sua aprendizagem e o torne parceiro de todo o processo conduz à inclusão, e não à exclusão. Esse é o papel da avaliação formativa (VILLAS BOAS, 2006, p. 77).

211

O processo de ensino e aprendizagem na educação básica engloba aspectos familiares com os educacionais, pois a unidade familiar estará envolvida com a escola na participação do Projeto Político Institucional (PPI), bem como no desenvolvimento da criança. Entretanto, não ocorre da mesma forma com o ensino superior, pois a participação ativa no PPI não será dos pais mas dos próprios alunos, que poderão opinar sobre os projetos a serem desenvolvidos pela

⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2rUy4zR>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

universidade. Um dos pontos interessantes dessa educação participativa é o sistema de avaliação formativa, que visa desenvolver os educandos durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

Essa avaliação mostra o aluno como um ser individual em progresso, portanto, os alunos não são vistos como um grupo homogêneo que apresentam as mesmas dificuldades e facilidades, ela individualiza as aprendizagens para focar nas carências de cada aluno. De acordo com Cunha (2009) os alunos não aprendem no mesmo ritmo, com os mesmos métodos, atividades e instrumentos avaliativos.

Para tanto o educador precisa estipular questões antes de avaliar, tais como: O que avaliar? Quais métodos empregar para avaliar? Como avaliar? Isto é, deverá existir um planejamento para que a avaliação ocorra durante o período de estudos, que seja diagnóstica, e não apenas somativa.

212

Contudo, para que esse método avaliativo seja empregado de maneira eficaz é necessário que o currículo pedagógico seja modificado, visto que o currículo tradicional tende a examinar e não avaliar. Isso não diz que o exame é sem valia, nos casos do vestibular e concursos é imprescindível o exame para selecionar, no entanto, o mesmo não deveria ocorrer nas instituições educacionais que tem por função a aprendizagem e não a seleção.

Nota-se que para formar indivíduos que usem da criatividade para solucionar as questões do mundo, é primordial que o currículo das instituições que os formaram seja compatível com tal expectativa. Segundo Garcia (2009, p. 31) no centro das mudanças na educação superior estaria o desafio de redesenhar o currículo, pois as mudanças

ali configuradas indicariam a medida efetiva de transformação realizada em qualquer instituição universitária.

Sendo que então envolve todos os setores da educação, aluno, professor e escola, visto que aborda a aprendizagem do aluno, o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola e os instrumentos de avaliação utilizados pelo professor para atingir os alunos. É importante ressaltar que a avaliação formativa contempla todas as vertentes da aprendizagem, ou seja, é uma educação holística.

Nesse sentido para Cunha (apud VILLAS BOAS, 2004, p. 187)

A avaliação formativa deve englobar todas as dimensões da aprendizagem do aluno: cognitiva, afetiva e psicomotora. E as três dimensões devem ter a mesma importância e serem entendidas “como dimensões integradas do processo de aprendizagem, não cabendo dissociá-las para efeito de avaliação”.

213

O segundo ponto a ser considerado depois da reformulação do currículo é a relevância da avaliação que estimule todos os estilos de aprendizagem, sendo eles visual, sinestésico ou auditivo, como também do desenvolvimento afetivo entre alunos- professores e alunos- alunos. Esse tipo de avaliação aprimora nos indivíduos a capacidade de resolver problemas em coletivo, tais circunstâncias são apreciadas por grandes empresas que buscam pessoas que saibam solucionar problemas em grupo.

Um aspecto interessante da relação entre avaliação e aprendizagem é a maneira com que os alunos levam sua vida acadêmica. O modo com que os professores apresentam suas estratégias avaliativas

refletem em como os alunos se preparam para o estudo. Isso é muito visível no primeiro semestre dos cursos superiores, onde os alunos chegam engajados para aprender, mas muitas vezes se decepcionam com a aprendizagem devido ao emprego de métodos avaliativos inadequados pelos professores. Para Garcia (2009, p. 211)

As escolhas exercidas pelos professores podem ampliar ou limitar as oportunidades para que os estudantes demonstrem o que aprenderam. Além disso, as práticas de avaliação podem ser mais ou menos restritivas em relação à possibilidade de fornecer feedback ao aluno sobre seu desempenho durante o processo de ensino- aprendizagem. Tais aspectos são fundamentais na atualidade, considerando a importância que as práticas de avaliação formativa vêm conquistando.

214

Para tanto, a avaliação contínua e formativa veio para combater esses métodos avaliativos arcaicos, que muitas vezes estão ligados a uma aprendizagem passiva. O novo método avaliativo procura desenvolver a aprendizagem colaborativa e participativa, onde os alunos refletem sobre seu papel durante o processo e se auto avaliam; um exemplo de método de avaliação que cria nos educandos essa conscientização é o portfólio que incide na junção do que foi passado com o que foi aprendido.

Esta avaliação consiste em ver os resultados de maneira provisória, ou seja, a avaliação é construtiva e processual, onde o aluno tem seu desempenho avaliado em parcelas, sendo que cada resultado obtido durante a avaliação é a base para o passo seguinte, ou seja, o foco está no processo de ensino- aprendizagem. É pertinente o *feedback*

que ocorre durante todo o processo, pois fica claro onde ocorrem as dificuldades e a busca por soluções se torna mais fácil.

Entretanto, as avaliações devem ser constituídas segundo a Taxonomia de Bloom que visa a construção da aprendizagem em níveis de competências e habilidades nos domínios cognitivos, afetivos e psicomotor. Esses níveis são distribuídos de forma hierárquica em categorias apresentadas por substantivos que representam a dimensão do conhecimento e os verbos que representam os processos cognitivos, ou seja, como o aluno aprende.

As categorias são divididas em 6 níveis, sendo eles: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. Na categoria de conhecimento é abordado a habilidade de lembrar informações e conteúdos preestabelecidos, na compreensão é desenvolvida a habilidade de utilizar a informação dada no nível anterior e empregá-la em outras situações. Para a aplicação, o conhecimento *a priori* deve ser utilizado em situações de métodos, teorias como operar, desenvolver, ilustrar. Já no nível seguinte, a análise, o aluno deverá ter compreendido as partes do conteúdo e suas relações para analisar o resultado final. A síntese consiste em juntar partes do conhecimento para a criação de uma nova estrutura, alguns dos verbos utilizados são criar, formular, explicar e categorizar. E o último nível, a avaliação, precisa de todos os níveis anteriores para que seja possível a crítica bem como a conclusão do conteúdo.

De acordo com Luckesi esse tipo de avaliação

é não-pontual, diagnóstica (por isso, dinâmica) e inclusiva, [...]. Ou seja, à avaliação interessa o que estava acontecendo antes, o que está acontecendo agora e o que acon-

tecerá depois com o educando, na medida em que a avaliação da aprendizagem está a serviço de um projeto pedagógico construtivo, que olha para o ser humano como um ser em desenvolvimento, em construção permanente. Para um verdadeiro processo de avaliação, não interessa a aprovação ou reprovação de um educando, mas sim sua aprendizagem e, conseqüentemente, o seu crescimento; daí ela ser diagnóstica, permitindo a tomada de decisões para a melhoria; e, conseqüentemente, ser inclusiva, enquanto não descarta, não exclui, mas sim convida para a melhoria.⁵

Um dos grandes diferenciais desse estilo de avaliação é a análise de todo o processo diagnosticando as carências, propondo novos métodos de aprendizagem, e a participação do aluno como construtor do saber, ou seja, o professor é visto como mediador do conhecimento e não como detentor, tais características diferem das avaliações tradicionais que são classificatórias, arraigadas ao método de prova e que procuram somente o desempenho final.

216

Considerações finais

As propostas curriculares do Governo Federal por meio do PNE (Plano Nacional de Educação) e LDBEN (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional) garantiram a avaliação como um dos processos mais importantes durante o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, tais leis deixam claro que a avaliação deve ser contínua, formativa, diagnóstica, democrática e inclusiva. Isto é, a avaliação deixa de ser o resultado final do processo e passa ser uma parcela.

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2rUy4zR>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

Para tanto, é imprescindível que os currículos das instituições educacionais sejam modificados, bem como os instrumentos avaliativos aplicados pelos professores sejam coerentes com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor. Quer dizer, é indispensável que haja um planejamento por parte da escola através da formulação do currículo, mas também da parte do professor ao saber o que avaliar e como avaliar. Somente assim podemos dizer que a avaliação é diagnóstica e não apenas somativa. Tais avaliações são decompostas em porções — inicial, contínua e final-, para que o caminho percorrido pelos alunos durante a aprendizagem seja perceptível e as tensões e pontos de dificuldade se tornem claros, facilitando assim a resolução dos problemas no emprego de outros métodos de ensino.

As políticas públicas educacionais já objetivarem esse modelo de avaliação para as instituições de educação já é um passo importantíssimo para que as escolas e universidades corroborem com esse método e os professores passem a praticá-lo. No entanto, ainda se vê muito do tradicionalismo enraizado no ensino e aprendizagem. Faz-se necessário que a cobrança por parte do governo seja mais impetuosa, além da divulgação desse método de avaliação para o corpo docente e discente.

217

Referências

CUNHA, E. M. L. Avaliação formativa no ensino superior: um estudo exploratório a partir da perspectiva dos professores. **E- Revista Facitec**, v. 3, n. 1, p. 01-29, dez. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2rhRZwy>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

GARCIA, J. Avaliação e aprendizagem na educação superior. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 20, n. 43, maio/ago 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2rQPuOH>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

VILLAS BOAS, B. F. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. **Linhas Críticas**, v. 12, n. 22, p. 75-90, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2rUQsJ8>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

O processo de comunicação na gestão de projetos do terceiro setor

Denison Lehr Unglaub¹

Eliel Unglaub²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar as peculiaridades do processo de comunicação na gestão de projetos do terceiro setor. O terceiro setor diferencia-se do primeiro, que é representado pelo governo e do segundo representado pela iniciativa privada, ao passo que não faz parte do governo, mas suas atividades são eminentemente de caráter público. A gestão de projetos tem que ver com um esforço temporário em prol de um resultado específico. Dentro dos dois primeiros setores é muito comum a gestão de projetos, no entanto no terceiro setor há algumas

.....
¹ Pós-Graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Administração pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Direito pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: denison_unglaub@hotmail.com.

² Ph.D. em Administração Educacional e Liderança pela Andrews University. Doutor em Educação (Políticas de Educação e Sistemas Educativos) pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação (Gestão Universitária) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Pedagogia e Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino — São Paulo E-mail: eliel.unglaub@ucb.org.br.

características que distinguem a gestão de projetos comum da gestão de projetos sociais. O processo da comunicação é um dos mais importantes em toda a gestão de projetos, sem uma boa comunicação todo o andamento deste fica comprometido. No terceiro setor, o processo de comunicação é ainda mais importante.

Palavras-chave: Gestão de Projetos; Gestão da Comunicação em Projetos; Terceiro Setor.

Abstract: This study aims to analyze the communication process peculiarities in project management in the third sector. The third sector is the first differentiation, which is represented by the government and the second represented by private initiative, while not part of the government, but their activities are eminently public character. Project management has to do with a temporary effort for a specific result. Within the first two sectors is very common project management, however in the third sector there are some features that distinguish the common project management of social project management. The communication process is one of the most important in all project management without good communication throughout the progress of this is compromised. In the third sector, the communication process is even more important.

Keywords: Project Management; Communication Management Project; Third sector.

Introdução

A expansão do terceiro setor e, por consequência, dos projetos conduzidos por associações, fundações e demais entidades que dele fazem parte, vem acontecendo por consequência da falta de atendimento a áreas sociais por parte do governo (primeiro setor) e da iniciativa privada (segundo setor). Ainda que as questões sociais façam parte do rol de atividades de responsabilidade do governo, este, por diversas razões, não consegue atender às demandas surgidas, dependendo da ajuda do setor privado, antes restrito às questões individuais.

A partir disto, surge a necessidade de um novo setor para incorporar este papel, representando em parte o governo e em parte as empresas, porém constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, cujo objetivo primordial é suprir as deficiências em serviços de caráter público, com aportes financeiros ora governamentais, ora privados ou de ambos.

As organizações não governamentais (ONG's), como são conhecidas, trabalham em essência com projetos. Daí a necessidade de captação de recursos, para a execução das atividades previstas e para estabelecer um acompanhamento adequado, a fim de que tudo ocorra dentro dos padrões estabelecidos. Entretanto, algumas questões mostram-se cruciais para que os projetos aconteçam conforme o previsto, sendo que uma dessas questões é a que trata do processo de comunicação que envolve o projeto, demandando a participação de diversos interlocutores, sejam eles os financiadores, os executores ou os beneficiados.

Considerando este plano de fundo, este estudo tem como objetivo geral analisar as peculiaridades do processo de comunicação com

os stakeholders na gestão de projetos do terceiro setor. Os objetivos específicos são: diferenciar a gestão de projetos do terceiro setor dos demais setores; conhecer o processo de comunicação em projetos do terceiro setor; e demonstrar a importância das boas práticas em projetos do terceiro setor. Para alcançar estes objetivos, parte-se, então, do seguinte questionamento: como se dá o processo de comunicação em projetos do terceiro setor.

O que é Gestão de Projetos?

222 “Um projeto é um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo” essa é a definição dada pelo Guia PMBOK (2004), que é um guia do conjunto de conhecimentos em gerenciamentos de projetos, redigido pela soma dos conhecimentos intrínsecos à profissão de Gerente de Projetos.

Vargas (1998, p. 33) tem uma definição mais elaborada: “Projeto é um empreendimento não repetitivo, caracterizado por uma sequência clara e lógica de eventos, com início, meio e fim que se destina atingir um objetivo claro e definido, sendo conduzido por pessoas dentro de um parâmetro pré-definido de tempo, custo, recursos envolvidos e qualidade”.

Dentro dessa concepção qualquer atividade, da mais complexa, como a construção de um estádio de futebol até a mais simples, como o planejamento das férias em famílias são projetos.

A importância das boas práticas, que é o objetivo central do Guia PMBOK, é trazida por Lopes (2014) que aponta para uma pesquisa que

mostra que apenas 9% dos projetos são concluídos dentro do prazo e cumprem o orçamento estabelecidos e atendendo aos padrões desejados.

Se um projeto não é concluído dentro do prazo e orçamento, a chance dele ser bem-sucedido é reduzidíssima. Além disso, deve-se estabelecer uma importante diferenciação: projeto não é tarefa.

Um projeto sempre será temporário (o que não quer dizer que seja curto), pois tem começo, meio e fim. Já a tarefa pode continuar sendo repetida, enquanto o projeto terá um resultado exclusivo. O projeto termina quando seus resultados tiverem sido atingidos ou quando esses objetivos não tiverem mais como serem atingidos e o projeto se encerra.

O Guia PMBOK (2004) também traz uma terceira característica exclusiva além de temporariedade e exclusividade, é a elaboração progressiva. Essa é uma característica que integra as outras duas e significa desenvolver em etapas e continuar por incrementos. Explicando melhor temos que no início do projeto o escopo, ou objetivo geral, é descrito, mas este se tornará mais explícito e detalhado conforme a equipe do projeto desenvolve um entendimento mais completo deste objetivo. O que não significa que o escopo será aumentado.

Dessa forma a Gestão de Projetos é a aplicação de conhecimento, habilidades, ferramentas e técnicas às atividades do projeto com o objetivo de alcançar os seus requisitos (Guia PMBOK, 2004).

Lopes (2014) ressalta que para que um projeto seja eficiente, o gerenciamento deverá considerar os requisitos exigidos e as restrições impostas buscando sempre um equilíbrio entre eles. Restrições, sejam elas de prazo ou de orçamento por exemplo, vão determinar as especificações do resultado final esperado.

O que é Terceiro Setor e qual seu papel na sociedade?

Tomando-se por base a definição da teoria econômica de que o setor estatal constitui o Primeiro Setor de uma nação e a esfera privada, o Segundo Setor, deu-se a esta nova forma de organização que brotou da sociedade o nome de Terceiro Setor.

Este constitui, portanto, a esfera de atuação pública não-estatal, a partir de iniciativas privadas, no entanto, sem fins lucrativos. O objetivo final, de todas as entidades que atuam neste setor é o bem comum, ou seja, prestar atendimento às demandas da sociedade naquilo que os demais setores não o fazem (GONÇALVES, 2006).

Conforme salienta Hudson (1999), a filosofia que permeia quase todos os aspectos do terceiro setor é o desejo humano de ajudar outras pessoas, sem a exigência de benefícios sociais ou pessoais. Entretanto, a maioria das pessoas pensa no setor em termos de caridade e pressupõe que é um fenômeno moderno, todavia não é assim, pode-se retornar à época elisabetana ou ainda aos tempos do Império Romano. É importante salientar que desde os tempos mais remotos era o grupo familiar que cuidava dos membros pequenos, enfermos, deficientes, velhos, viúvos e órfãos. Desta forma, é correto considerar que a caridade é um fenômeno antigo.

Outro ponto importante destacado pelo autor é que, no decorrer da história, a caridade tem estado intimamente relacionada com o crescimento das organizações religiosas. Os ensinamentos judeus, por exemplo, promoviam a ideia de que os pobres tinham direitos e os ricos tinham

deveres. Mais adiante, as primeiras igrejas cristãs criaram fundos para apoio às viúvas, órfãos, enfermos, pobres, deficientes e prisioneiros. Esperava-se que os fiéis levassem donativos, que eram colocados na mesa do Senhor para que os necessitados pudessem recebê-los das mãos de Deus. No mundo islâmico, a filantropia foi usada para montar grandes hospitais. Também partiram do islamismo os remotos “fundos de miséria” em que pacientes indigentes recebiam cinco peças de ouro assim que recebessem alta. Em resumo a caridade tem existido há longo tempo, na maioria das vezes, ligada a alguma religião (HUDSON, 1999).

Prossegue o autor afirmando que, no entanto, esse papel do setor de filantropia foi bastante conflitante na Idade Média. Ele cita que durante o século XVI os reis Henrique VIII e Eduardo VI na Inglaterra, confiscaram hospitais e propriedades de associações. Nesta época o Movimento da Reforma minou o sistema de assistência social centrado na igreja e a lacuna foi preenchida por uma interferência maior do Estado por meio de impostos.

Durante a maior parte desse período até a metade do século XIX, a caridade foi caracterizada por um grande número de organizações engajadas em atividades com pouco conhecimento sobre as causas básicas da pobreza.

As organizações trabalhavam, sem saber o que as outras estavam fazendo e sem conhecer os próprios beneficiários. Na segunda metade do século elas adotam uma abordagem mais coerente. Por causa das medidas dos governos, as instituições começaram a distinguir as pessoas mais pobres das menos dependentes que tinham emprego, por exemplo.

A partir de 1840 os governos passam a exercer um papel mais amplo, o princípio básico era de que o Estado deveria assegurar padrões mínimos, mais adiante isso foi sendo estendido para vários serviços como: pensões, refeições escolares e seguros saúde e desemprego.

Nesta época em que houve grande processo de industrialização das nações, muitos problemas sociais se intensificaram. Ideias de governo diferentes surgiram. Vários pensadores ajudaram a formar a ideologia que se convencionou chamar de socialismo. Dentro dessa linha de pensamento Karl Marx foi seu mais proeminente pensador.

Os socialistas entendem que o capitalismo é injusto e que o Estado deve prover às necessidades dos cidadãos. Do outro lado estavam os capitalistas liberais, que seguiam as ideias de Adam Smith e sua “mão invisível” que conduz a economia.

226

A economia liberal, sem restrições governamentais, que seguia esse modelo da “mão invisível” entrou em crise, causando graves problemas sociais, por isso que as ideias de Economia Planejada dos socialistas encontraram muitos adeptos.

As crises sociais chegaram ao seu auge a partir da quebra da bolsa em 1929, seguida das grandes guerras mundiais. Após a Segunda Grande Guerra Mundial, surgiu o “Welfare State” ou “Estado de Bem-estar”. A Grã-Bretanha foi o país que se destacou na construção do Estado de Bem-estar com a aprovação no ano de 1942 de um programa de governo com muitas providências nas áreas da saúde e escolarização. Outros países seguiram o modelo nos anos seguintes.

Durante um certo tempo o terceiro setor atuou num segundo plano, mas isso mudou a partir dos anos 1960, quando o setor

voluntário começou a exercer influência à medida que novas necessidades eram identificadas e que novos meios de arrecadação foram estabelecidos (HUDSON, 1999).

A partir dos anos 1970 as ações das ONGs se voltaram para uma política social de desenvolvimento comunitário e para a execução de atividades de autoajuda, assistência e serviços nos campos do consumo, da educação de base, da saúde, entre outros (TENÓRIO, 2005).

Conclui Hudson (1999) que a importância das entidades que compõe o terceiro setor não diminuiu desde aquela época, nota-se que a tendência na direção de uma abordagem mais estratégica aconteceu simultaneamente com um aumento da intervenção do Estado nos assuntos sociais. O resultado foi que muitas das inovações para atender as necessidades das pessoas estabelecidas pelo terceiro setor foram gradativamente adotadas pelo governo.

As grandes organizações enfocaram atendimentos não proporcionados pelo Estado. Tenório (2005) salienta que as ONGs que, inicialmente, tinham caráter assistencialista, ligadas principalmente a grupos religiosos, diversificaram suas ações e passaram a adotar como estratégia a ação localizada e de pequenas proporções, com o objetivo de repercutir e promover mudanças de longo prazo, com caráter duradouro, atuando fortemente na formação de novos atores sociais. Atores que não pretendem substituir a ação do estado, mas que estimulam a rediscussão de seu papel, numa perspectiva que inclua a participação cidadã no processo de democratização, direcionando o foco do desenvolvimento para seu aspecto social e tendo como contraponto os modelos de desenvolvimento centrados no estado e no mercado. Desta forma

Gonçalves (2006) afirma que a importância do Terceiro Setor é crescente, assumindo um papel fundamental e insubstituível na mobilização de pessoas e recursos materiais necessários para enfrentar problemas sociais agravados pela desigualdade, tais como: o combate à pobreza, à desigualdade e à exclusão social em todas as partes do mundo.

Como são caracterizadas as entidades do Terceiro Setor?

228 Gonçalves (2006) traça o perfil das entidades que compõe o terceiro setor, apontando para as características estudadas pelo economista Lester Salamon, do Instituto John Hopkins, dos Estados Unidos para quem as instituições que integram o Terceiro Setor apresentam as seguintes características:

Estruturadas — possuem certo nível de formalização de regras e procedimentos ou algum grau de organização permanente. Excluem-se as organizações sociais que não apresentam uma estrutura interna formal;

Privadas — estas organizações não têm nenhuma relação institucional com governos, embora possa receber recursos destes;

Não distribuidoras de lucros — nenhum lucro gerado pode ser distribuído entre os seus proprietários ou dirigentes. O que a distingue não é o fato de não possuírem “fins lucrativos” e sim o destino que é dado aos lucros, que devem ser dirigidos à realização da missão da instituição;

Autônomas — possuem os meios para controlar a sua própria gestão e não são controladas por entidades externas;

Voluntárias — envolvem um grau significativo de participação voluntária (trabalho não remunerado). A participação de voluntários pode variar entre organizações e de acordo com a natureza da atividade por elas desenvolvidas.

Quais são as peculiaridades da Gestão de Projetos no Terceiro Setor?

Rocha³ aponta para a grande transformação que a área social vem sofrendo nos últimos anos, saindo de ações apenas assistencialistas para projetos sociais de alta complexidade.

229

Com a maior complexidade, houve também uma maior profissionalização, um aperfeiçoamento na gestão dessas ações. De tal forma que técnicas e ferramentas do gerenciamento de projetos foram incorporados ao terceiro setor.

A mais importante diferença entre projetos do segundo setor e projetos do terceiro setor está no escopo. Naqueles, o objetivo final será geralmente um produto ou serviço, especialmente que vise lucro da empresa. No terceiro setor será sempre uma mudança social ou melhoria social.

.....
³ Disponível em: <<http://migre.me/wG9Me>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

Rocha⁴ conceitua da seguinte maneira: melhoria social é a transformação de uma situação social problemática em outra menos problemática; já mudança social é uma diferença substancial observada em relação a situações, hábitos ou comportamentos anteriores.

O primeiro setor poderá ter projetos com esse cunho bem como projetos com vista ao lucro de empresas estatais ou de economia mista. Enquanto o terceiro setor nunca terá como objetivo o lucro, pois em sua essência são entidades sem fins lucrativos. Importante ressaltar que quando uma ONG vende um produto ou serviço, ela não tem lucro, mas sim resultado superavitário. Este será reaplicado nos objetivos institucionais e não repartido entre os sócios.

Tendo isso em mente, o autor lista outras peculiaridades que fazem os projetos sociais serem diferentes dos outros projetos em geral.

230

A primeira mencionada é o envolvimento emocional com a causa do projeto ou com a comunidade beneficiada, o que muitas vezes pode levar a tomada de decisões sem base racional.

Em seguida temos a subjetividade que é muito presente tornando a definição de metas e a avaliação dos resultados algo extremamente complexo. Por exemplo, fazer com que a comunidade beneficiada volte a sonhar.

Um projeto social tem uma outra peculiaridade bastante complicada que é a abrangência. Quando se é definido o escopo ou o foco do projeto tem que se levar em consideração uma série de outros fatores e públicos que afetam indireta ou diretamente o público alvo do projeto. O autor traz o exemplo de um projeto voltado para a melhoria do estado nutricional de

.....
⁴ Disponível em: <<http://migre.me/wG9Me>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

crianças de 0 a 6 anos de determinada comunidade. Esta criança muitas vezes tem problemas habitacionais e de saneamento básico. Pode ter um irmão envolvido com o tráfico de drogas ou uma mãe dependente química. Ou ainda um pai desempregado. De sorte que o projeto social pode não alcançar a melhoria ou mudança que deseja uma vez que os problemas estão interligados.

Uma quarta peculiaridade apontada pelo autor é a pessoalidade. As relações são quase que exclusivamente baseadas nas pessoas e na confiança entre elas. A figura institucional é bastante frágil, esses relacionamentos dependem muito de posturas pessoais, de aspectos ideológicos e de elementos emocionais tais como a empatia.

O autor conclui asseverando que outras peculiaridades existem, mas o mais importante são as consequências de não se levar em conta essas características o que afetará diretamente no sucesso do projeto.

231

A importância das boas práticas de Gestão de Projetos no Terceiro Setor

Em entrevistas com dirigentes das organizações de terceiro setor, sediadas no Rio de Janeiro, constatou-se que: nem sempre as ONGs têm uma ideia clara de sua missão, de forma a delimitar suas ações; fixar objetivos e metas; e avaliar seus resultados (TENÓRIO, 2005).

Configuram-se como organizações em geral pautadas pela informalidade, “praticamente sem normas e procedimentos escritos, o que por um lado as torna ágeis, mas por outro dificulta sua gestão

porque as funções e as responsabilidades de seu pessoal não são claramente definidas” (TENÓRIO, 2005, p. 13).

Outra questão apontada pelo autor é que o produto de seu trabalho, em geral não é vendido, o que as torna dependentes de doações, prejudicando ainda mais seus controles e gerenciamento. Neste ponto, outro desafio apontado é que as ONGs brasileiras enfrentam grandes dificuldades de financiamento, visto que os recursos muitas vezes são direcionados para regiões consideradas mais necessitadas, como a África, por exemplo.

Para Fischer (2004) as Organizações do Terceiro Setor têm consciência de que além da boa vontade, é fundamental a profissionalização do pessoal para oferecer um serviço de qualidade com destaque. Essas organizações têm procurado qualificar os seus serviços para deixarem de ser exclusivamente assistencialistas para atuarem no desenvolvimento sustentável das comunidades pobres. É o que o autor chama de passagem da informalidade para a “fase da profissionalização”.

232

Jadon (2005) cita dois fatores fundamentais que justificam a necessidade de se profissionalizar a gestão social, apontando para a expansão do Terceiro Setor como explicação do surgimento desses fatores.

O primeiro deles é o engajamento do setor privado nas questões sociais, por meio do qual, em empresas do segundo setor, tanto brasileiras quanto multinacionais, iniciaram um processo de atuação nas áreas sociais em parceria com a sociedade civil.

O outro fator importante é a sustentabilidade. Esta visa o fim da dependência, o que implica tomar providências como: diversificar fontes de financiamento; desenvolver projetos de geração de receitas; profissionalizar

recursos humanos e voluntariado; atrair membros/sócios das organizações; estratégias de comunicação; buscar paradigmas de avaliação de resultados sociais; e desenvolver uma estrutura gerencial.

O autor cita, ainda, que, independentemente da ferramenta de gestão empresarial que se pretenda utilizar na gestão social, torna-se imprescindível uma adaptação da linguagem e dos conceitos.

Quem são os stakeholders? Qual sua importância nos Projetos?

Segundo Vaz⁵ “stakeholders são todas as pessoas, empresas e instituições que impactam ou são impactadas pelo projeto, seja de forma direta ou indireta”. Para a autora, inclusive cada stakeholder tem um grau diferente de influência sobre o projeto.

Barbi (define stakeholder como:

O conjunto dos interessados de um projeto engloba todas as pessoas que de alguma forma podem influir no sucesso do projeto. Assim considera-se interessado desde o patrocinador, os fornecedores, os membros da equipe de projeto, os membros da diretoria da empresa e o público externo (usuários e vizinhos) que seja afetado pelo projeto. Cada projeto tem seu grupo de stakeholders próprio. A questão crítica é identificar todos os que podem influir.⁶

.....
⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2qPIvHg>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2rUA2Ay>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

Esses e outros autores concordam que cada stakeholder tem graus de importância e influência diferentes, portanto a chave é identificar cada um deles e aprender a lidar com eles. O Guia PMBOK inclusive define um processo específico para identificar as partes interessadas, abordando as entradas, ferramentas e técnicas e saídas desse processo.

A análise de stakeholders⁷ é uma das técnicas sugeridas pelo guia para auxiliar na identificação das partes interessadas por meio dos seguintes passos:

1. Identificar os stakeholders em potencial
2. Identificar os possíveis impactos ou suporte dos stakeholders
3. Avaliar estratégias de influências para os stakeholders

234

O autor prossegue em salientar que em cada projeto existem muitas partes interessadas, ressaltando que o Guia PMBOK recomenda classificá-los de acordo com seus interesses, influências e envolvimento com o projeto. Essa avaliação é importante para definir a estratégia que será adotada na abordagem de cada stakeholder, tanto para influenciar na obtenção de apoios quanto mitigar impactos negativos ocasionados pelos envolvidos no projeto.

Para Vaz⁸ é muito importante de saber quem são os stakeholders para que se identifique seus interesses e se alinhe suas expectativas, para torná-los aliados. Há ainda o benefício, segundo a autora, de que

.....
⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/2qWEtLV>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/2qPlvHg>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

ao envolver pessoas em uma determinada iniciativa, isso agregará diferentes visões o que poderá ser um diferencial para o sucesso do projeto.

Barbi⁹ destaca que a análise dos stakeholders deve ser um processo sistemático de coleta e análise de informações sobre os interesses, objetivos e preferências das partes interessadas tendo como objetivo mapear os riscos e as necessidades de comunicação do projeto. Ele ainda resume esta análise em quatro passos:

1. Determinar quem pode afetar o projeto;
2. Identificar os pontos de contato de cada interessado com o projeto (quem tem contato diário tem mais influência do quem tem contato eventual);
3. Identificar como cada interessado pode ajudar e atrapalhar o andamento do projeto;
4. Quantificar os graus de poder/influência e interesse de cada interessado.

235

Sousa e Almeida (2006) adicionam que o maior desafio consiste em conviver com os diferentes objetivos dos diversos grupos de interesse que formam seu ecossistema, atendendo às suas expectativas.

O processo de Comunicação em Projetos

Quando pensamos em comunicação no ambiente de mercado, pensamos principalmente na comunicação com o público externo, pensamos nas áreas de marketing e relações públicas da empresa. Muitas vezes passa-se despercebido o fato de que a comunicação é

⁹ Disponível em: <<http://bit.ly/2rUA2Ay>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

muito mais ampla. O Guia PMBOK coloca que “o gerenciamento das comunicações em projetos deverá empregar os processos necessários para garantir a geração, coleta, distribuição, armazenamento, recuperação e destinação final das informações sobre o projeto de forma oportuna e adequada”.

Cahen (2009, p. 29) comenta em sua obra que a Comunicação Empresarial é uma atividade sistêmica, por isso deve depender pouco de atividade individual e mais de sistemas implantados. Está ligada aos mais altos escalões da empresa, por isso que ele entende que esta tem caráter estratégico. De tal sorte que o objetivo desta é: criar — onde ainda não existir ou for neutra — manter — onde já existir — ou, ainda, mudar para favorável — onde for negativa — a imagem da empresa junto a seus públicos prioritários.

236

Ele prossegue afirmando que imagem todos têm, mas uma imagem positiva é muito difícil de conquistar, mais ainda de manter, e fácil de perder (CAHEN, 2009).

Os públicos prioritários, que o autor menciona que a quem a empresa deve manter uma imagem positiva são: governo; autoridades estrangeiras; associações de classe; comunidades locais; escolas; imprensa; clientes; fornecedores de bens e serviços; concorrentes; comunidades de negócios; público interno; outros ocasionais (CAHEN, 2009).

Estes são na verdade uma lista de stakeholders, previamente comentado. No entanto, mister ressaltar que além dos públicos prioritários externos, o público interno dentro da gestão de projetos é extremamente importante no gerenciamento das comunicações em projetos. Por essa razão que o Guia PMBOK (2004) destaca as

palavras “distribuição”, “armazenamento” e “destinação final”. Afinal, as informações dentro de um projeto devem ser distribuídas aos que necessitam delas para fazer o projeto acontecer, por exemplo.

O Guia PMBOK (2004) ainda faz uma ressalva muito clarificadora, as habilidades de comunicação em geral, não são as mesmas das comunicações em gerenciamento de projetos, mas estão relacionadas a elas. Neste guia, as comunicações são divididas em quatro processos.

O primeiro processo é o de Planejamento das Comunicações. O alvo deste é garantir que todas as partes interessadas envolvidas no projeto tenham as informações de que precisam, quando precisarem, para satisfazer suas responsabilidades (FRANCIS e HORINE, 2005).

Segundo Rita (2013) esse planejamento é o processo que documenta as expectativas de comunicação e guiará o gerente de projetos e as partes interessadas na criação de comunicações de projeto para garantir que as informações cheguem às pessoas que necessitam delas. Estas devem ser claras e compreensíveis, além de permitir que as partes interessadas saibam como devem agir conforme necessário.

O segundo processo é o de Distribuição das Informações. Este envolve colocar as informações à disposição das partes interessadas no projeto no momento oportuno, segundo o Guia PMBOK (2004), além de responder às solicitações de informações não previstas.

Uma área das comunicações em projetos que frequentemente é negligenciada é a importância de fornecer as informações corretas aos membros da equipe do projeto básico, sempre que uma nova pessoa se junta ao projeto é especialmente importante passar todas as informações a ela (FRANCIS; HORINE, 2005).

Chaves et. al. (2006) afirmam que a partir da distribuição é que surge a maior parte dos problemas no ciclo de vida de um projeto. Segundo os autores o maior desafio em relação às comunicações pode ser a manutenção das informações. Coletar, sistematizar e distribuir as informações é um grande problema para o gerente de projetos e sua equipe. Esta deve ser treinada para ter muita disciplina e persistência nessa prática.

O terceiro processo é o de Relatório de Desempenho. Rita (2013) comenta que uma grande parte do gerenciamento das comunicações se concentra no relatório de desempenho. Este deve reunir todas as informações do desempenho do trabalho desenvolvido e realizado e comunicá-las às partes interessadas apropriadas, de tal modo que faça sentido para elas. Chaves et al. (2006) atentam para o fato de que sem as informações necessárias — tais como, quais atividades estão atrasadas, quais foram interrompidas, quais não serão mais necessárias etc. — cheguem aos seus destinatários como poderia o projeto ser gerenciado?

238

Por isso que os autores concluem dizendo que para que haja sucesso em um determinado projeto é imprescindível que as informações sobre o seu desempenho sejam coletadas e disseminadas, e que essas informações esclareçam como os recursos do projeto estão sendo utilizados.

O quarto e último processo é o de Gerenciamento das Partes Interessadas (ou stakeholders). Estes, segundo o Guia PMBOK (2004), se refere a gerenciar as comunicações para satisfazer as necessidades das partes interessadas no projeto e resolver problemas com elas. Ainda, este tipo de gerenciamento, aumenta a probabilidade de sucesso no

projeto, de forma que a sinergia das partes envolvidas é otimizada e as interrupções do projeto são limitadas.

Segundo Chaves et al. (2006) o gerenciamento das partes interessadas se dá, principalmente, pela utilização de dois mecanismos: reuniões e atualização do plano de comunicação do projeto.

As reuniões face a face, ou ainda por outros meios como videoconferência, são as principais ferramentas que devem ser utilizadas periodicamente durante o ciclo de vida do projeto, para que decisões relacionadas com seu andamento sejam tomadas. O plano de comunicação deve ser atualizado constantemente, pois, é fundamental que se mantenha as informações permanentemente ajustadas aos requisitos das partes interessadas.

A comunicação nos Projetos Sociais

Como visto o gerenciamento de projetos em geral se diferencia dos projetos sociais em alguns aspectos. Esta comunicação nos projetos sociais sofre interveniências de grupos bem diversos, como por exemplo: financiadores, executores e beneficiados. Por essa razão é que esta deve ser a mais transparente possível. Qualquer mal-entendido serve para as pessoas questionarem, ficarem insatisfeitas e tirarem o foco do objetivo final do projeto (GONÇALVEZ, 2006).

Ademais comunicar bem o que a entidade faz deve ser visto como um valor fundamental. Pois, como ressalta o autor, a sociedade só repassará recursos se souber que a instituição existe e o que ela faz.

Por isso, é de suma importância conhecer o que a sociedade quer e as razões que levam as pessoas a doarem recursos.

Com o crescimento do setor, natural que nos últimos anos, organizações sem fins lucrativos estejam chamando a atenção e sendo alvo da curiosidade da imprensa, de pessoas físicas e jurídicas, de entidades privadas e órgãos públicos. Por isso, para Gonçalves (2006), é imprescindível que estas entidades saibam se expressar de forma correta, objetiva, e, se possível, atraente.

As estratégias de comunicação devem ser as mais variadas: desde a publicidade em si, uma vez que o objetivo é que a entidade seja a primeira a ser lembrada pelas pessoas, passando por um intenso contato com a mídia, e até mesmo na promoção de eventos constantes. Desta maneira o autor destaca que da mesma forma que a entidade precisa de um plano de negócios, ela também deve ter um claro plano de comunicação (GONÇALVEZ, 2006).

Como anteriormente mencionado, é essencial que no gerenciamento de projetos todas as partes envolvidas tenham as informações necessárias para o bom andamento do mesmo. Com relação aos projetos sociais, essa comunicação é ainda mais importante, pois uma má comunicação com os stakeholders na execução de determinado projeto prejudicará a relação entre a entidade e os patrocinadores, por exemplo.

Em outras palavras, uma instituição favoravelmente reconhecida por todos aqueles indivíduos ou organizações que tem interesse no seu desenvolvimento — stakeholders — terá uma predisposição favorável, será a mais lembrada e terá um diferencial na hora de competir com outras instituições para financiamento (GONÇALVEZ, 2006).

Considerações finais

A pergunta de partida desta pesquisa procurou estabelecer como se dá o processo de comunicação em projetos do terceiro setor. Para responder tal questionamento, partiu-se da conceituação do que é gestão de projetos. Este é um esforço feito em etapas, por tempo determinado com o intuito de alcançar algum fim específico. Projetos são atividades muito comuns em todos os setores, seja no setor público ou privado. Podem ser atividades simples ou altamente complexas com longa duração.

Destacou-se que o terceiro setor foi convencionado ser chamado assim por suas atividades não serem especificamente públicas nem tão pouco exclusivamente privadas. Por esta razão, por serem atividades de intuito público visando o bem da população, mas realizadas pelo setor privado, outro nome foi dado.

Historicamente as atividades do terceiro setor começaram bastante precárias e amadoras e ao longo dos anos foram aperfeiçoando-se. Com o crescimento do setor, naturalmente os profissionais que atendiam as necessidades da população vulnerável foram melhorando suas práticas de gestão. De forma, que as entidades entenderam a necessidade de boas práticas de gestão para que suas organizações pudessem se tornar sustentáveis e duradouras.

No entanto essas boas práticas devem ser de alguma forma adaptadas pois diferem em alguns aspectos de projetos que não pertencem ao terceiro setor. Uma das práticas essenciais para que os projetos possam ser bem-sucedidos é o processo de comunicação.

Na gestão de projetos o processo de comunicação é feito em quatro partes. Começa-se pelo planejamento das comunicações que serão feitas durante todo o projeto. Em seguida passa-se a manejar a distribuição das informações às pessoas necessárias. Durante a execução do projeto, importantíssimo que sejam feitos relatórios de desempenho, que servirão para controlar o andamento do projeto. Por fim, o gerenciamento das partes interessadas é essencial.

As partes interessadas, ou stakeholders, são todas as pessoas físicas ou jurídicas, entidades públicas ou privadas, até mesmo as comunidades ao redor do projeto que sejam direta ou indiretamente afetadas pelo resultado final esperado. Se a comunicação em um projeto qualquer já é muito importante, essa aumenta ainda mais em um projeto social, pois, a má comunicação com os stakeholders pode comprometer as atividades da entidade como um todo. Podendo inclusive esta perder sua razão de existir. Deste modo, conclui-se que o processo de comunicação é de suma importância em qualquer projeto, e em um projeto social, o cuidado deve ser ainda maior.

242

Referências

CAHEN, R. **Comunicação empresarial: a imagem como patrimônio da empresa e ferramenta de marketing**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.

CHAVES, L. E.; SILVEIRA, F. H.; PECH, G.; CARNEIRO, M. F. **Gerenciamento da comunicação em projetos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FISCHER, R. M. Gestão de pessoas nas organizações do terceiro setor. In: VOLTOLINI, R. (Org.). **Terceiro setor: planejamento e gestão**. São Paulo: Senac, 2004.

FRANCIS, D.; HORINE, G. **Exame fácil PMP**. Petrópolis: Alta books, 2005.

GONÇALVEZ, M. A. **Gestão estratégica de entidades sem fins lucrativos**. São Paulo: Áurea Editora, 2006.

HUDSON, M. **Administrando organizações do terceiro setor: O desafio de administrar sem receita**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1999.

JADON, N. Contribuição para o desenvolvimento de paradigmas de gestão social. **Revista Unicsul**, n. 12, p. 163-171, 2005.

LOPES, D. **Gerenciamento de projetos ao alcance de todos**. São Paulo: Ruptura, 2014.

SOUSA, A. F.; ALMEIDA, R. J. **O valor das empresas e a influência dos stakeholders**. São Paulo: Saraiva, 2006.

TENÓRIO, F. G. (Org). **Gestão de ONGs: principais funções gerenciais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VARGAS, R. V. **Gerenciamento de projetos com o Microsof Project 98**. Rio de Janeiro: BRASPORT Livros e Multimidia, 1998.